

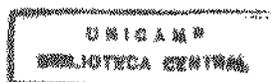
Elza Taeko Doi

O PAPEL DA SÍLABA E DA MORA NA ORGANIZAÇÃO RÍTMICA  
DO JAPONÊS

Tese apresentada ao Curso de Lingüística  
do Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Doutor em Lingüística.

Orientadora:  
Profa. Dra. Maria Bernadete Marques  
Abaurre

UNICAMP  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
1997



Ex.
BC/32689
395798
<input type="checkbox"/> D <input checked="" type="checkbox"/> Y
R\$ 1100
19/01/98
0

OK

1.00104264-1

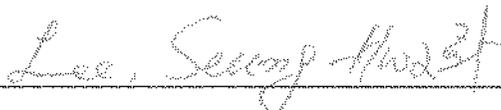
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

D684p	<p>Doi, Elza Taeko</p> <p>O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do japonês / Elza Taeko Doi. -- Campinas, SP: [s n.], 1997</p> <p>Orientador. Maria Bernadete M. Abaurre Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem</p> <p>1. Língua japonesa - fonologia 2. Ritmo. 3. Linguagem - estudo e ensino. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem III. Título</p>
-------	--

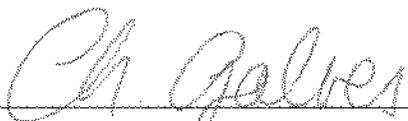
  
Prof. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (orientadora)



Prof. Dra. Marília Facó Soares



Prof. Dr. Seung-Hwa Lee



Prof. Dra. Charlotte C. Galves



Prof. Dra. Ester M. Scarpa

Esta exemplar é a redação final da tese  
defendida por ELLEN TAVAKI JUI

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
11/1/99.

Prof. Dra. Maria Bernadete M. Marques

## AGRADECIMENTOS

- À Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, pela paciência e generosidade na orientação;
- à Profa. Dra. Ester M. Scarpa e à Profa. Dra. Charlotte C. Galves pelas observações e sugestões feitas no Exame de Qualificação da Tese;
- a Capes/Fulbright pela concessão da Bolsa Sanduíche na Universidade de Califórnia, San Diego, Estados Unidos, em 1989-1990;
- ao Centro de Estudos da Língua Japonesa, que me permitiu gravar o desempenho de brasileiros em japonês;
- aos meus informantes brasileiros e japoneses; e,
- aos amigos e familiares, pelo estímulo e apoio.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a três pessoas que despertaram e motivaram meu interesse pelo japonês enquanto objeto de estudo:

- a meu pai, por suas freqüentes observações sobre o uso das línguas;
- à Profa. Midori Momoi (*in memoriam*), que me deu uma base segura no conhecimento do japonês; e
- ao Prof. Dr. Teiiti Suzuki (*in memoriam*) que me iniciou nos estudos acadêmicos.

## SUMÁRIO

Resumo .....	viii
Lista de abreviaturas .....	ix

### INTRODUÇÃO

1. A Questão .....	1
2. Pressupostos teóricos .....	4
3. Os dados .....	5
4. Organização do Trabalho .....	6

### CAPÍTULO 1 - A mora, a sílaba e o acento do Japonês

1. Introdução .....	8
2. A mora .....	8
2.1 Moras plenas .....	9
2.2 Moras não plenas ou especiais .....	9
3. A sílaba .....	12
4. O acento .....	13
Notas .....	19

### CAPÍTULO 2 - Discussões sobre a Mora e a Sílaba do Japonês

1. Introdução .....	24
2. A mora e a visão da mora nos trabalhos dos lingüistas japoneses .....	24
3. Caracterização da sílaba em relação à mora .....	27
3.1. Hayes .....	28
3.2. Hyman .....	29
4. A sílaba na análise do japonês .....	30
4.1. O papel da sílaba nas análises de Hattori, McCawley e Kubozono .....	31
4.1.1. Hattori .....	31
4.1.2. McCawley .....	36
4.1.3. Kubozono .....	40
5. Considerações sobre a sílaba do japonês .....	44
6. A estrutura da sílaba do japonês .....	51
6.1. Abe .....	51
6.2. Poser .....	54
6.3. Tabata .....	56
6.4. Yoshida .....	59
7. A sílaba e a unidade de peso .....	62
Notas .....	68

## **CAPÍTULO 3 - O Ritmo do Japonês**

1. Introdução .....	71
2 Bekku e o grupo rítmico .....	71
3. Poser e o pé bimoraico .....	78
4. Processos morfológicos baseados em pés .....	87
5. Considerações sobre as unidades rítmicas propostas por Bekku e Poser .....	88
Notas .....	92

## **CAPÍTULO 4 - Os Constituintes Prosódicos do Japonês**

1. Introdução .....	93
2. A Fonologia Prosódica .....	93
2.1. A sílaba e o pé .....	97
2.2. A palavra fonológica .....	101
2.3. O grupo clítico .....	102
2.4. A frase fonológica .....	103
2.5. A frase intonacional .....	103
2.6. O enunciado fonológico .....	104
3. Os constituintes fonológicos da prosódia do japonês .....	105
3.1. A sílaba .....	105
3.2. O pé .....	105
3.3. A palavra fonológica .....	110
3.3.1 A estrutura morfológica e a formação de palavras da língua japonesa .....	110
3.3.1.1. As classes de palavras do japonês .....	110
3.3.1.2. Formação da palavra .....	121
3.3.1.3. Sobre a classificação das palavras da Gramática de Hashimoto .....	122
3.3.2. A palavra fonológica .....	124
3.4. A frase fonológica .....	133
4. Relação entre a mora, a sílaba e o pé na prosódia do japonês .....	136
Notas .....	139

## **CAPÍTULO 5 - Análise dos Dados**

1. Introdução .....	142
2. O português falado pelos japoneses .....	143
3. O japonês falado pelos brasileiros .....	146
4. Discussão dos dados .....	150
4.1. Bimoraicidade .....	151
4.2. A mora e a estrutura da sílaba .....	156
4.3. Caracterização das palavras .....	157
Notas .....	159

<b>CAPÍTULO 6 - Considerações Pedagógicas</b>	
1. Introdução .....	160
2. A questão .....	160
3. As moras especiais .....	161
4. Implicações para o ensino .....	165
Notas .....	168
<b>CAPÍTULO 7 - Considerações Finais</b> .....	169
<b>Abstract</b> .....	174
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	175

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo definir o papel que a sílaba e a mora exercem no japonês, tendo em vista que nas análises dessa língua, as moras são consideradas unidades de ritmo e componentes da sílaba, mas as sílabas não são definidas em termos de ritmo.

No desenvolvimento do trabalho, recorreremos ao modelo de Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) e à Teoria Métrica de Acento (Hayes, 1995) para a determinação do domínio da palavra fonológica e do pé rítmico, tendo como base a noção de bimoraicidade desenvolvida por Bekku (1977) e Poser (1985, 1990).

Os dados que utilizados na análise consistem do português falado por japoneses e do japonês falado por brasileiros. Extraídos da fala de não-nativos, estes dados se caracterizam por sua natureza desviante em relação às realizações esperadas em falantes nativos, fornecendo, assim, elementos de interesse para a análise da sílaba e da mora como unidades rítmicas do japonês.

A caracterização do ritmo do japonês baseada na isocronia das moras não define propriamente um ritmo lingüístico porque a isocronia não determina uma organização rítmica resultante de uma marcação regular de um elemento proeminente.

O recurso ao pé troqueu moraico adotado neste trabalho trouxe uma compreensão da natureza da sílaba como uma unidade do pé que marca o ritmo da língua. No caso do japonês, comumente considerado como língua de ritmo de base moraica (*mora-timed*), com acento de altura, em que se conta apenas a duração das moras para a descrição do ritmo, a marcação da proeminência nas sílabas traz uma nova perspectiva para a organização do ritmo da língua. A sílaba pesada definida como acentuada (cf. Hayes, 1995) passa a ter um papel na prosódia da língua como uma unidade pé bimoraico, ocupando o mesmo status de um pé formado por duas sílabas leves, duas moras, independente do acento de altura. Com relação às moras plenas, podemos também dizer que, ao serem desvinculadas do acento de altura e incorporadas na unidade pé, adquirem um papel de portadoras de marcação forte ou fraca, definindo o seu papel como sílabas leves dentro do ritmo da língua. As sílabas são unidades constitutivas do pé e organizadoras das moras.

# INTRODUÇÃO

## 1. A Questão

Em japonês, língua que é comumente caracterizada como de ritmo moraico, a mora é definida como a menor unidade fonológica e como uma unidade de ritmo, e a sílaba como uma unidade de acento. Dentro dessa perspectiva, as moras, consideradas unidades de ritmo, são analisadas como constituintes da sílaba, mas não se define o papel que as sílabas ocupam na organização rítmica do japonês. Este trabalho tem como objetivo caracterizar o papel que a sílaba, formada por moras, exerce na organização rítmica do japonês.

Os lingüistas japoneses Kindaichi (1967), Arisaka (apud Kindaichi, *op.cit.*), Kamei (apud Kindaichi, *op.cit.*) e outros postulam apenas a unidade haku ou mora como a menor unidade fonológica para o japonês. Yoshida (1990), ao contrário dos anteriores, não postula a mora e atribui um status de sílaba para as moras nasais e longas do japonês. Todos os outros lingüistas cujas análises são apresentadas neste trabalho postulam a sílaba leve/breve e a sílaba pesada/longa, como uma unidade de acento e como portadora de peso, assumindo a mora como constituinte da sílaba e como unidade de ritmo.

Existe, porém, uma diferença na apreensão das moras no interior da sílaba: para Abe (1987) e Poser (1985) a mora é considerada uma unidade de peso constituinte da rima nos termos propostos por Hayes (1989), enquanto que para Hattori (1976), McCawley (1968), Vance (1987) e Tabata (1989), a mora é considerada uma unidade de duração; e para Kubozono (1994), a mora é considerada uma unidade de peso comparável aos termos propostos por Hyman (1985).

Quanto à organização da sílaba, podemos dizer que a sílaba longa/pesada nos termos de Hattori, McCawley, Vance(1987) e Kubozono (1994) possui a mesma estrutura, segundo a qual o grupo formado pela mora plena e mora especial é dominado diretamente pela sílaba. Na sílaba pesada proposta por Abe e Poser, o elemento rima da sílaba exerce um domínio direto sobre a vogal da mora plena e sobre as moras especiais. Nesta proposta, a relação que se estabelece entre a camada da sílaba e da mora é distante e indireta. A sílaba

proposta por Tabata (1989) caracteriza-se pela disposição hierárquica entre as moras que compõem a sílaba: a mora plena que ocupa a cabeça da sílaba e a mora especial que ocupa o lugar de modificador.

Destacamos duas questões que envolvem a discussão sobre a mora e a sílaba em japonês: a primeira refere-se à ausência de uma caracterização do ritmo da língua, e a segunda refere-se ao papel que a sílaba, definida como unidade de acento, ocupa no ritmo do japonês.

Com referência à primeira questão, podemos dizer que, com exceção das análises sobre o ritmo de japonês propostas por Bekku (1977) e Poser (1985) que se baseiam na bimoraicidade, o ritmo dessa língua costuma ser definido como “mora-timed”, isto é, organiza-se por moras, unidades consideradas isocrônicas. Percebe-se nessa definição apenas uma referência circular aos termos propostos (ritmo e mora) sem uma caracterização do ritmo propriamente dito do japonês. Além disso, a definição de ritmo baseada na isocronia das moras não caracteriza um ritmo justamente pela ausência de uma marca proeminente, como intensidade, altura do tom, duração, pausa, etc., que, repetida regularmente dentro de uma cadeia, viria constituir um ritmo. Em outras palavras, a repetição sucessiva de elementos de um mesmo tipo não define um ritmo: para que haja uma caracterização rítmica, as unidades com marcas proeminentes devem se alternar em intervalos regulares dentro de uma seqüência de unidades caracterizadas como não marcadas. Nesse sentido, definir as moras como determinadoras de um ritmo isocrônico não seria apropriado: neste caso constata-se apenas uma repetição de um mesmo elemento sem destaque em termos de proeminência. Nem mesmo a determinação do número de moras na composição de poemas e na formação de uma frase bem formada ritmicamente, como se costuma definir para o japonês, contribui para a caracterização do ritmo, segundo Bekku (1977). Diante disso, torna-se necessária uma descrição da estrutura rítmica da língua por outros critérios, já que a definição do ritmo do japonês como “mora-timed” é insuficiente para a apreensão desse aspecto da língua.

Na fonologia do japonês o acento constitui a área de maior tradição em pesquisas: a preocupação com o aspecto prosódico da língua concentra-se, portanto, na determinação do padrão acentual das palavras e das unidades superiores da hierarquia prosódica. Como

consequência, percebemos que as pesquisas em prosódia desenvolvem-se em direção às caracterizações entoacionais, com pouca preocupação com o ritmo da língua. Parece-nos que as pesquisas sobre o acento têm merecido uma maior atenção pela natureza distintiva do acento e porque ele envolve diferenças dialetais. Para um falante nativo de japonês, o ritmo não seria alvo de interesse porque inadequações rítmicas seriam inexistentes, mesmo que se considerem dialetos que se distinguem pelo ritmo moraico e pelo ritmo silábico, conforme a unidade em que se baseiam para a organização do ritmo (Jouo, 1977).

Consideramos que o desajuste rítmico ocorre com os falantes de línguas de ritmo distinto ao do japonês, ao falar essa língua. No entanto, mesmo as características do desempenho dos estrangeiros são, em sua maioria, atribuídas à inadequação acentual. Pesquisas que se relacionam com o desempenho de aprendizes da língua direcionam-se para a caracterização das unidades moras e a realização dos acentos de altura (Han, 1992; Sugito, 1989, 1990; e outros). O ritmo é assim uma área pouco explorada na fonologia do japonês. Kindaichi (1967) foi um dos poucos lingüistas a se interessar pelo assunto.

A segunda questão refere-se ao papel que a sílaba exerce no ritmo do japonês. A sílaba é definida como uma unidade da prosódia, como portadora de acento, segundo a definição de McCawley (1968). Diferentemente da análise dos lingüistas japoneses que consideram a mora como uma unidade de tom e de acento lexical, a proposta de McCawley baseia-se na interpretação do acento do japonês como sendo marcado pelo tom alto seguido de tom baixo. Para ele, a mora seria uma unidade de distância e de tom.

No interior da sílaba, a mora exerce o papel de organizadora dos segmentos. A mora é ainda percebida pelos falantes/ouvintes da língua como a menor unidade fonológica da língua, e essa percepção é comprovada por pesquisas desenvolvidas por Otake et al, 1993; e Morais et al., 1996. No entanto, em uma análise impressionística do japonês, são as sílabas, principalmente as sílabas pesadas, que se destacam como unidades da fala. Considerando com Hayes (1995) que a sílaba pesada é uma unidade acentuada em termos rítmicos, podemos dizer que a proposta de Hattori sobre a sílaba fonológica e a de Kubozono sobre a sílaba não-marcada resultam da apreensão dessa unidade em termos rítmicos.

Numa fala cuidadosa do japonês percebemos que o enunciado é realizado basicamente por unidades moraicas, o que caracteriza o ritmo moraico. No entanto, essa realização não se manifesta indefinidamente em seqüências de moras: percebe-se que a cadeia da fala organiza-se em grupos de unidades marcadas por uma breve pausa em intervalos de duas unidades moraicas (nos termos de Bekku, 1977), ou em grupos de unidades bimoraicas (Poser, 1985; 1990). Podemos dizer que essas "paradas" são decorrentes da organização das unidades sonoras que caracterizam o ritmo do japonês, as unidades pés (Hayes, 1995), determinadas pela proeminência rítmica.

A partir das questões relacionadas a seguir, este trabalho tem como objetivo determinar o papel da sílaba e da mora no ritmo do japonês. Em uma língua como o japonês, cujo ritmo é tradicionalmente definido em termos de moras, que papel teria a sílaba considerada a unidade acentual, formada por moras? Em outras palavras, a questão que se coloca é se haveria necessidade de se fazer referência à sílaba, caso se considere, como fazem os trabalhos tradicionais, que a estrutura rítmica do japonês organiza-se em termos de moras, e o sistema acentual da língua caracteriza-se pela altura de tom.

Resumindo, este trabalho pretende responder às seguintes questões:

- 1) Considerando que a sílaba é formada por moras que são, por sua vez, unidades do ritmo, qual é o papel da sílaba dentro do ritmo do japonês?
- 2) Que papel a sílaba, definida em termos de unidade de acento de intensidade, exerce no japonês, língua que se caracteriza pelo acento de altura?
- 3) Como se organiza o ritmo do japonês?

## **2. Pressupostos Teóricos**

Basear-nos-emos no modelo da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986) e no modelo da Teoria Métrica de Acento de Hayes (1995) para desenvolver este trabalho.

A Fonologia Prosódica, na medida em que estabelece domínios prosódicos hierarquicamente organizados em uma árvore prosódica, domínios estes construídos a

partir de informações também de outros níveis (morfológicos e sintáticos), permite uma melhor compreensão dos domínios de atuação de determinados processos fonéticos e fonológicos nas línguas. Ao propor uma hierarquia de domínios prosódicos nas línguas, o modelo de Nespor e Vogel possibilita uma determinação do papel que cada domínio exerce nos níveis superiores e inferiores.

A Teoria Métrica de Acento, de Hayes, fornece-nos elementos para a análise do ritmo da língua japonesa. A partir da análise do ritmo baseada nessa teoria chegamos à determinação do papel da sílaba como elemento constituinte do ritmo da língua, mais especificamente, da unidade pé.

### 3. Dados

Os dados utilizados neste trabalho foram extraídos da fala de informantes não-nativos de português e de japonês, caracterizando um tipo de dado que, por sua natureza atípica, consiste de realizações desviantes daquelas que se esperam na língua, denominamos de dados-limite.

Os dados do português foram extraídos da fala de japoneses residentes na região de Campinas, através de entrevistas de caráter informal realizadas nos anos de 1980-1981.

Os dados do japonês foram coletados por ocasião do Concurso de Oratória realizado em São Paulo pelo Centro de Estudos da Língua Japonesa nos anos de 1991, 1992 e 1993, entre os candidatos brasileiros não descendentes de japoneses que aprenderam o japonês em contexto formal.

Diferentemente dos dados coletados entre os japoneses, os dados dos brasileiros se caracterizam por uma realização mais cuidada, possivelmente sob a orientação de um professor de japonês. Esta diferença na coleta e no tipo de dados, no entanto, longe de se constituir em aspecto negativo para os nossos estudos, passa a ser positiva para a abordagem dos dados, pois:

- o português adquirido de forma “natural” pelos japoneses através do contacto direto com os falantes nativos da língua reflete a interpretação desses japoneses com relação às

características lingüísticas do português. A repetição de um determinado tipo de desempenho rítmico pode ser reveladora das características do ritmo do japonês.

- os dados do japonês falado pelos brasileiros pode, por outro lado, fornecer elementos que refletem as características rítmicas do português apesar de terem sido introduzidos na língua japonesa através do ensino formal. Nesse sentido, esses dados são significativos para a avaliação da maneira como vem fazendo o ensino desta língua para falantes de português.

#### **4. Organização do trabalho**

Este trabalho é organizado em sete capítulos. No capítulo 1, apresentamos uma descrição sucinta da estrutura fonológica do japonês, destacando apenas os elementos prosódicos da língua, a mora, a sílaba e o acento, a fim de fornecer informações básicas para o desenvolvimento das discussões. No capítulo 2, é feita uma exposição das propostas dos lingüistas com relação às unidades fonológicas mora e sílaba, do japonês. Esse capítulo tem como objetivo situar o problema e examinar as diferentes interpretações dadas a essas unidades em diferentes modelos teóricos. No capítulo 3, apresentamos a caracterização do ritmo do japonês desenvolvida por Bekku (1977) e por Poser (1985), baseada em agrupamentos de unidades básicas, os grupos bimoraicos. Esta proposta permite uma abordagem do ritmo distinta daquela que tradicionalmente se propõe para o japonês, baseada em tipos de ritmo: silábico ou moraico. No capítulo 4, caracterizamos a palavra fonológica e a unidade rítmica pé, do japonês, com base no modelo de Fonologia Prosódica, de Nespor e Vogel (1986) e no modelo da Teoria Métrica proposta por Hayes (1995). A partir dessa caracterização definiremos o domínio prosódico no âmbito do qual se organiza o ritmo da língua. No capítulo 5, analisamos os dados tendo em vista buscar evidências para a proposta do ritmo e da unidade sílaba do japonês apresentada no capítulo anterior. No capítulo 6 observamos as possibilidades de aplicação dos resultados sobre as unidades rítmicas no ensino do japonês para brasileiros. No capítulo 7, resumimos as considerações desenvolvidas ao longo do trabalho. A proposta que defendemos neste trabalho é de que o

ritmo do japonês deve ser analisado em termos de pé troqueu moraico, considerando-se a sílaba pesada formada por duas moras como uma unidade pé. As sílabas são, portanto, unidades constitutivas do pé e organizadoras das moras, unidades de peso.

# CAPÍTULO 1 - A MORA, A SÍLABA E O ACENTO DO JAPONÊS

## 1. Introdução

Este capítulo tem como objetivo fornecer as informações básicas do japonês para o desenvolvimento da discussão sobre a mora e as sílabas desta língua, apresentando uma breve descrição da fonologia do japonês em sua versão considerada tradicional (e até certo ponto consensual, pela maioria dos lingüistas que tratam do japonês).

O japonês é considerado uma língua de ritmo moraico, no qual se espera que cada unidade rítmica, a mora, seja realizada com uma duração mais ou menos igual. Caracteriza-se pelo acento de altura e a sua marcação é feita pelo acento de tom alto.

## 2. A mora

A mora do japonês, constituída basicamente de CV, é definida como a unidade de duração, e considerada a menor unidade de que os falantes da língua têm consciência (Kindaichi, 1967; Morais, J. et al., 1996). Além disso, é ainda considerada uma unidade métrica, através da qual os versos são organizados em partes constituídas por cinco, sete e cinco moras no caso de Haiku (poema japonês composto por dezessete “letras kana”) e por cinco, sete, cinco, sete e sete moras no caso de Tanka (poema japonês mais longo do que Haiku e composto por trinta e um kana). A mora é representada graficamente pelo sistema de escrita Kana<sup>(1)</sup> e considerada uma unidade portadora de um tom (Alto ou Baixo). Pode ser classificada em moras plenas e moras não-plenas ou “especiais”, conforme a sua estrutura e o seu comportamento na fonologia da língua.

## 2.1. Moras plenas

As moras plenas podem ser constituídas de (C)V, representadas por um Kana, e de CGV, representadas por um um Kana acompanhado de um outro, ya, yu e yo, em tamanho menor<sup>(2)</sup>, conforme o quadro abaixo:

(1)

Quadro das Moras							
CV					CGV		
i	e	a	o	u			
pi	pe	pa	po	pu	pya	pyo	pyu
bi	be	ba	bo	bu	bya	byo	byu
tji	te	ta	to	tsu	tya	tyo	tyu
dji	de	da	do	dzu	dya	dyo	dyu
ki	ke	ka	ko	ku	kya	kyo	kyu
gi	ge	ga	go	gu	gya	gyo	gyu
si	se	sa	so	su	sya	syo	syu
zi	ze	za	zo	zu	zya	zyo	zyu
mi	me	ma	mo	mu	mya	myo	myu
ni	ne	na	no	nu	nya	nyo	nyu
ri	re	ra	ro	ru	rya	ryo	ryu
hi	he	ha	ho	hu	hya	hyo	hyu
		wa	wo				
ya		yo		yu			

## 2.2. Moras não plenas ou especiais

As moras não-plenas ou "especiais" são de três tipos<sup>(3)</sup>: a mora nasal, a mora consonantal e a mora longa. Embora essas moras apresentem características específicas tanto na sua estrutura quanto na posição que ocupam dentro das palavras, elas exercem o mesmo papel das moras plenas como portadoras de um tom e de uma duração.

## Mora nasal

A mora nasal 'N' (jap. hatsu-on), representada pelo Kana [ㇺ], assimila o ponto de articulação da consoante que se lhe segue. Assim, quando seguida de uma oclusiva bilabial, dental e velar, a mora nasal passa a ser realizada respectivamente como [m], [n] e [ŋ]. (Nos exemplos abaixo, as moras nasais N estão representadas foneticamente por [n, m, ŋ]).

(2)	ka.N.ta.N	[kan-tan]	'simples'
	ho.N.da.na	[hon-dana]	'estante de livros'
	ka.N.pe.ki	[kam-peki]	'perfeito'
	to.N.bo	[tom-bo]	'libélula'
	sa.N.ko	[saŋ -ko]	'três unidades'
	sa.N.go	[saŋ-ŋo]	'coral'
	a.N.na.i	[an-nai]	'guia'
	bo.N.sa.i	[bon-sai]	'bonsai' (árvore anã)
	he.N.za.i	[hen-zai]	'devolução'

## Mora consonantal

A mora consonantal 'C' (jap. soku-on), representada pelo kana [ㇻ](em tamanho menor)<sup>(4)</sup>, é também interpretada como a primeira parte da consoante geminada. Possui uma restrição de não se ligar aos fonemas consonantais vozeados e aos fonemas /h/ e /r/.<sup>(5)</sup>

(3)	ka.t.ta	[kat-ta]	'comprou'
	ka.s.sa.i	[kas-sai]	'aplausos'
	ro.p.pu.N	[rop-pun]	'seis minutos'.
	se.k.ke.N	[sek-ken]	'sabão'

## Mora longa

A mora longa 'V' (jap. tyoo-on) se realiza com o mesmo ponto de articulação da vogal anterior, e é fonologicamente portadora de um tempo moraico. Em termos gráficos, ela é representada pelo kana correspondente à vogal da mora que lhe antecede, e no caso de

/e/ e /o/, pela vogal mais alta /i/ e /u/, respectivamente<sup>(6)</sup>. Nos exemplos abaixo, a seqüência delimitada por < > mostra como a palavra é representada pela escrita escrita kana.

- (4)
- |             |              |             |               |
|-------------|--------------|-------------|---------------|
| o.to.o.sa.N | <o to.u.san> | [o-to:-san] | 'papai'       |
| o.ka.a.sa.N | <o ka.a.san> | [o-ka:-san] | 'mamãe'       |
| to.o.ru     | <to.o.ru>    | [to:-ru]    | 'passar' (v.) |
| ke.e.ko.o   | <ke.i.ko.u>  | [ke:-ko:]   | 'tendência'   |
| su.u.ga.ku  | <su.u ga.ku> | [su:-gaku]  | 'matemática'  |

2.3. Feitas as caracterizações das moras não plenas, a seguir apresentamos as restrições a que essas moras estão sujeitas com relação a sua ocorrência nas palavras:

a) não ocupam a mora inicial de uma palavra:

- (5)
- |           |            |                    |        |
|-----------|------------|--------------------|--------|
| sa.N.ko   | [saŋ-ko]   | 'três unidades'    | * N.sa |
| ha.N.bu.N | [ham-bun]  | 'metade'           | * N.ha |
| a.sa.t.te | [a-sat-te] | 'depois de amanhã' | * t.te |
| o.o.ki.i  | [o:-ki:]   | 'grande'           |        |

b) não são portadoras de núcleo do acento

O sistema acentual do japonês define-se pela marcação de altura de tom (alto e baixo) sobre as unidades moraicas. O núcleo do acento corresponde à última unidade de tom alto dentro de uma palavra ou frase fonológica marcada pela mudança do tom de Alto (H) para Baixo (L). Alguns exemplos:

- (6)
- |        |       |               |            |             |               |
|--------|-------|---------------|------------|-------------|---------------|
| u . mi | 'mar' | mu.ra . sa.ki | 'cor roxa' | a.ta.ma .ga | 'cabeça (suj) |
|        |       |               |            |             |               |
| H L    |       | L H L L       |            | L H H L     |               |

Nos exemplos acima, as moras plenas *u* em *umi*; *ra* em *murasaki*; *ma* em *atamaga*, consideradas a última unidade de tom alto a contar da esquerda, constituem o núcleo do acento.

As moras não plenas não ocupam a posição de núcleo de acento, como vemos em:

(7)	ko.o.ka	'resultado'	* ko.o. ka
	H L L		H H L
	ko.gi.t.te	'cheque'	* ko.gi.t. te
	L H L L		L H H L
	o.N.ga.ku	'música'	* o.N. ga.ku
	H L L L		H H L L

c) foneticamente, são realizadas juntamente com a mora que lhes antecede.

(8)	ka.N.ta.N	[kan-tan]	'simples'
	ho.o.ho.o	[ho:-ho:]	'método'
	ro.p.pi.ki	[rop-pi-ki]	'seis animais'

### 3. A sílaba

A sílaba do japonês é definida basicamente como uma unidade fonológica (Hattori, 1976), portadora de acento (McCawley, 68) e como unidade organizadora de peso (Abe, 1987; Poser, 1985; Kubozono, 1992).

Podemos dizer que toda a discussão em torno da sílaba e da mora do japonês é resultante da interpretação do papel que o conjunto formado pela mora plena e mora não plena exerce na fonologia do japonês conforme a postura teórica que se adota para a análise da questão. A análise baseada em moras faz a segmentação fonológica como em (A), enquanto que na análise baseada em sílabas, a segmentação fonológica é feita como em (B). Nesta análise, as moras não plenas são consideradas parte da sílaba, formando uma sílaba longa ou fechada CVC, CVV.

(9)		(A)	(B)	
		(divisão em moras)	(divisão em sílabas)	
jítensha	'bicicleta'	[ji.ten.sha]	/ji.te.n.sha/	/ji.ten.sha/
sannen	'três anos'	[san.nen]	/sa.n.ne.n/	/san.nen/
hikooki	'avião'	[hi.ko:ki]	/hi.ko.o.ki/	/hi.koo.ki/
hoofoo	'método'	[ho:ho:]	/ho.o.ho.o/	/hoo.hoo/
roppiki	'seis animais'	[rop.pi.ki]	/ro.p.pi.ki/	/rop.pi.ki/
ikkai	'uma vez'	[ik.ka.i]	/i.k.ka.i/	/ik.ka.i/

#### 4. O acento

A caracterização que se atribui ao japonês como língua de acento de altura (McCawley, 1968; 1978; Hyman, 1978) baseia-se na co-ocorrência na língua da marcação acentual e da marcação tonal representada foneticamente apenas pela altura. Esses dois tipos de marcação podem recair sobre uma mesma unidade, embora a mora, definida como uma unidade de duração, seja a portadora de tom, e a sílaba, considerada a unidade prosódica, seja definida como a unidade de acento. Embora haja casos em que ocorre uma coincidência entre as unidades acentuais e tonais, essa distinção se torna importante, segundo McCawley (1968), em casos de sílabas pesadas constituídas de duas moras (uma mora plena mais uma mora não-plena), pois nesses casos, embora a proeminência fonológica esteja associada a uma sílaba inteira, a implementação fonética dessa proeminência, o tom alto, realiza-se sobre a primeira mora apenas. A marcação acentual das palavras como dokusha 'leitor'; mimitabu 'lóbulo da orelha'; sangatsu 'março'; kuuki 'ar'; gohatto 'proibição' caracteriza-se como abaixo. Os exemplos (a) e (b) são casos em que existe uma coincidência entre o acento e o núcleo do tom; os exemplos (c), (d), e (e) são aqueles que envolvem as sílabas pesadas, casos em que, como assinalamos acima, a marcação tonal incide apenas sobre a primeira mora enquanto a sílaba toda é considerada como acentuada. Para maior clareza e facilidade de identificação, assinalamos a marca de acento tonal sobre as moras por meio de (\*) e a marcação acentual sobre a sílaba por meio de (+)

(10)	(a)	+	(b)	+	(c)	+
		$\sigma$ $\sigma$ $\sigma$		$\sigma$ $\sigma$ $\sigma$ $\sigma$		$\sigma$ $\sigma$ $\sigma$
						/\
		$\mu$ $\mu$ $\mu$		$\mu$ $\mu$ $\mu$ $\mu$		$\mu$ $\mu$ $\mu$ $\mu$
		*		*		*
		do ku sha		mi mi ta bu		sa N̄ ga tsu
		H L L		L H HL		HL L L
	(d)	+	(e)	+		
		$\sigma$ $\sigma$		$\sigma$ $\sigma$ $\sigma$		
		/\		/\		
		$\mu$ $\mu$ $\mu$		$\mu$ $\mu$ $\mu$ $\mu$		
		*		*		
		ku u ki		go ha t to		
		H L L		L H L L		

Kindaichi (1967) traça as diferenças existentes entre o acento de intensidade (stress-accent) e o acento de altura (pitch-accent) e diz que o acento de altura e o acento de intensidade, considerados normalmente como dois tipos de acentos das línguas, constituem conceitos de natureza distinta.

O acento de altura teria, segundo Kindaichi, as seguintes características em relação ao acento de intensidade:

a) o nível de altura pode variar de alto a baixo ou de baixo a alto dentro de uma sílaba ('onsetsu'), e a unidade com o conjunto [alto+baixo] seria fonologicamente distinta daquela unidade marcada apenas por [alto]. No caso do acento de intensidade, por outro lado, não ocorrem mudanças acentuais dentro de uma sílaba; uma sílaba seria forte ou fraca, não havendo possibilidade de ocorrência de dois tipos de acento (forte e fraco) dentro de uma mesma unidade silábica.

b) o acento de altura pode apresentar vários níveis: alto-baixo; alto-médio-baixo; altíssimo-alto; etc. Em línguas de acento de intensidade existe apenas a oposição Forte versus Fraco sem outro valor intermediário.

c) em línguas de acento de altura podem ocorrer seqüências de mais de duas sílabas com acento alto (HH, HHH) dentro de um item lexical. Em línguas de acento de intensidade não existem seqüências de acentos fortes dentro de item lexical: há apenas um acento forte em cada item lexical.

d) os itens lexicais em línguas de acento de altura podem ser constituídos de seqüências de acento baixo, enquanto que em línguas de acento de intensidade, não existem palavras com acento fraco e seqüências de acento fraco.

Segundo Kindaichi, o acento de intensidade dá uma unidade aos itens lexicais, havendo apenas um acento tônico em uma palavra. O acento de altura, por sua vez, possui uma função distintiva sem preocupação em dar uma unidade ao item lexical. Ele afirma que, dada a sua função distintiva, o acento de altura possui uma característica semelhante aos fonemas e o inclui na categoria dos fonemas. Se o acento de altura possui uma função semelhante ao dos fonemas pelo seu caráter distintivo, o acento de intensidade possui, por sua vez, semelhança com a sílaba, segundo o autor.

Através da distinção de altura, o acento no japonês estabelece o contraste entre as unidades moraicais. Uma das características do acento do japonês é que não há casos de acento de altura não-alta em meio a uma seqüência de acentos altos. Assim, seqüências do tipo:

HLH HHLH HLHH HLLH

não são encontrados no japonês.

Com base na característica distintiva, o acento de japonês tem sido classificado em acento de tipo plano (aquele que não possui núcleo de acento) e não-plano (aquele que possui núcleo de acento)(Kindaichi, 1967). Dessa forma, as palavras podem ser portadoras ou de uma acentuação plana ou de acentuação não-plana, estas com o núcleo de acento caracterizado como o último tom Alto da seqüência tonal. Dentro da análise tradicional do sistema acentual, determina-se o padrão acentual do japonês através da combinação desses dois tipos de acento e do número de moras com que uma palavra é formada. Considerando que todas as moras de uma palavra são portadoras de uma marcação de tom, os tipos de padrão tonal de uma palavra são definidos pelo número de moras de uma palavra mais 1 (um). Assim, as palavras monomoraicas têm dois tipos de padrão acentual; as palavras bimoraicas têm três tipos, e assim sucessivamente<sup>(7)</sup>.

Apresentamos a seguir um quadro com o padrão tonal do japonês e alguns exemplos ilustrativos. A marcação de tom entre parênteses refere-se ao tom da partícula que acompanha as palavras. Escolhemos a partícula *ga* que indica sujeito. A utilização

deste recurso deve-se à necessidade de indicar a diferença entre o padrão acentual das palavras acentuadas (portadoras de núcleo de acento) e das não acentuadas. Seguindo a tradição japonesa para marcar o acento, utilizamos um traço horizontal nas moras com tom alto e a marcação para indicar a mudança de tom e, conseqüentemente, a unidade acentuada.

(11)	não acentuada	acentuada			
1 mora	H (H)	H (L)			
	hi (ga)	hī (ga)			
	'dia'	'fogo'			
2 moras	LH (H)	LH (L)	HL (L)		
	mizū (ga)	yamā (ga)	hā ru (ga)		
	'água'	'montanha'	'primavera'		
3 moras	LHH (H)	LHH (L)	LH L (L)	H LL (L)	
	sakura (ga)	atamā (ga)	okā shi (ga)	mī dori (ga)	
	'cerejeira'	'cabeça'	'doce'	'verde'	
4 moras	LHHH (H)	LHHH (L)	LHHL (L)	LHLL (L)	HLLL (L)
	shinbun (ga)	otootō (ga)	mizū mi (ga)	nomī mono (ga)	fū jisan (ga)
	'jornal'	'irmãozinho'	'lago'	'bebida'	'Mt. Fuji'

Com base na Fonologia Autosegmental, Haraguchi (1988, e 1979 [apud Matsumori, 1989]) propõe o conceito de Melodia Tonal Básica (Basic Tone Melody) na descrição do sistema acentual do japonês. Segundo Haraguchi, os diferentes dialetos do japonês possuem sua própria melodia tonal básica, e é com base nesse padrão que se atribui a primeira indicação tonal a uma seqüência tonal. A melodia tonal básica do dialeto de Tóquio é definida como HL.

Considerando a marcação tonal do quadro acima como um sistema tonal do nível superficial, propõe-se o sistema de acento do nível profundo por meio da atribuição de uma marca (\*) nas unidades acentuadas. Utilizando os exemplos acima, a marcação acentual seria:

	(1 mora)	(2 moras)	(3 mora)	(4 moras)
(12)	hi	mizu	sakura	shinbun
	*	*	*	*
	hi	yama	atama	otooto
		*	*	*
		haru	okashi	mizuumi
			*	*
			midori	nomimono
				*
				fujisan

Através da regra de associação tonal e obedecendo-se às condições de boa formação, a melodia tonal básica HL liga-se às palavras acentuadas.

Conforme o princípio de associação de tom (Haraguchi, 1979, apud Matsumori):

- a) o elemento H da melodia tonal básica associa-se à primeira vogal à esquerda marcada por (\*) na palavra que contém esse tipo de vogal;
- b) não havendo uma vogal acentuada, o elemento H associa-se à última vogal à direita da palavra.

Com base na condição de boa formação e no princípio de espreadimento do tom, os elementos não marcados das palavras associam-se a um tom. Através da regra de inserção de L inicial, as palavras não acentuadas e aquelas que não apresentam uma marcação acentual na mora inicial (yama, atama, mizuumi, otooto) passam a ter a mora inicial como marcada por L. Finalmente, com a regra de simplificação do tom, apaga-se o elemento L final nos casos com acento final, como é o caso de yama, atama e otooto.

Resumindo, o acento do japonês possui um padrão tonal descrito em termos de altura relativa dos tons (alto versus baixo), e apresenta as seguintes características:



- (16) ka.ga.mi 'espelho'  
 a.sa.t.te 'depois de amanhã'

e) no dialeto de Tóquio, considerado a variedade padrão do japonês (utilizado neste trabalho como base para análise das questões), existe uma distinção de acento de altura entre a primeira e a segunda moras de uma palavra. Dessa forma, quando a primeira unidade é portadora de um tom alto, a segunda unidade deve obrigatoriamente ser baixa, e vice-versa.

- (17) ka.zo.ku 'família'  
 H L L
- tu.ku.e 'escrivainha'  
 L H L

Para o aprendiz desta língua é importante saber fazer as mudanças de tom alto para baixo e realizar uma seqüência de tons da mesma altura. Além disso, é necessário saber preservar a duração das unidades não-plenas e realizar cada sílaba como portadora de uma autonomia tonal e duracional

O acento do japonês como marcador de uma unidade lexical não exerce influência no ritmo da língua como acontece com o acento de intensidade considerado determinante do ritmo.

Notas:

(1) O Kana é normalmente apresentado em forma de quadro denominado Gojuuonzu (literalmente, quadro de cinqüenta sons, mas composto de fato por quarenta e seis kana), disposto em colunas denominadas Gyoo e em fileiras denominadas Dan. A referência a cada Dan se faz conforme a letra da primeira coluna "A Dan" ocupada por A (あ), I (い), U (う), E (え), O (お). Com relação a Gyo, a sua referência é feita com base nas letras que ocupam a primeira fileira, "A Dan". Assim, temos: KA gyoo, Sa gyoo, Ta gyoo, Na gyoo, Ha gyoo, Ma gyoo, Ja gyoo, Ra gyoo, Wa gyoo. Gojuuonzu comporta apenas os kana que representam Sei-on (lit. sons puros), e são constituídos de moras vocálicas, e moras formadas por /k, s, t, n, h, m, j, r, w/. As moras compostas por /g, z, d, b/.

formam o quadro de Daku-on (lit. sons turvos), cuja escrita se caracteriza pelo acréscimo de um sinal " no canto direito superior dos kana pertencentes ao Sei-on. A escrita que representa as moras formadas pela oclusiva bilabial surda /p/ são chamadas de Han-daku-on (lit. meio sons turvos) e a sua representação gráfica baseia-se nos kana da coluna de H acrescida do sinal ° no canto direito superior. Estes Kana (Sei-on, Daku-on e Han-daku-on) representam, por sua vez, a escrita dos Tjoku-on (lit. sons retos, diretos) em oposição aos You-on (lit. sons contraídos) que representam as moras formadas por CGV, cf. nota (2) abaixo.

(I) Quadro de Kana (Gojuuonzu) - Sei-on

(dan)	A	K	S	T	N	H	M	Y	R	W	N
(gyo)	a	ka	sa	ta	na	ha	ma	ya	ra	wa	N
a	あ	か	さ	た	な	は	ま	や	ら	わ	ん
i	い	き	し	ち	に	ひ	み		り		
u	う	く	す	つ	ぬ	ふ	む	ゆ	る		
e	え	け	せ	て	ね	へ	め		れ		
o	お	こ	そ	と	の	ほ	も	よ	ろ	を	

(II) Daku-on

	G	Z	D	B
	ga	za	da	ba
a	が	ざ	だ	ば
i	ぎ	じ	ぢ	び
u	ぐ	ず	づ	ぶ
e	げ	ぜ	で	べ
o	ご	ぞ	ど	ぼ

(III) Han-daku-on

P
pa
ぱ
ぴ
ぷ
ぺ
ぽ

(IV) You-on

	Ky	Sy	Ty	Ny	Hy	My	Ry
a	きゃ	しゃ	ちゃ	にゃ	ひゃ	みゃ	りゃ
u	きゅ	しゅ	ちゅ	にゅ	ひゅ	みゅ	りゅ
o	きょ	しよ	ちよ	にょ	ひょ	みょ	りょ

(2) Este tipo de mora é, graficamente, formado por dois kana, o segundo em tamanho menor. O primeiro é representado pelas letras que ocupam a fileira de "i", a saber, ki, si, ti, ni, hi, mi e ri (a referência a essas letras é feita da seguinte forma: ka gyoo i dan; sa gyoo i dan, etc.) e o segundo, pelas letras, escritas em tamanho menor, da coluna de "y" que são: ya, yu, yo.

Ex.: kya (graficamente, ki (き)+ya (ゃ)) okyaku 'visita';  
 tyā (graficamente, ti (ち)+ya (ゃ)) otyā 'chá'

Quadro de You-on (lit. sons contraídos)

ki	si	ti	ni	hi	mi	ri	gi	zi	di	bi	pi
kya	sya	tya	nya	hya	mya	rya	gya	zya	dya	bya	pya
kyu	syu	tyu	nyu	hyu	myu	ryu	gyu	zyu	dyu	byu	pyu
kyo	syo	tyo	nyo	hyo	myo	ryo	gyo	zyo	dyo	byo	pyo

(3) Linguístas como Jouo (1977), Vance (1987), Kubozono (1994) incluem os ditongos terminados em /i/ como uma mora especial, representando como J.

(4) As moras consonantais são também representadas por Q por Hattori (1976), Kindaichi (1967).

(5) Koizumi (1989) aponta como exceção os casos como: /beQdo/ (do ingl. 'bed'), /baQgu/ (do ingl. 'bag') e /maQha/ (?). Dado que as moras consonantais vozeadas não são familiares aos falantes, Koizumi afirma também que os dois primeiros exemplos acabam sendo pronunciadas como [betto] e [bakku].

(6) As moras longas são também representadas por 'R' por alguns linguístas como Hattori (1976), Kindaichi (1967), Jouo (1977), Vance(1987).

(7) Embora não se possa determinar uma regra de acento para o japonês, verifica-se (conforme Akinaga, 1994) que, como uma tendência, os tipos mais freqüentes nas palavras de uma a duas moras são aqueles casos em que o núcleo do acento recai na primeira mora: pertencem a esse grupo as palavras de origem chinesa, empréstimos, neologismos e as palavras de pouco uso no cotidiano. Nas palavras com três moras, existe uma tendência a encontrar o acento plano, isto é palavras sem núcleo de acento. Nas palavras de origem chinesa e nos empréstimos trimoraicos percebe-se um número considerável de palavras com acento tonal na primeira mora. Nas palavras

com quatro moras, também existe uma tendência às palavras de acento plano, além do tipo de acento que recai na penúltima mora. Dentre as palavras com cinco moras, são comuns aquelas com acento na terceira mora e aquelas com acento plano.

## CAPÍTULO 2 - DISCUSSÕES SOBRE A MORA E A SÍLABA DO JAPONÊS

### 1. Introdução

Este capítulo tem como objetivo examinar as principais propostas de análise do japonês que tomam a mora e/ou a sílaba como unidade fonológica da língua. Através desse exame, procuraremos avaliar o papel que cada unidade ocupa na prosódia do japonês.

O capítulo será organizado como segue: a) caracterização da unidade mora do japonês e apresentação da análise desenvolvida pelos lingüistas tradicionais japoneses, baseada apenas na mora; b) apresentação da proposta de análise do japonês que incorpora a sílaba e a mora como unidades fonológicas da língua, e discussão da relação e do papel dessas duas unidades na fonologia da língua; e, c) discussão da estrutura da sílaba do japonês com base na hipótese de que as sílabas são formadas pelas moras.

### 2. A mora e a visão da mora nos trabalhos dos lingüistas japoneses

Segundo Kindaichi (1967), a idéia de se propor a unidade mora para o japonês partiu de Troubetzkoy (1976).

As línguas são classificadas por Troubetzkoy em:

- a) línguas que têm as sílabas como prosodema; e
- b) línguas que admitem unidades menores do que as sílabas, as moras, como unidades do prosodema.

Em "Princípios de Fonologia", Troubetzkoy afirma que o japonês é uma das línguas cuja sílaba é formada de unidades menores, as moras, tal como acontece em latim, em que as sílabas longas são consideradas como formadas por duas unidades moraicais. Segundo Troubetzkoy, ocorre em japonês um fenômeno semelhante: uma sílaba considerada longa seria constituída por duas unidades moras.

Segundo a lista de línguas apresentada por Troubetzkoy para classificar as línguas, podemos verificar que as línguas que adotam a sílaba como unidade do prosodema

caracterizam-se, em sua maioria, pelo acento de intensidade e as línguas do segundo grupo, aquelas que admitem as moras (como por exemplo o japonês, o lituano), caracterizam-se como línguas de acento de altura. Ao lado dos fonemas consonantais e vocálicos, Troubetzkoy propõe uma unidade fonológica denominada "unidade rítmico-melódica", a mora, que iria constituir o prosodema.

Para Kindaichi, algumas línguas citadas por Troubetzkoy que reconhecem a mora além das sílabas, como por exemplo o finlandês, o chinês e o dinamarquês, não levam em conta as moras na formação das sílabas, como acontece com o latim e o grego clássicos. Por outro lado, em outras línguas (como o japonês e o hindu), a mora seria uma unidade importante, não havendo necessidade de reconhecer a sílaba fonológica.

A análise fonológica do japonês tradicionalmente adotada por alguns linguistas japoneses (Arisaka [apud Kindaichi, 1967], Kindaichi(1967), Kamei [apud Kindaichi, 1967]), além de Bloch (1950), baseia-se na unidade "onsetu" (posteriormente traduzido por 'sílaba' e utilizado tanto para denominar a mora, quanto a sílaba do japonês), representada e definida em termos da escrita kana da língua. Segundo essa proposta, a unidade mora (e suas variantes na terminologia: haku, onsetu) é a unidade básica e única em termos fonológicos. Todas as moras (plenas e não-plenas) têm o mesmo status e apresentam as mesmas propriedades, tanto na duração quanto no seu comportamento. As unidades CVC, CVN, e CVV são analisadas como formadas por duas moras, representadas graficamente por dois kana, como por exemplo em *hatten* 'desenvolvimento', *too* 'dez', formadas de:

h a . t - t e . N	t o . o
CV+C / CV+N	CV+V

Segundo Kindaichi (1967), o conceito de sílaba como uma unidade fonológica foi introduzido no Japão, na era Meiji (1886-1912), por lingüistas ocidentais. Foi somente a partir da introdução desse conceito que palavras como *nippon* passaram a ser consideradas como formadas de duas unidades CVC (nip-pon), contrariamente à análise tradicional baseada em quatro unidades ou quatro letras (ni-p-po-n). A análise da palavra *nippon* como constituída de duas unidades, por lingüistas ocidentais, teria sido, segundo Kindaichi, resultado da observação da realização fonética da língua sem levar em conta a natureza fonológica do japonês.

Kindaichi diz que existem, dentro da tradição de estudos fonológicos do japonês, duas grandes posições que caracterizam a unidade fonológica da língua: a de Arisaka, em que a sílaba fonológica é representada por moras, e a de Hattori, que propõe a sílaba fonológica além da mora.

Para Arisaka, todas as línguas seriam portadoras de sílaba fonética e sílaba fonológica, mas não propriamente da mora porque essa unidade não seria universal. A posição adotada por Arisaka é a de que as unidades comumente definidas como moras, inclusive as moras especiais, constituem as sílabas fonológicas.

Kamei (citado por Jouo, 1977 e Kindaichi, 1967) é considerado o criador do termo *Haku* (batida) para denominar a sílaba fonológica de Arisaka. A proposta de Kindaichi consiste em denominar como *Haku* a sílaba fonológica, nos termos propostos por Arisaka, e a mora, nos termos propostos por Hattori. *Haku* é definido como uma unidade de ritmo das línguas, evitando-se, com isso, confusões de ordem terminológica entre *onsetsu* (sílaba) e mora. Para Kindaichi, *haku* não seria apenas uma unidade do ritmo; seria também "uma unidade de que os falantes de uma língua têm consciência, de forma generalizada como unidade que estrutura o aspecto sonoro da língua" (p.76)<sup>(1)</sup>

A proposta de análise da língua baseada em moras é basicamente a mesma para os lingüistas citados acima. A mora é considerada a menor unidade constituinte da fonologia: para Hattori, a mora é uma unidade de duração enquanto que para Kindaichi, sob a denominação de *haku*, a mora é considerada uma unidade de ritmo. O que difere em Hattori é a proposta de sílaba fonológica cujo reconhecimento parece ter sido baseado na estrutura da língua, como veremos mais à frente.

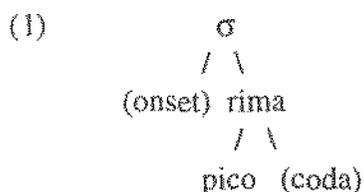
A posição adotada por Kindaichi e outros que estabelecem apenas a mora como unidade de ritmo da língua reflete a consciência do falante quanto à menor unidade fonológica da língua, fortemente influenciada pelo sistema de escrita *kana*. Não faz parte desse tipo de análise o estudo das realizações da língua sob a perspectiva da organização rítmica. A ênfase dessas análises está na determinação do padrão acentual e intonacional do japonês, tendo como base a mora que constitui também a unidade de acento de altura.

### 3. Caracterização da sílaba em relação à mora

A teoria da sílaba tem como objetivo mostrar como os segmentos se organizam em sílabas (Abaurre e Wetzels, 1992; Wetzels, 1995). Através da apreensão da organização interna da sílaba pode-se compreender o papel que cada elemento exerce nessa estrutura, como por exemplo a atuação do onset e principalmente da rima, como organizadora dos constituintes núcleo e coda que “carregam o elemento mora responsável pelo peso da sílaba” (Hayes, 1989)

A sílaba é considerada a unidade mais baixa da hierarquia prosódica de uma língua (Nespor & Vogel, 1986; Hyman, 1985). Além disso, ela exerce um papel importante como uma unidade organizadora de segmentos que agrupa os elementos segmentais segundo uma escala de sonoridade (Selkirk, 1984; Clements, 1990) e segundo as restrições que cada língua apresenta (Wetzels, 1995); como uma unidade sobre a qual atuam os processos fonológicos, como por exemplo as regras de acento; e como unidade primitiva do ritmo, a partir da qual se organizam os grupos rítmicos, a palavra fonológica.

A estrutura da sílaba é composta por onset, núcleo e coda, sendo o núcleo ocupado pelo segmento de maior sonoridade. A expansão dessa estrutura em hierarquias ramificadas possibilitou o estabelecimento da distinção entre as sílabas longas e breves, a partir da organização interna da sílaba. A sílaba seria formada por um onset opcional e uma rima, e a rima teria como constituintes um pico (ou núcleo) obrigatório e uma coda opcional, cf. esquema abaixo:



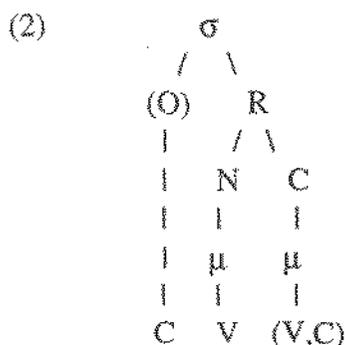
Uma outra abordagem, a teoria moraica (Hayes, 1989; Hyman, 1985), define as sílabas em termos de moras: as sílabas pesadas são compostas por duas moras enquanto que as sílabas leves são formadas por uma mora. Embora a proposta de Hyman e a de Hayes sejam caracterizadas como teorias moraicas porque envolvem as moras como constituintes da sílaba, existe uma diferença entre elas. Enquanto Hayes postula a

inclusão do elemento peso como constituinte da rima, Hyman define o peso como representação das “batidas” (as unidades de peso) que expressam a silabicidade.

### 3.1. Hayes

Dentro do modelo moraico de Hayes (1989), a mora ocupa uma posição fonológica dentro da sílaba. A sílaba pesada é formada por duas moras que ocupam duas posições fonológicas, enquanto a sílaba leve é constituída por uma mora que ocupa uma posição fonológica. A distinção entre a sílaba pesada e a sílaba leve é definida em termos de rimas ramificadas e não ramificadas e o peso depende unicamente da propriedade da rima; o onset não influi no peso da sílaba.

Para esse modelo, as moras são elementos constituintes da rima projetados do núcleo e da coda, cf. esquema abaixo:



Nesta estrutura, somente a primeira vogal ou a unidade projetada pelo núcleo poderia receber o acento. A consoante pré-vocálica não ocupa uma posição moraica determinada pela regra de criação de onset (OCR), não sendo, pois, portadora de peso, e se liga diretamente ao nóculo da sílaba. A indicação de peso se faz no interior da estrutura da sílaba, no nível mais inferior, exercendo uma influência na unidade que o estrutura, a sílaba. Em termos fonéticos, influi na duração da mesma: quanto maior o número de peso, maior é a duração da sílaba.

O conceito de mora é importante para Hayes na determinação da unidade acentuada, dentro da teoria métrica. Em Hayes (1995), diferentemente do se propõe em Hayes (1989), o Onset é ligado à mora (ou à primeira mora, no caso da sílaba pesada). Esta representação seria, segundo Hayes, mais simples tanto para a marcação acentual

quanto para a determinação de que seria a vogal, e não a consoante precedente, a portadora de peso. Consideramos que esta representação das moras, que se assemelha à de Hyman é condizente, como se verá na seção seguinte, com a estrutura da mora do japonês.

### 3.2. Hyman

O peso para Hyman (1985) está relacionado com a silabicidade, diferentemente do peso para Hayes, cuja preocupação reside na demonstração da organização interna da estrutura da sílaba.

Hyman diz que as estruturas silábicas não são universais. Já a noção de silabicidade, cuja realização se baseia no segmento mais sonoro dominado pela unidade de peso (weight unit), é universal. Cada unidade de peso, representada pela mora, corresponde a uma batida e cada batida que sobrevive às derivações fonológicas dominaria um segmento silábico dentre os segmentos.

A proposta de Hyman tem como objetivo propor uma unidade intermediária denominada camada de peso (weight tier) entre a sílaba e os segmentos, baseada no conceito de batida ou de peso e tempo para agrupar os segmentos. A unidade de peso representaria, assim, a batida ou a unidade de tempo e corresponderia à unidade mora do japonês que vem, por sua vez, representar a silabicidade. Segundo Hyman, a sílaba é necessária quando existe contraste entre sílabas pesadas e longas na língua; caso contrário, a mora daria conta da silabicidade<sup>(2)</sup>.

Não se postulam nesta teoria os elementos O e R como constituintes da sílaba, e a camada da prosódia possui apenas um tipo de unidade, a unidade  $\mu$  (mora).

- (3)
- |          |                      |
|----------|----------------------|
| $\sigma$ | sílaba               |
| $\mu$    | camada da prosódia   |
| $\chi$   | camada dos segmentos |

Silabicidade no modelo proposto por Hyman é “uma consequência do peso e é definida independentemente das sílabas” (op. cit. p. 20). A localização de cada pico da silabicidade dependerá da conhecida hierarquia de sonoridade em que as vogais são

consideradas mais sonoras do que as consoantes, e as sonorantes, mais sonoras do que as obstruintes.

O objetivo de Hyman consiste em apresentar uma versão alternativa para o modelo baseado na estrutura hierárquica da sílaba. Em vez de os segmentos serem agrupados diretamente em sílaba, o autor propõe uma camada universal de peso ou de 'batidas', onde cada unidade de peso ou X representa a silabicidade. Propõe-se neste modelo a camada de peso, a mora, como organizadora dos segmentos.

O modelo proposto por Hyman baseado em unidades de peso, em que X representa uma das camadas autosegmentais, serve como um imput para a formação da sílaba em línguas que possuem sílabas pesadas. Ele assume que, em línguas que exibem um contraste entre as sílabas leves e pesadas, a sílaba constitui um nível necessário na representação prosódica.

Podemos dizer que a proposta de Hyman baseada em unidade de peso, constituída de CV, C, V, sem ramificação hierárquica nas sílabas, seria adequada para representar a mora do japonês. O peso representado pela "batida", na concepção de Hyman, seria interpretado como um elemento que marca a unidade temporal dentro de uma seqüência sonora. Embora a proposta de Hyman seja diferente daquela de Hayes (1995), na proposição da silabicidade elas se assemelham no sentido de que em ambas a mora possui um estatuto próprio na formação das sílabas. Esta proposta está de acordo com a dos lingüistas que admitem a sílaba, além da mora, como constituinte fonológico do japonês, como veremos a seguir.

#### **4. A sílaba na análise do japonês**

Os trabalhos aqui resenhados constituem aqueles que, de alguma forma, referem-se às sílabas do japonês, objeto de interesse do nosso trabalho. Dessa forma, trabalhos como o de Abe (1987) e de Zubizarreta (1980), que propõem uma análise do acento de altura do japonês com base no modelo da Fonologia Métrica, não foram considerados porque não se

relacionam diretamente com o objeto do nosso estudo. A discussão será desenvolvida com base em dois aspectos: o papel da sílaba e a relação com a mora; e a estruturação da sílaba.

#### 4.1. O papel da sílaba nas análises de Hattori, McCawley e Kubozono

##### 4.1.1. Hattori

Hattori (1976) propõe, além da sílaba fonológica, a unidade mora que corresponderia à unidade interpretada por Arisaka como sílaba fonológica. Esta posição se assemelha àquela proposta por Troubetzkoy para o japonês, segundo a qual a sílaba longa é formada por duas moras que constituem os prosodemas.

A sílaba fonológica proposta por Hattori para o dialeto de Tóquio possui a seguinte estrutura: CV, CVV, CVN, CV?

Em uma pronúncia cuidadosa, as seqüências /*(C)VVV*/, /*(C)VN*/, /*(C)VQ*/ são realizadas como duas unidades denominadas moras. A mora é definida por Hattori como uma unidade de duração e corresponde a uma letra do kana (no caso das sílabas palatalizadas, corresponde a duas letras) Assim, em *kooen* ‘parque’ e *gakkoo* ‘escola’ existem duas sílabas (onsetsu): /*koo-en*/ e /*gaQ-koo*/, mas essas palavras são constituídas de quatro moras: ko.o.e.n e ga.Q.ko.o.

Embora Hattori reconheça a sílaba fonológica e a mora como unidades fonológicas em japonês, concordamos com Vance (1987) que a motivação de Hattori para propor a sílaba fonológica para o japonês não fica clara em momento algum. A palavra *hashi* ‘pauzinho’, por exemplo, pode ser realizada tanto como [haʃi] quanto como [haʃ] mas fonologicamente é composta por duas sílabas porque a “*forma desta palavra*” (op. cit. p. 146, nota 4) /*ha.ʃi*/ isto é /*CVCV*/, é interpretada como apresentando duas sílabas fonológicas. Por outro lado, “as palavras *koo* [ko:] ‘a primeira unidade’ e *koN* [kon] ‘azul marinho’ no dialeto de Tóquio apresentam a estrutura de uma sílaba *também em termos fonológicos*, isto é, são formadas, respectivamente, de /*CVV*/ e /*CVN*/, e realizadas sempre como uma unidade silábica” (op. cit. p. 146, nota 4).

Estas observações poderiam apenas indicar a diferença no comportamento fonético de uma seqüência de duas sílabas breves e de uma sílaba longa, mas

consideramos que Hattori “tenta” definir a sílaba fonológica destacando o comportamento das unidades silábicas no interior de domínios prosódicos hierarquicamente mais altos. Nesse sentido, a realização da sílaba fonética refletiria o seu comportamento no interior de algum domínio, onde um grupo de duas sílabas leves teria a mesma realização de uma sílaba longa, sugerindo uma equivalência dessas unidades.

Para Hattori, uma sílaba fonética [CVC], [CVV]<sup>(3)</sup> pode ser analisada ou como duas sílabas fonológicas formadas por duas moras plenas /CV/ /CV/, ou como uma sílaba fonológica também formada por duas moras (uma plena e uma não plena): /CV-C/, ou /CV-V/. A diferença está em que, no primeiro caso, a sílaba fonética pode também ser realizada como duas unidades numa fala cuidadosa, enquanto que no segundo caso, só existe uma realização fonética. Da mesma forma, [CVN] pode ser uma sílaba fonética, e uma sílaba fonológica formada de duas moras /CV-N/.

Através dessa explicação para determinar a diferença entre a sílaba fonética e a sílaba fonológica, é difícil apreender o que se pretende definir como sílaba fonológica, porque essa sílaba já vem pressuposta na estrutura da sílaba fonológica. Entendemos que a definição da sílaba fonológica de Hattori se baseia na realização fonética possível da estrutura da sílaba previamente proposta.

Vance (1987) interpreta a sílaba fonológica de Hattori em termos de unidade prosódica de McCawley, como uma unidade portadora de acento, mas achamos que a sílaba fonológica de Hattori é, como afirmamos acima, decorrente da realização fonética interpretada em termos de estrutura fonológica. Considerando a preocupação de Hattori em apreender a sílaba fonológica via realização na fala, como uma unidade do enunciado, inferimos que a sílaba constitui, para ele, uma unidade métrica da língua, embora Hattori não faça referência ao ritmo da língua. A noção de prosodema proposta por Hattori vem reforçar essa nossa interpretação na medida em que o prosodema é definido como uma “entidade” que domina unidades maiores (as palavras e os sintagmas) dentro de um enunciado.

Hattori propõe o conceito de *akusento-so* (prosodema), portador de uma função distintiva e demarcativa, ao lado de *akusento-kaku* (núcleo de acento), baseado na marcação de tom alto seguida de tom baixo sobre as moras.

Para Hattori o acento do japonês caracteriza-se como distintivo e demarcativo e possui “uma propriedade para realizar de maneira relativamente mais forte a primeira mora” de uma unidade (op.cit. p. 363). Para conceituar fonologicamente essas duas propriedades do acento, isto é, o caráter distintivo e demarcativo, Hattori propõe o prosodema. A marcação acentual definida em termos de mudança de tom alto para baixo é, assim, incluída dentro de um conceito mais amplo que é o prosodema.

Para ele, o padrão acentual do japonês é decorrente da apreensão da altura do acento, enquanto que o conceito de prosodema engloba não apenas a altura mas todos os traços fonéticos como a intensidade e a articulação dos sons. O núcleo do acento corresponde à marcação de acento baseada na mudança da altura do tom, enquanto que a atuação do prosodema não é localizada apenas sobre uma determinada sílaba, mas abrange um domínio fonológico maior, como a palavra ou o sintagma. Considerando que o prosodema envolve uma cadeia de sons, torna-se necessário delimitar o seu domínio por meio de alguma marca. As características acentuais que se verificam, por exemplo, nos dialetos de Tóquio e de Kyoto influem na delimitação de uma unidade. No dialeto de Tóquio, o prosodema cuja cabeça não é ocupada pelo núcleo de acento caracteriza-se pela primeira mora de tom baixo; enquanto que no dialeto de Kyoto, o prosodema sem núcleo possui a última mora marcada pelo tom alto. Além disso, a cabeça do prosodema do japonês, isto é, a primeira mora, é pronunciada de maneira mais forte e com uma articulação mais clara. A palavra *korega* ‘isto (suj.)’, por exemplo, que tem a marcação acentual LHH no dialeto de Tóquio, caracteriza-se pela primeira mora mais forte. Segundo Hattori, essa marcação forte em início de palavras é um traço que pode ser incluído no prosodema.

Na representação fonológica, uma seqüência sonora portadora de um prosodema pode ser representada graficamente como uma unidade, e determinar a juntura dos dois prosodemas separando-se graficamente as duas unidades. (op.cit. p. 266).

Dado que o domínio do prosodema é a palavra ou o sintagma (nos termos de Hattori), observam-se nos limites do domínio mudanças de um ou mais traços fonéticos em diferentes graus. Por exemplo, a mora que ocupa a posição de cabeça do prosodema tende a ser pronunciada com mais força e com uma articulação mais clara, mesmo que a

altura do acento desse prosodema seja marcada por uma seqüência de acento plano. Alguns exemplos citados por Hattori:

a) nasalização da vogal que antecede os sons [g] e [d] no dialeto de Tosa (região da ilha de Shikoku):

- (4) (1) [ãida] ‘entre’;
- (2) [hãide] ‘com cinza’;
- (3) [takaãdai] ‘estante alta’;
- (4) [ãgo] ‘queixo’;
- (5) [edãga] ‘galho (suj.)’
- (6) [tamattãgomi] ‘lixo acumulado’.

(Hattori, op. cit., p. 264)

Nos exemplos (3) e (6) a nasalização é mais fraca do que em (1), (2), (4) e (5), indicando que [takaãdai] e [tamattãgomi] sofrem a atuação de dois prosodemas: sobre [takai] e [dai] e sobre [tamatta] e [gomi]. O grau mais fraco de nasalização da vogal anterior a [g] e [d] marcaria a presença da juntura dos prosodemas. Esta nasalização, entretanto, não está relacionada diretamente com a atuação do prosodema: mostra apenas o que ocorre na juntura das palavras que constituem também o limite do domínio do prosodema, indicando assim a relevância do domínio.

b) diferença no dialeto de Tóquio entre [oNnadzika] ‘é igual?’ e [koNnadzikaN] ‘esta hora’, em que o dzi de [konnadzikan] tende a ser realizado como mais africado enquanto que em [onnadzika], ele é realizado como fricativo (Hattori, op. cit. p. 264). Este caso mostra claramente o domínio do prosodema no limite das palavras morfológicas: a sílaba que se caracteriza como africana pertence ao domínio de atuação do prosodema *dzikaN* em *koNnadzikaN*, palavra formada por *koNna* e *dzikaN*

c) uma frase como *sakuragasaku* ‘a cerejeira floresce’, portadora de uma marcação acentual HHHHHH (no dialeto de Kameyama), poderia ser caracterizada como uma unidade sem marcação de limite no seu interior. Contudo, ao observar a intensidade e a articulação dessa seqüência percebe-se, segundo Hattori, que ela é portadora de dois

prosodemas: *sakuraga* e *saku*, o que vem mostrar que existe uma junção interna marcada prosodicamente.

O prosodema possui, assim, uma função de unificar uma sílaba ou seqüência de sílabas que é envolvida por ele. Podemos dizer que, o prosodema determina o domínio sobre o qual atuam as várias propriedades prosódicas, e esse domínio corresponderia à frase fonológica nos termos em que esse domínio será definido no capítulo 4, com marcação mais forte na cabeça.

Kindaichi apresenta em “Interpretação fonológica sobre o acento do japonês” (1967) uma discussão sobre o prosodema de Hattori, a partir da perspectiva de quem apreende o acento do japonês como distintivo e baseado na distribuição de tons altos e baixos sobre uma palavra.

Para Kindaichi, o prosodema de Hattori resulta do princípio de economia que engloba dois conceitos em um: o de demarcação e o de distribuição de altura e intensidade dos sons. Para argumentar contra o conceito de prosodema, Kindaichi questiona os exemplos apresentados por Hattori sobre a nasalização da vogal que antecede os sons [g] e [d] no dialeto de Tosa (ver exemplo a) acima)

Kindaichi afirma que não se pode basear em graus de nasalização para determinar o prosodema porque, segundo a análise dele, existem diferentes graus de nasalização nos exemplos acima. Para Kindaichi, os exemplos (2) e (4) apresentariam um grau de nasalização mais forte do que (1) e (4), mas mais fraca do que (3) e (6).

Consideramos que estas observações fortemente apoiadas na realização das palavras representam uma interpretação equivocada em relação ao prosodema proposto por Hattori. Houve um deslocamento do foco de atenção para a nasalização dos sons, como podemos verificar na explicação que Kindaichi propõe para esse processo <sup>(4)</sup>, quando a intenção de Hattori, parece-nos, foi a de mostrar o domínio do prosodema através do grau de nasalização. Além disso, ao afirmar que “sente uma hesitação em considerar o acento do japonês como portador de função demarcativa (*lit. considerar o acento do japonês igual à capacidade de unificar o grupo de sílabas*)”, Kindaichi (op.cit., p. 264) baseia-se apenas no acento lexical da língua marcado pela altura de tons, ignorando o caráter demarcativo do prosodema que engloba tanto as informações do

acento lexical, quanto as informações sobre a intensidade e articulação dos sons que contribuem para determinar o domínio do prosodema, isto é, o domínio de uma unidade rítmica, como veremos mais adiante.

Podemos dizer que a abordagem de Hattori com relação às sílabas e à proposição do prosodema que engloba elementos que atuam como delimitadores de uma frase fonológica (como por exemplo a presença de uma unidade forte em início de uma palavra) difere daquela de outros lingüistas japoneses que se preocuparam primordialmente com o padrão acentual formulado em termos de altura do tom, e por isso se detiveram apenas na unidade mora. O enfoque de Hattori recai na caracterização dos elementos constituintes da fala, baseada na atualização desses elementos. Além disso, como observou Poser (1985), o conceito de prosodema proposto por Hattori não é simplesmente uma marca que se atribui sobre uma sílaba de um domínio fonológico, mas uma união de tais marcas (se houver). O prosodema representa, assim, um domínio que engloba tanto a marcação de acento quanto outras características como a presença de uma proeminência no início de uma palavra representada por uma realização mais forte e melhor articulada da mora inicial (Hattori, *op.cit.* p.364).

Consideramos que a postura de Hattori cujo interesse se volta para a caracterização e a apreensão do comportamento das unidades dentro de um enunciado, diferentemente daquela assumida pelos lingüistas que tiveram como preocupação a determinação dos padrões de acento da língua (cujas pesquisas se direcionaram para o estudo da entonação), leva a uma perspectiva interessante de análise do aspecto rítmico da língua.

#### 4.1.2. McCawley

Sob a perspectiva da fonologia gerativa, McCawley (1968) propõe, para o japonês, a sílaba como unidade da prosódia que carrega o acento, e a mora como unidade de distância fonológica. O japonês seria uma língua silábica de contagem moraica.

Para McCawley as línguas serão “syllable-counting” ou “mora-counting” dependendo da unidade que determina a distância fonológica da língua: a sílaba ou a mora. Para o japonês, a noção de mora é importante porque, segundo McCawley, existem

regras fonológicas que dependem do número de moras mas nada que dependa do número de sílabas.

McCawley afirma que Troubetzkoy (1976) estende o emprego do conceito de *syllable-counting* e *mora-counting* não apenas para determinar a unidade de distância fonológica, mas também para definir a unidade prosódica da língua. A unidade prosódica de uma língua é a unidade (sílabas ou moras) que leva o acento, tom alto ou qualquer fenômeno acentual operativo na língua.

As línguas seriam classificadas em silábicas ou moraicas conforme a unidade prosódica que representa a língua: a mora ou a sílaba. Reunindo esses dois conceitos (unidade de distância fonológica e unidade prosódica), as línguas podem ser classificadas em:

- *mora-counting mora language*
- *mora-counting syllable language*
- *syllable counting syllable language*

As línguas cuja sílaba longa acentuada possui dois tipos de acento em oposição à sílaba breve, que possui apenas um tipo de acento, são consideradas línguas moraicas, como é o caso do grego clássico que faz o contraste acentual ascendente e descendente na sílaba longa acentuada. O latim clássico, por sua vez, não possui esse contraste acentual no interior das sílabas longas: a sílaba longa equivaleria à sílaba breve quanto à presença ou não de acento, sem distinção do tipo de tom que recai sobre as unidades moraicas da sílaba longa. Segundo McCawley pode-se caracterizar a acentuação do latim respondendo à pergunta: qual sílaba? Para ele, a unidade prosódica do grego é a mora enquanto que a do latim é a sílaba, e o japonês se assemelha ao latim.

No latim, a sílaba é a unidade sobre a qual recai o acento, mas a unidade em termos da qual as distâncias são medidas para localizar o lugar do acento é a mora. A formulação da regra de acento do latim como segue: "acentue a sílaba localizada duas moras antes da última sílaba" (p. 61) é típica de uma língua "*mora-counting syllable language*". Em latim, a determinação da unidade portadora de acento é feita com base na contagem da mora, mas a marcação do acento se baseia na unidade silábica que inclui a mora acentuada. Assim, as

palavras do latim terminadas em (A), podem ser divididas em sílabas (B), e em moras (C), como segue:

( ^ = som longo, X' = unidade acentuada)

(5)	(A)	(B) sílaba	(C) moras
	acâtus	a-câ'-tus	a-ca'-a-tus
	acaptus	a-cap'-tus	a-ca'-p-tus
	acâptus	a-câp'-tus	a-ca'-ap-tus
	acatus	a'-ca-tus	a'-ca-tus

(McCawley, op. cit. p. 60)

Nesta análise baseada apenas em sílabas, a regra de acentuação (“coloque o acento na segunda sílaba a contar da direita quando o acento recai na sílaba longa”) não se aplica ao quarto exemplo. Esta regra de acentuação pode, no entanto, ser apresentada de maneira mais simples se se recorrer à análise que incorpora as moras: o acento recai na segunda mora a contar da última sílaba.

McCawley afirma que fato semelhante ocorre com o japonês que não possui contraste acentual no interior da sílaba: em sílabas longas acentuadas a primeira mora é acentuada e alta, e a segunda mora não é acentuada e baixa, não havendo, portanto, dois tipos de acentuação nas sílabas longas, isto é HL e LH. O japonês é, assim, classificado por McCawley como língua silábica de contagem moraica.

Com base nos conceitos de distância fonológica e unidade prosódica da língua, os argumentos apresentados por McCawley em favor da sílaba como unidade prosódica do japonês consistem no seguinte:

a) nas sílabas longas acentuadas não há contraste entre a primeira mora acentuada e a segunda mora acentuada: apenas a primeira mora é acentuada.

b) nas palavras estrangeiras, a regra que determina a colocação do acento baseia-se na contagem de três moras a partir do fim da palavra, como por exemplo:

(6)	ka ri kyu'ra mu	'curriculum'
	do' ra ma	'drama'
	su' mi su	'Smith'

(McCawley, op. cit. (p. 134))

No entanto, quando a terceira unidade a contar da margem direita é ocupada pela segunda mora da sílaba longa, o acento recai na primeira mora dessa sílaba, o que corresponderia à quarta mora a contar da direita. Para McCawley, a forma correta para expressar esta regra seria: "place accent on the syllable containing the third from last mora" (p. 134). No exemplo abaixo, a unidade portadora de acento pertence à sílaba que contém a terceira mora a contar do fim da palavra.

(7) e re be'e ta a 'elevador';  
 | | \ / \ /  
 σ σ σ σ

c) em alguns ambientes, uma palavra com acento no fim se torna não acentuada; para que essa regra opere corretamente é necessário que a palavra "acentuada no fim" seja interpretada como "acentuada na última sílaba" e não como "acentuada na última mora". O acento se perde mesmo que a mora sobre a qual recai o acento não seja a mora final da palavra, mas a primeira mora de uma sílaba longa final.

A regra para determinar a colocação de acentos em palavras estrangeiras, baseada não apenas em moras mas também em sílabas, assemelha-se ao procedimento utilizado para analisar o acento do latim, verificado acima.

Podemos dizer que ao propor a sílaba como uma unidade acentual, McCawley atribui um estatuto ao acento do japonês como portador de função demarcativa, na medida em que define a presença de uma sílaba acentuada em cada sintagma (minor phrase).

McCawley propõe dois tipos de sintagmas: o sintagma menor (minor phrase) e o sintagma maior (major phrase). O sintagma menor é definido como portador de uma sílaba acentuada e corresponderia, na Fonologia Prosódica, à frase fonológica, caracterizada como uma unidade formada por palavras fonológicas, e, no caso do japonês, pela presença de uma marcação acentual no elemento cabeça da frase (a primeira palavra de conteúdo à esquerda). Todas as sílabas subsequentes a essa sílaba acentuada seriam marcadas por tom baixo, da mesma forma que todas as sílabas anteriores à sílaba marcada seriam portadoras de tom alto, com exceção da sílaba inicial do sintagma. O sintagma

maior consiste de uma ou mais frases menores, mas apenas o primeiro sintagma menor contém um tom alto; as frases menores subsequentes são portadoras de uma altura média.

A semelhança entre as línguas de acento de intensidade e as línguas de acento de altura apresentada por McCawley restringe-se à marcação acentual de um sintagma. Enquanto nas línguas de acento de intensidade a marcação acentual constitui um elemento da organização rítmica da língua, no japonês, a marcação acentual exerce uma influência na caracterização entoacional das unidades maiores. É nessa direção que a análise de McCawley se desenvolve.

#### 4.1.3. Kubozono

O artigo de Kubozono (1994) tem como objetivo mostrar que o japonês apresenta uma tendência, tanto diacrônica quanto sincronicamente, a considerar as sílabas pesadas formadas por duas moras como sílabas não-marcadas.

O conceito de sílaba é importante, segundo Kubozono, para a análise do japonês, principalmente na descrição das regras de acento e altura de tom, tanto dos dialetos cuja unidade prosódica é ocupada pelas sílabas, quanto do dialeto de Tóquio, considerado dialeto moraico. Em dialetos de unidades silábicas, as moras especiais não apresentam um significado fonológico e a seqüência CVC, CVV tem o mesmo estatuto ocupado por CV. É através da unidade prosódica sílaba que se pode introduzir o conceito de quantidade da sílaba na descrição fonológica. Além disso, o recurso à sílaba é importante para a explicação dos erros da fala e para a determinação das regras morfológicas.

A diferença básica existente entre as sílabas abertas e fechadas está no fato de que o peso da sílaba se relaciona com a estruturação interna da sílaba baseada em consoante e vogal. A distinção entre as vogais breves, de um lado, e as vogais longas e ditongos, de outro lado, não é levada em conta na classificação da sílaba que se baseia em sílabas abertas e fechadas. No caso da proposta que incorpora o peso da sílaba, as vogais longas e os ditongos se definem como portadores de um peso duplo em relação à vogal breve. Da mesma forma, a consoante que segue a vogal em sílabas fechadas possui o mesmo peso da vogal breve. "O peso da sílaba se define pela presença de um peso definido na estrutura interna de cada sílaba e constitui uma forma de classificar a sílaba em sílabas abertas e

fechadas" (pp. 8-9). Esta classificação corresponde basicamente às sílabas longas e breves proposta por McCawley na descrição do japonês.

Como uma evidência de que em muitas línguas a sílaba pesada funciona como uma sílaba não-marcada, Kubozono aponta o fato de que os bebês em sua fase de aquisição da linguagem usam com freqüência maior as sílabas pesadas e, no caso específico do japonês, as mães também recorrem ao uso das sílabas pesadas na sua fala com os bebês. Os exemplos citados pelo autor são:

- (8) wan wan 'cachorro'  
pon pon 'barulho de batida' (?)  
hai hai 'engatinhar'  
manma 'papinha' (?)  
okki 'acordar'  
shikko 'xixi'

(Kubozono, *op.cit.*, p.16, nota 7)

As sílabas pesadas seriam, dessa forma, adquiridas pelas crianças antes das sílabas leves. Estes relatos podem sugerir, segundo o autor, que as sílabas pesadas são estruturas silábicas mais fáceis de serem pronunciadas do que as sílabas leves e super-pesadas.

As estruturas não-marcadas do japonês tradicionalmente definidas como sílabas leves tendem, segundo Kubozono, a ser substituídas por sílabas pesadas. Ele diz que embora o número dessas sílabas pesadas seja pequeno dentro da estrutura fonológica do japonês contemporâneo <sup>(5)</sup>, verifica-se um processo fonético produtivo na mudança de sílabas leves para as sílabas pesadas através da queda de consoantes, queda de vogais altas (que levam à geminação consonantal), e pelo ensurdecimento das vogais altas como um processo que precede e que prepara para a sua queda.

Kubozono considera que esta mudança no japonês não constitui um caso isolado nas línguas do mundo, encontrando fatos semelhantes em outras línguas européias onde se verifica uma "mudança no peso da sílaba". Para o autor, o fato de se poder verificar uma tendência comum nas línguas tipologicamente distintas reforça a idéia de que a sílaba pesada é uma estrutura silábica não-marcada.

Para Kubozono, as sílabas do japonês são de três tipos:

(9) a) sílabas leves formadas de uma mora

/V/	i	'estômago'
/CV/	te	'mão'
	me	'olho'

b) sílabas pesadas formadas de duas moras

/CVV/	tjou	'borboleta'
	kai	'concha'
/CVC/	keN	'espada'
	kit-te	'selo'

c) sílabas super-pesadas formadas de três moras

/CVVC/	waiN	'vinho'
	raiN	'chuva'
	(gen)-daik-(ko)	'criança moderna'

Considerando que a mudança que se reflete diretamente no peso da sílaba resulta ou da inserção da vogal ou da consoante, ou da queda desses elementos, Kubozono afirma que existe uma grande incidência de sílabas pesadas formadas a partir de sílabas leves. Dentro do processo fonológico do japonês contemporâneo, observa-se que a sílaba pesada funciona como uma estrutura silábica não marcada.

Um outro fato que ele apresenta para reforçar essa posição diz respeito ao processo de ombim<sup>(6)</sup> (eufonia) do japonês, conforme exemplos abaixo:

(10)	"I Ombin"	ka ki ta	→ ka i ta	'escreveu'
		tu ki ta ti	→ tu i ta ti	'dia primeiro do mês'
	"U Ombin"	a ri ga ta ku	→ a ri ga to u	'obrigado'
		yo ku ko so	→ yo u ko so	'seja bem vindo'
	"Hatsu Ombin"	yo mi te	→ yo N de	'lendo'
		sa ka ri ni	→ sa ka N ni	'ativamente'

"Soku Ombin"	mo ti te	→ mo t te	'segurando'
	yo ri te	→ yo t te	'conseqüentemente'

(Kubozono, p. 10)

Segundo Kubozono, a apreensão desta mudança sonora baseada apenas na unidade mora levaria a uma interpretação que não determina o princípio que acarreta a queda tanto da vogal quanto da consoante, além de não esclarecer a ocorrência de Ombim, definido em termos de pronúncia simplificada. Para ele, se essas mudanças forem apreendidas no nível da sílaba, alcançar-se-á uma explicação mais unificadora. Pela perspectiva do peso da sílaba, as mudanças decorrentes do ombim poderiam ser interpretadas como resultantes da transformação de duas sílabas leves em uma sílaba pesada sem modificar a estrutura das moras, como pode ser esquematizado em:

(11) "i ombim" e "u ombim"

$\sigma$	$\sigma$		$\sigma$
/\	/\		/ \
CV	CV	→	CVV
\	\		\
$\mu$	$\mu$		$\mu \mu$

(12) "N ombim" e "soku ombim"

$\sigma$	$\sigma$		$\sigma$
/\	/\		/ \
CV	CV	→	CVC
\	\		\
$\mu$	$\mu$		$\mu \mu$

(Kubozono, p. 11)

A descrição fonológica do japonês baseada na unidade sílaba pode alcançar uma generalidade e uma universalidade maior, segundo Kubozono. Através da introdução do conceito de peso na sílaba, as mudanças fonéticas do japonês aparentemente sem conexão, como é o caso da queda das consoantes e vogais das moras, podem ser melhor compreendidas.

Considerando as moras como unidades de peso, a sílaba pesada de Kubozono possui a mesma estruturação das sílabas longas de McCawley e de Hattori. Percebemos, no

entanto, que, para Kubozono o conceito de quantidade (peso) da sílaba para o japonês é importante para refletir sobre a universalidade do fenômeno e da estrutura fonológica do japonês. Por outro lado, existe também uma diferença na estruturação da sílaba com a marcação de peso atribuída às moras: as moras para Kubozono são constituintes diretos da sílaba (assim como para Tabata, 1989, embora haja uma diferença na sua estruturação, como veremos mais adiante), enquanto que para Abe (1987) e Poser (1985), elas são constituintes da Rima.

Com relação à proposta de Kubozono que defende a sílaba pesada como uma unidade “não-marcada” no japonês, achamos que ela é decorrente da apreensão da função da sílaba dentro de um enunciado, da mesma maneira como faz Hattori. Aquilo que Kubozono defende como um dado significativo para uma busca de universais nas línguas seria, a nosso ver, o resultado de apreensão da unidade rítmica da língua. Interpretamos a natureza “não-marcada” das sílabas pesadas como uma realização caracterizada pela “naturalidade” em termos de desempenho dentro do enunciado, considerando-se a busca pela otimização de um determinado padrão rítmico.

A sílaba pesada considerada por Kubozono como sílaba não-marcada seria justamente a unidade pé do ritmo do japonês. Considerando o pé do japonês como constituído de duas moras (cf. Bekku, 1977; e Poser, 1985; 1990), o conjunto formado tanto por duas moras plenas quanto por uma mora plena e uma mora especial constituiria o pé rítmico. Podemos dizer que, em termos rítmicos, o enunciado do japonês se organiza em unidades formadas por duas moras.

## **5. Considerações sobre a sílaba do japonês**

Vance (1987), ao discutir a necessidade das moras e das sílabas em japonês, apresenta três justificativas para comprovar a existência dessas unidades:

- 1) a justificativa interna, que depende da perspectiva teórica adotada;
- 2) a justificativa fonética, que busca evidência na correspondência entre a unidade lingüística e alguma realidade fonética; e

3) a justificativa psicológica, que busca evidência no papel que a unidade lingüística exerce no comportamento lingüístico.

Com relação à justificativa interna das moras, Vance afirma que ela é uma unidade de distância fonológica (cf. McCawley, 1968), através da qual pode-se especificar a localização do acento dentro de uma palavra. Por exemplo, para determinar a localização neutra do acento, recorre-se à indicação da terceira mora a partir do fim da palavra. A justificativa fonética baseia-se no fato de que a organização rítmica do japonês é dependente da isocronia da unidade mora. Esta justificativa, no entanto, pode não ser unânime porque embora trabalhos como o de Han (1992) afirmem a isocronia das moras, pesquisas como as de Beckman (1982) mostram que não existe essa isocronia moraica. Como justificativa psicológica, Vance apresenta a mora como uma unidade métrica nos poemas do japonês.

A justificativa interna apresentada por Vance para a existência da sílaba baseia-se na afirmação de que a sílaba fonológica é a unidade portadora de acento. Para ele, a descrição baseada apenas em moras é “needlessly messy” (op.cit. p. 67), além de dificultar as generalizações apreensíveis com a postulação da unidade sílaba. A justificativa fonética para a existência da sílaba baseia-se na definição da sílaba em termos de picos de sonoridade (Ladefoged, 1982), em que o número de sílabas em uma palavra é determinado pelo número de picos de sonoridade; e como um mecanismo baseado na corrente de ar expelido pelos pulmões (Catford, 1977, apud Vance op.cit.) que em algumas línguas coincide com a realização das sílabas, como é o caso do francês. Como justificativa psicológica, Vance recorre à música para comprovar a existência da sílaba em japonês. Segundo Vance, nas músicas infantis japonesas por ele selecionadas, existem casos em que as moras não-pletas recebem uma marcação notacional própria e em outros casos, essas moras são, em conjunto com a mora plena anterior, identificadas por apenas uma nota. Vance afirma que a atribuição de uma nota musical para esse grupo formado por uma mora plena e uma mora especial (a sílaba longa, nos termos de McCawley, 1968; e Hattori, 1976) da mesma forma que se atribui uma nota para cada sílaba breve em *site* (si-te), por exemplo, é uma evidência que justifica a existência de sílabas em japonês.

Contudo, existe uma diferença, pelo menos no caso do japonês, entre o desempenho verificado nos poemas e na música. No caso dos poemas, principalmente em Haiku e Tanka, a melodia com que os poemas são lidos baseia-se em uma leitura “cadenciada” cujo ritmo estrutura-se em torno de um número de moras (cinco e sete moras), conforme a tradição desse gênero. No caso da música, uma vez que ela se realiza a partir de uma melodia e de um ritmo específicos para cada música, sofrendo as adequações decorrentes dos mesmos, torna-se difícil buscar aí as evidências tanto para a sílaba quanto para a mora.

Podemos dizer que dentro da estruturação da sílaba proposta por Hattori, McCawley e Kubozono, os agrupamentos formados de CVC, CVN, CVV constituem uma sílaba, mas eles não exerceriam o papel de uma sílaba como organizadora de segmentos porque esse papel seria assumido pela mora (como veremos mais adiante na estrutura das sílabas), definida como uma unidade formadora da sílaba e como a menor unidade fonológica de que os falantes da língua têm consciência.

A facilidade de pronúncia das sílabas pesadas mencionada por Kubozono diz respeito ao ritmo da fala. Isoladamente, achamos que a sílaba leve é mais fácil de ser pronunciada mas, em termos fonéticos, o grupo formado pela seqüência de duas sílabas leves pode ser considerado mais difícil de ser realizado do que um grupo formado por uma sílaba pesada, porque envolve dois ataques silábicos. Em termos rítmicos, isso significaria que a sílaba pesada sozinha ocuparia uma unidade rítmica, enquanto que seriam necessárias duas sílabas leves para formar a mesma unidade rítmica.

Da mesma forma, o argumento de Hattori na definição da sílaba fonológica pode ser uma evidência de que o que está em questão é uma unidade rítmica. Para ele, as sílabas fonéticas [CVC, CVV, CVN] podem ser fonologicamente formadas tanto por duas sílabas fonológicas leves (cada sílaba formada por uma mora plena) quanto por uma sílaba longa (formada de mora plena e uma mora não plena). Neste caso, embora o enfoque da questão esteja direcionado para a relação sílaba fonética e sílaba fonológica, percebemos que a sílaba fonética de que fala este autor representa uma unidade rítmica porque se trata de uma unidade que possui um mesmo papel dentro de uma seqüência, apesar da diferença

na sua constituição. A sílaba fonética longa representa, assim, uma unidade pertencente a uma hierarquia prosódica superior à sílaba, a unidade rítmica pé.

Embora Kubozono considere o resultado do ombim como uma forma de silabificação pesada, consideramos que esse processo seja decorrente da atuação do ritmo da língua para "adequar" o grupo rítmico ao ritmo "emergente" da língua. Nesse sentido, achamos que o ritmo do japonês pode estar em processo de mudança para o ritmo mais acentual se comparado com o que se considerava em épocas anteriores, quando a língua era considerada predominantemente silábica (moraica).

As regras a que Kubozono recorre para mostrar a formação das sílabas pesadas devem ser consideradas como aquelas que atuam no nível do pé e não da sílaba. O mesmo argumento que ele utiliza com relação às moras, poderia ser utilizado para as sílabas. Ele diz que se o ombim fosse considerado uma mudança sonora que envolve apenas as moras, esse fenômeno só poderia ser interpretado como uma queda de C e V, sem poder mostrar a causa que leva a esses apagamentos. Em vez disso, se se considerar essa mudança no nível da sílaba, isto é, através de um processo de ressilabação, sua opinião é de que se pode explicar melhor a direção que a língua toma com referência às sílabas pesadas. Da mesma forma, achamos que o alcance explicativo da proposta da sílaba pesada baseada apenas na facilidade da pronúncia e na mudança fonológica que se verificam na língua se esgota no nível da sílaba. Podemos dizer que o recurso ao pé possibilitaria uma apreensão mais abrangente da língua em termos prosódicos porque essa unidade seria a unidade organizadora do ritmo das línguas. Sem uma determinação dessa unidade e do seu comportamento, a análise dos constituintes mais baixos na hierarquia da prosódia não alcançaria uma generalidade maior.

A sílaba longa/pesada é caracterizada por McCawley, Kubozono, Abe e Poser, como uma unidade da prosódia, portadora de acento. Na tradição dos estudos da língua japonesa não se definia o seu papel em termos rítmicos, porque a mora era apreendida como a unidade do ritmo. Nem em uma nem em outra proposta não se atribuía um papel à sílaba do ponto de vista do ritmo. Como consequência, resultam considerações redundantes e imprecisas sobre o papel da mora e da sílaba, como aquelas em que essas unidades são caracterizadas como unidades fonológicas do japonês, e em que a sílaba é definida como

unidade de acento e a mora, como unidade do ritmo moraico. Nessa definição, não se determina o papel da sílaba em termos rítmicos, mesmo sendo formada por moras, as unidades de ritmo. A sílaba como unidade portadora de acento não tem o seu papel determinado na estrutura rítmica do japonês, uma vez que essa caracterização se baseou, como vimos em McCawley, no comportamento do acento de altura.

A sílaba definida por McCawley como uma unidade portadora de acento, portanto como uma unidade da prosódia, é uma unidade que, nos termos de Hattori, recebe o núcleo do acento lexical. Nesse sentido, interpretamos a sílaba proposta por McCawley como uma unidade relacionada com o sistema acentual da língua e não como uma unidade acentuada em termos rítmicos. Na organização rítmica da língua podem surgir casos em que essas sílabas coincidem, mas a noção fundamental subjacente é distinta: as sílabas de McCawley são portadoras de acento lexical, enquanto que a marcação acentual das sílabas rítmicas se organiza sob o contraste entre fraco e forte no interior de uma cadeia métrica.

Embora McCawley tenha traçado semelhanças entre o acento de intensidade e o acento de altura para determinar a unidade portadora de acento, o acento definido no léxico baseado na informação tonal não serve como elemento de análise do ritmo da língua porque a proeminência rítmica se organiza independentemente da acentuação tonal. Conforme Haraguchi (1988), o acento de altura do japonês (e os pitch accent em geral) são independentes dos “efeitos rítmicos que são observáveis em acentos verdadeiros” (p. 124), diferentemente das línguas acentuais, cuja marcação rítmica se baseia no acento de intensidade.

Considera-se que existe uma relação entre a altura do tom e a intensidade, mas a marcação rítmica baseada na oposição forte versus fraco não se relaciona com o acento lexical de altura do japonês. Os exemplos abaixo poderiam ilustrar a inadequação do acento do japonês para a marcação do ritmo da língua baseado em bimoraicidade:

- (13) tabe<sup>1</sup>ru ‘comer’  
tabemo<sup>1</sup>no ‘comida’  
tabe<sup>1</sup>mono ‘comida’

<u>tabemono</u>	'comida'
<u>tabeka</u> ta	'modo de comer'
tabekata	'modo de comer'

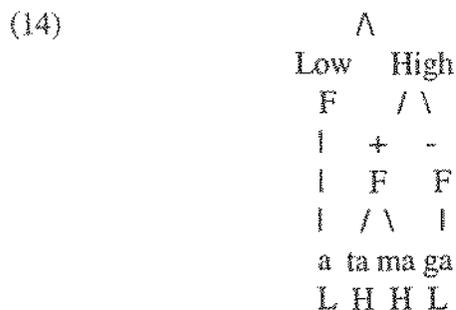
A própria variabilidade na acentuação e a seqüência de tons altos impossibilita fazer a marcação do pé troquei moraico (conforme Hayes, 1995). Mesmo que, em termos fonológicos, se propusessem diferentes níveis de intensidade na seqüência de unidades portadores de um mesmo tom, e se correlacionasse a marcação de tom alto com a marcação mais forte, surgiriam casos em que a construção do pé resultaria inadequada em termos empíricos, considerando que a sílaba inicial representada como a unidade forte da palavra (conforme Hattori) é, na maioria dos casos, marcada pelo tom baixo.

A proposta de análise de Abe (1987) e de Zubizarreta (1982) para o acento do japonês baseia-se no pé métrico da Fonologia Métrica. Essas análises se resumem basicamente em dividir a palavra fonológica em duas partes: uma parte, denominada pé acentuado que forma o pé ramificado, tendo o elemento mais à esquerda ou mais à direita como o elemento que domina o grupo acentuado; e uma outra parte que forma o pé não acentuado com as unidades restantes.

Em Abe, a estrutura prosódica é representada em termos de árvores binárias, cujos nódulos são localmente rotulados. O elemento acentual marcado lexicalmente torna-se o elemento mais encaixado e a estrutura da árvore é construída em seqüências de elementos tonalmente relevantes. A análise que ele propõe para as palavras compostas resume-se em agrupar os elementos portadores de tom Alto (+) e tom Baixo (-) de cada palavra N1 e N2 (que vão, por sua vez, constituir W1 e W2).

Zubizarreta propõe uma análise para o japonês baseada no modelo de harmonização da teoria métrica, segundo o qual as árvores se estruturam em pés organizados conforme o tipo de tom: pés com unidades de tom Alto e pés com unidades de tom Baixo. Para Zubizarreta a árvore do pé não é rotulada em termos de SW porque não existe um acento subsidiário em japonês, isto é, não há um tom médio. Os constituintes internos do pé são rotulados por (+ stress) e (- stress) e possuem um valor absoluto. Esses pés são chamados de pés polarizados.

Conforme o exemplo de Zubizarreta (op. cit. p. 195, ex. 85b)



Esta formalização baseada no acento de japonês daria margem a uma interpretação fonética distante daquela que se espera em japonês. O resultado fonético do exemplo acima seria [a-tama-ga] com base na organização do pé, e não [ata-maga] como se realiza em japonês, com segmentação em dois grupos formados de duas unidades cada, a contar da esquerda, se não houver restrições impostas pelas moras especiais.

Podemos dizer que a teoria métrica se desenvolveu com as línguas de acento de intensidade justamente pela característica acentual dessas línguas, em que, através de vários níveis de acento, representa-se sua estrutura métrica. Através da proposta de análise de Abe e de Zubizarreta verificamos não só a inadequação de se utilizar o formalismo da teoria métrica para descrever o acento do japonês, mas também a inadequação em se apoiar nesse tipo de acento, isto é, o acento de altura, para a análise métrica da língua.

Considerando que o acento seria o correspondente lingüístico na marcação do ritmo (Hayes, 1995, Liberman e Prince, 1977), e que os efeitos rítmicos “são observáveis em acentos verdadeiros” (Haraguchi, 1988), isto é, interpretados como acento de intensidade, propomos que o ritmo do japonês seja descrito com base na proeminência acentual marcada pelo acento de intensidade, com base no conceito de prosodema de Hattori e na apreensão da sílaba pesada longa por Kubozono e Hattori. A unidade sílaba exerceria, dessa forma, um papel determinante da estruturação métrica do japonês como constituinte da unidade rítmica pé, como veremos na construção dessa unidade pé no capítulo 4.

## 6. A estrutura da sílaba do japonês

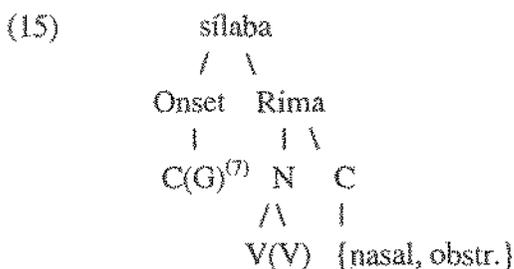
Caracterizado o papel que a sílaba vai ocupar na estrutura rítmica do japonês, passamos à análise da estrutura da sílaba.

Em termos da estrutura interna da sílaba, achamos que a organização em termos de constituintes O e R não é adequada para a análise do japonês por considerarmos que esse tipo de estruturação não configura as moras como uma unidade portadora de uma realidade psicológica para o falante japonês, como atestam as pesquisas desenvolvidas na área de percepção da linguagem (Spagnoletti, C. et al., 1989; Otake, T. et al., 1993; Morais, J. et al., 1996; Nakamura, M. et al., 1997). Propomos, portanto, que as moras se organizam como unidades de peso (ou de tempo) dominadas diretamente pela sílaba, conforme a proposta de Hyman (1985) e Hayes (1995).

A sílaba do japonês estruturada conforme a organização hierárquica constituída de OR adotada por Abe e Poser segue o modelo de Hayes (1989). Conforme esta posição, a mora é definida como um elemento constituinte da rima: uma sílaba leve é formada por uma mora projetada da rima e uma sílaba pesada é formada de duas moras projetadas da rima ramificada.

### 6.1. Abe

Abe propõe a seguinte estrutura silábica para o japonês:



Para Abe, a sílaba do japonês é organizada em termos de onset e rima, e a rima constituída de núcleo e coda. Esta planilha de sílaba propõe um núcleo ramificado para dar conta das moras longas, tendo ainda a coda como um lugar opcional a ser ocupado por uma nasal ou uma obstruente surda. A sílaba pode ser leve, formada de ((C(G))V), ou pesada,

formada de  $(C(G))V\{V,N,C\}$ , tendo a mora como um constituinte da rima: uma sílaba leve possui uma mora e uma sílaba pesada possui duas moras como constituintes da rima.

Para Abe, esta estrutura se torna relevante para discussão do acento e do tom porque nem todas as moras são portadoras de tom e o acento é uma propriedade da sílaba, tal como propõe McCawley (1968). Todas as unidades portadoras de tom podem carregar acento, mas, no dialeto de Tóquio, somente a primeira vogal projetada do núcleo pode ser marcada pelo acento. (Isto porque Abe toma a mora longa representada pela vogal como um constituinte da rima e não da coda.)

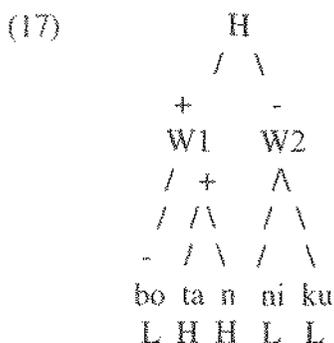
O artigo em que Abe discute a estrutura silábica do japonês propõe uma análise das palavras compostas com base no modelo da Fonologia Métrica, através do qual se consegue, segundo Abe, “uma generalização simples que pode ser expressa coerentemente em termos geométricos” (Abe, op.cit.p.6). Nessa análise dos compostos, os elementos de cada palavra (N1 e N2) são agrupados em portadores de tom Alto (+) e tom Baixo(-) dentro de uma estrutura de árvore binária.

Embora Abe afirme que as noções, tanto da sílaba quanto da mora, sejam importantes para o desenvolvimento da análise dos compostos, verificamos que toda a discussão que faz relativa aos acentos se baseia em moras como unidades formadas de  $(C)V, C, N$ . Abe diz que o acento é uma propriedade da sílaba, mas dado que a extensão da palavra influi na determinação do padrão de altura da língua, a noção de mora como portadora de tom passa a ser decisiva para o estudo da tonologia de nomes compostos do japonês, e a análise do acento se baseará no número de moras (e não no número de sílabas). Tomaremos como exemplo ilustrativo a palavra *henkee bunpoo* ‘gramática transformacional’ (Abe, ex. 56 a 61). Remetemos os detalhes relativos às regras e processos que caracterizam a análise para o texto em questão e vamos deter apenas na formalização da análise para mostrar que a unidade em que o autor se baseia é a mora e não a sílaba.



Segundo esta formalização, as unidades sílabas pesadas formadas por *hen*, *kee*, *bun*, *poo* não são levadas em conta porque a análise se baseia em moras.

Este fato nos leva a questionar o seguinte: qual seria o papel da sílaba definida por Abe como unidade de acento se a própria análise dos acentos se desenvolve pela atribuição de tons +Alto e -Baixo ao agrupamento de moras? Parece-nos que o papel da sílaba acaba sendo minimizado uma vez que toda a análise ao longo do texto se baseia no agrupamento de + e de - tendo como referência as unidades moras. Apenas no caso de *botan niku* 'carne de javali' cuja estrutura é apresentada como:



o autor faz referência à sílaba para afirmar que no dialeto de Tóquio o contorno melódico HL nunca aparece após a sílaba longa, mas entre a primeira vogal e a segunda sonorante dessa sílaba (no caso, *ta* e *N*). Assim, a representação acima de /bo ta N' ni ku/ LHHLL deve ser convertida para /bo ta' N ni ku/ LHLLL. O recurso à sílaba e ao padrão melódico HL, neste caso, se deve ao fato de que as moras *ta* e *N* (de *bota*'*N*), pertencentes a uma ramificação marcada por (+) de W1 foram rotuladas como H H e não como HL, que seria a representação acentual esperada. Para se chegar à representação tonal LHL, Abe necessita de uma regra de ajuste baseada na restrição determinada pelo acento em sílabas longas.

O papel da sílaba, nesta análise baseada na Fonologia Métrica, parece ter sido relegado apenas ao nível de representação. Embora Abe afirme que ambas as noções, isto é tanto da mora quanto da sílaba, são necessárias na análise dos compostos, verificamos que a análise proposta pelo autor, se baseia totalmente em moras. Este fato pode indicar que, para a análise do acento do japonês, a sílaba, principalmente a sílaba pesada, não teria um papel determinante.

Cabe destacar, por outro lado, que percebemos uma diferença na maneira como este autor interpreta a mora no seu aspecto conceitual e funcional: a) em termos de estruturação da sílaba, a mora foi definida como uma unidade constituinte da rima (projetada tanto do núcleo quanto da coda), portanto como uma unidade que não é portadora de um estatuto próprio; e b) na análise acentual dos compostos, a mora exerce um papel de uma unidade autônoma, como portadora de tom e independente da estrutura silábica à qual ela se subordina.

No primeiro caso em que a mora foi definida como um constituinte da rima, consideramos que isso se deve à abordagem teórica em que se baseia, isto é, a teoria moraica de Hayes (1989), para definir a planilha da sílaba. No segundo caso, que consiste de uma análise dos dados do japonês, a mora foi apreendida como uma unidade autônoma, portadora de tom, como é caracterizada dentro da língua. Este fato parece ser um indicativo de que, mesmo que em termos teóricos se proponha a sílaba estruturada em constituintes, uma análise adequada dos dados da língua se baseia em unidades fonológicas que caracterizam a língua, como é o caso das moras.

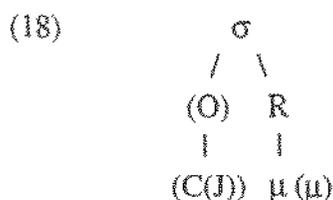
## 6.2. Poser

Para Poser (1985), as sílabas do japonês são constituídas de um onset opcional e de uma rima obrigatória. O onset pode ser ocupado por uma consoante simples seguida ou não de um glide /j/. A rima contém no máximo duas moras, unidades definidas como nódulos terminais dominados pela rima, e pode ser constituída de:

- uma vogal breve (V);
- uma vogal breve seguida de glide /j/;
- uma vogal breve seguida de uma mora nasal N;
- uma vogal breve seguida da primeira metade da consoante obstruente geminada;
- uma vogal longa<sup>(8)</sup>.

Nesta lista, com exceção do primeiro tipo de sílaba, formado de uma vogal leve, todos os outros tipos são portadores de duas moras.

A sílaba teria a seguinte representação segundo a proposta de Poser:



Com relação ao dialeto de Tóquio, Poser diz que o domínio do acento é a sílaba, embora a mora seja a unidade portadora de tom. Não existe contraste entre a acentuação da primeira mora de uma sílaba e a acentuação de uma outra mora. A unidade portadora do tom é a mora, considerando que as moras de uma sílaba pesada acentuada teriam diferentes tons: a primeira teria um tom Alto e a segunda mora seria portadora de um tom Baixo.

O padrão tonal do japonês é tradicionalmente descrito em termos de altura relativa: Alto x Baixo, sem especificação de grau de altura. Ao definir o padrão tonal do dialeto de Tóquio<sup>(9)</sup>, Poser distingue as sílabas em:

- a) sílabas pesadas, formadas por duas moras sonorantes, isto é constituídas de vogal longa, dítongo, ou uma vogal seguida de uma mora nasal e uma obstruente geminada. .
- b) sílabas leves, formadas de uma mora sonorante, ou constituídas de uma vogal breve.

A proposta de Abe e de Poser leva aos seguintes padrões silábicos:

- sílaba simples (C)V;
- sílaba longa (C)V;
- sílaba travada por uma nasal (C)VN;
- sílaba travada por uma obstruente (C)VC.

Existe uma semelhança nas propostas de Abe e de Poser relacionadas com a sílaba: a sílaba é organizada em onset e rima, e a mora é um constituinte da rima. Podemos dizer que este tipo de estruturação possibilita a atribuição de um estatuto para as moras consideradas não plenas do japonês, como um constituinte coda da sílaba. Esta estruturação, entretanto, leva a uma disposição das unidades moras que não correspondem à característica da língua, como vimos na análise de Abe com relação ao acento dos compostos. Dispostas como sub-constituintes da rima, essas unidades moraicas (sem a consoante inicial, o Onset) não apresentam uma configuração que caracteriza um tipo de agrupamento definido como domínio de acento de altura. Além disso, tal disposição também não permite que a mora se

configure como portadora de uma autonomia temporal. A estrutura CV das moras acaba sendo “desintegrada” no interior da rima.

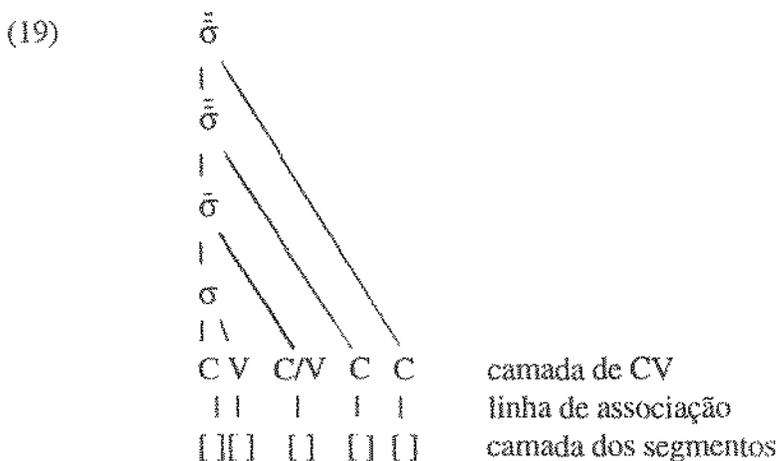
### 6.3. Tabata

Diferentemente do que propõem Abe e Poser, Tabata (1989) afirma que a representação da sílaba do japonês baseada em OR(NC) não é apropriada para a língua porque a postulação dessa estrutura não responde aos seguintes pontos do japonês:

- a) a inexistência de palavras em japonês terminadas em consoantes surdas (e em /m/, /n/);
- b) a intuição lingüística que o falante de japonês possui com relação às moras; e que não é captada por essa estrutura OR(NC);
- c) a característica da língua que tem como base as sílabas abertas.

Tomando a mora como uma unidade rítmica incontestável no japonês, Tabata afirma que a estrutura básica da mora é CV e não apenas V. Para ele, essa constatação decorre dos dados de Han (1962, apud Tabata) que mostram uma isocronia entre as duas unidades moraicais nas sílabas longas CV: (formadas de CV-V), e nas sílabas geminadas C:V (formadas de C-CV).

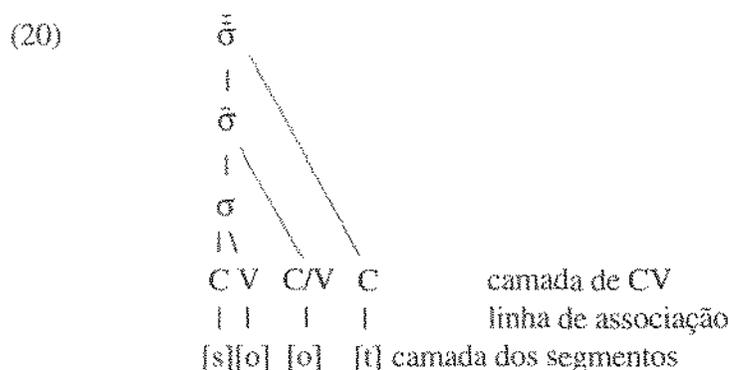
Com base na teoria X barra (Tabata, 1986), conforme esquema abaixo, o autor procura determinar uma representação fonológica que reflita a realidade fonética das moras, caracterizadas como uma unidade CV, e uma forma de relacionar a mora e a sílaba, além de buscar uma solução para a sílaba fechada por uma consoante moraicai



(Tabata, p. 148 (8))

Dentro desta proposta, a unidade CV, considerada a forma básica das moras, ocupa a parte principal da sílaba marcada por uma associação vertical aos nódulos de  $\sigma$ . As moras não-pletas se ligam por meio de uma linha inclinada ao nóduo da sílaba hierarquicamente superior (isto é, ao nóduo  $\bar{\sigma}$ ) àquela que organiza a mora plena CV. Dessa forma, atribui-se às moras não-pletas um papel de "meia-sílaba", como um elemento complementar da sílaba hierarquicamente superior.

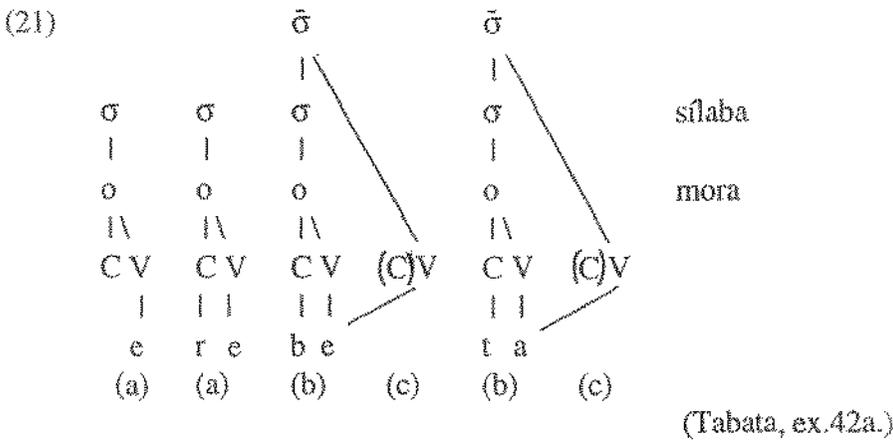
Tabata (1989) propõe a sílaba formada de uma parte principal (definida como "head") e de uma parte complementar (definida como "modifier") determinando uma hierarquia de valores entre as moras plenas consideradas principais ou nucleares, e as moras não plenas, consideradas complementares ou subordinadas. Além disso, como a estrutura acima produz sílabas não adequadas (e inexistentes) no japonês, em Tabata (1989) o autor propõe uma restrição limitando o número de CV slots para o máximo de três CVs em uma sílaba. Assim, uma sílaba como [so:t] em sootto, no exemplo de Tabata, seria representada como segue:



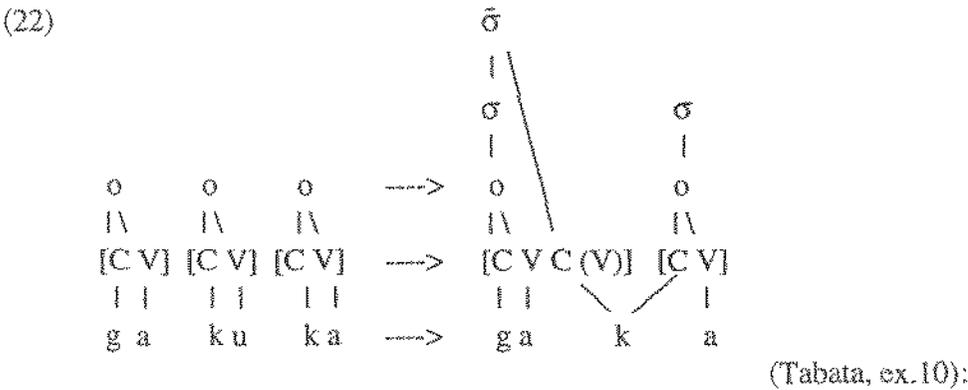
(Tabata, p. 151(15.c))

Para Tabata, a sílaba formada por uma mora plena é considerada a sílaba não marcada, e a sílaba formada por duas moras, em que a segunda mora é ocupada por uma mora não-plena, é considerada a sílaba derivada. A sílaba marcada é uma estrutura que resulta de duas estruturas CV, isto é, a primeira estrutura CV vai constituir a parte principal da sílaba e a segunda estrutura CV (um dos slots que fica obrigatoriamente invisível no processo fonológico será marcado por um círculo) vai ocupar a parte complementar da sílaba. No exemplo abaixo em que se inclui a camada da mora representada por (o), (a) seria

a sílaba não marcada, (b) seria a parte principal da sílaba e (c) seria a parte complementar da sílaba.



Vejamos um exemplo de uma sílaba derivada [CVC]



A estrutura superficial CVC teria assim, uma estrutura hierarquizada em sílaba e mora, mostrando uma distinção entre a mora plena e a mora não-plena.

Diferentemente da proposta de Abe e de Poser, em que as moras ocupam um lugar na estrutura da sílaba como constituintes da rima, na proposta de Tabata, as moras se localizam na superfície, dominadas diretamente pela sílaba, e preservam a estrutura da mora. Nesse sentido, pode-se dizer que essa representação reflete a realidade fonética das moras, como propõe Tabata. Essa representação determina ainda uma hierarquia entre a mora plena e a não-plena baseada na estrutura simplificada ou incompleta desta última, mostrando o caráter dependente das moras não plenas. As moras não plenas, portadoras de restrições na formação das sílabas, têm na análise de Tabata uma configuração definida dentro da estrutura da sílaba. Podemos dizer que a sílaba derivada definida como uma

estrutura formada por uma mora plena e uma mora não plena é resultado da apreensão das moras não plenas como hierarquicamente distintas das moras plenas.

A representação de Tabata nos parece bem motivada uma vez que reconhece o caráter dependente das moras não plenas. No entanto, não concordamos com a proposta da sílaba derivada para caracterizar as sílabas longas ou pesadas. Parece-nos mais adequado considerar essas sílabas como compostas e não como derivadas, porque as moras que as constituem, embora de tipos diferentes (plenas e não plenas), apresentam o mesmo comportamento: ocupam uma posição temporal e são portadoras de um tom. O caráter dependente das moras não plenas na composição da sílaba poderia ser um elemento para caracterizá-las como marcadas e as moras plenas que não sofrem restrições na formação das sílabas seriam consideradas como não marcadas.

#### 6.4. Yoshida

Sob a perspectiva da Fonologia de Governo, a proposta de Yoshida (1990) consiste em atribuir um estatuto de sílaba às moras nasais e moras longas do japonês, consideradas moras não plenas. Segundo esta proposta, seqüências do tipo (C)VV e (C)VN (comumente definidas como sílabas longas ou pesadas formadas por uma mora plena (C)V e uma mora não plena V ou N) são analisadas como duas sílabas breves formadas de (C)V e V; (C)V e N. Dentro da estrutura da sílaba proposta pela Fonologia de Governo organizada em OR(N), a mora nasal e a mora longa ocupariam o núcleo da rima ficando o onset vazio. Como ocupantes do constituinte rima esses elementos adquirem o mesmo estatuto das sílabas formadas por (C)V.

Para Yoshida a noção da mora tem sua origem na análise das seqüências (C)VV e (C)VN como formadoras de uma sílaba. Uma vez que se consideram as seqüências acima como constituídas de duas sílabas, não haveria mais necessidade das moras como sub-constituíntes das sílabas.

A planilha da sílaba proposta por Abe (1987) permite, segundo o autor, a construção de sílabas leves e pesadas (23), e superpesadas como (24), mas exclui a sílaba do tipo -VNC (25), abaixo. Conforme os exemplos de Yoshida:

- (23) (C)(y)V e 'desenho', te 'mão', tya 'chá'  
 (C)(y)VV boo 'vara', kai 'concha', hyoo 'quadro'  
 (C)(y)VN aN 'idéia', moN 'portão', tyaNto 'apropriadamente'  
 (C)(y)VC itta 'foi', motto 'mais', hyotto 'por acaso'
- (24) -VVN saiN 'assinatura', buuN (onomatopéia)  
 -VVC toota 'passou', haitta 'entrou'
- (25) -VNC roNdoNkko 'Londrino", hoNtte 'os livros'

O interesse de Yoshida, no entanto, se direciona para a discussão do estatuto das moras não plenas nasal e longa que podem, segundo ele, ser definidas como sílabas autônomas.

Para Yoshida a proposta de um núcleo ramificado em que se permitem duas vogais, contrária as regras propostas pela teoria de Governo, como a Condição de Adjacência Estrita (Strict Adjacency Condition) que determina o governo entre dois pontos adjacentes, e a Condição de Direcionalidade Estrita (Strict Directionality Condition) que define a direção do governo. Estas duas condições fazem derivar o teorema binário, segundo o qual "todos os constituintes são máximamente binários" (Yoshida, op.cit.p.336). As sílabas pesadas *koot-* e *hait-* das palavras *kootta* 'gelou' e *haitta* 'entrou' seriam permitidas pela planilha da sílaba proposta por Abe como constituintes do núcleo da rima. Essas palavras formadas de vogais longas e ditongos aparentes teriam a seguinte representação dentro da proposta da Fonologia de Governo:

- |      |     |  |   |           |     |
|------|-----|--|---|-----------|-----|
| (26) | O R | O R  |   | O R       | O R |
|      |     |  |   |           |     |
|      |     | N \  |   | N         |     |
|      |     | / \ \  |   |           |     |
|      | x   | x <sub>1</sub> x <sub>2</sub> x <sub>3</sub> | x | x         | x   |
|      |     | \ / \  |   |           |     |
|      | k   | o t a  |   | h a I t a |     |

Nesta análise, a estrutura da rima é ternária, e a cabeça do constituinte (x<sub>1</sub>) vai governar dois complementos (x<sub>2</sub> e x<sub>3</sub>), o que vem contrariar o teorema binário acima.

Segundo a Fonologia de Governo, as palavras acima teriam a seguinte configuração:

(27)	O R O R   O R       \       N   N\   N         \     x x   x x x x   \ / \     k   o   t a	O R O R   O R       \       N   N\   N         \     x x   x x x x         \     h a   I t a
------	--	--

permitindo uma predição (correta) de que ambas as palavras são compostas por três sílabas *ko-ot-ta* e *ha-it-ta*.

Na análise de Abe, a nasal ocupa a posição de coda, mas como na Fonologia de Governo esse constituinte não possui um status, a nasal passa a ocupar a posição de rima de uma sílaba. Salientamos que a ocupação dessa posição envolve as restrições impostas pela teoria, como o Princípio de licenciamento da coda (segundo o qual as posições pós-nucleares à rima devem ser governadas pela posição de onset seguinte), e a parametrização que é atribuída ao japonês (segundo a qual não é permitido um núcleo vazio em domínio final). Resumindo, a palavra *hoN* 'livro', por exemplo, é analisada como segue, segundo a Fonologia de Governo:

(28)	O R O R           N   N         x x x x       / h o N
------	---

Com a dissociação do elemento nasal do onset, temos a seguinte representação:

(29)	O R O R           N   N         x x x x     \ / h o N
------	---

Os exemplos acima mostram que as vogais longas aparentes e a seqüência de vogal e nasal são compostas por dois núcleos silábicos. Isto possibilita, segundo Yoshida, substituir a noção de mora por aquela de núcleo da sílaba, tornando a mora uma unidade

desnecessária. Para o autor, a unidade mora, necessária em algumas línguas, mas dispensável em outras, torna a análise fonológica menos universal.

Os exemplos relativos ao padrão silábico elencados por Abe não incluem casos como aqueles de sílabas super pesadas apresentados por Yoshida porque esses exemplos não constituem realmente sílabas super pesadas em japonês. No entanto, não podemos negar que a planilha proposta por Abe possibilita a formação de sílabas super pesadas que envolvem duas vogais no núcleo, seguidas de uma coda nasal ou obstruente consonantal. Ao apresentar exemplos de vogais longas aparentes, Yoshida teve como objetivo mostrar que a proposta baseada na Fonologia de Governo, por apresentar restrições na construção da sílaba, consegue fazer predições corretas das sílabas, não ocasionando formações de sílabas não existentes na língua.

Esta proposta que tem como mérito atribuir um papel independente às moras não plenas, caracterizando-as como sílabas, traria, por outro lado, algumas inconveniências na análise que propomos para o ritmo do japonês. Dentro da perspectiva do nosso trabalho as sílabas pesadas são portadoras de informação da quantidade silábica que vai determinar a construção do pé, como veremos no capítulo 4. A questão que se coloca nesta proposta de Yoshida diz respeito ao tipo de solução que o autor daria para a análise do ritmo do japonês. Podemos dizer que, na proposta deste autor, as sílabas passam a ocupar o mesmo papel que as moras desempenham na análise tradicional do japonês, trazendo pouca diferença na análise do ritmo da língua.

## **7. A sílaba e a unidade de peso**

Dado que, foneticamente, existe no japonês uma distinção na duração entre palavras estruturadas em unidades do tipo CVC-CV, CVV, CVN e unidades do tipo CVCV, CV e CV respectivamente, poderíamos conceber a estrutura silábica do japonês como constituída de sílabas pesadas e sílabas leves, conforme exemplos abaixo:

(30)	CVC-CV	kat-ta	'comprar' (pass.)
	CV-CV	ka-ta	'ombro'
	CVV	too	'dez'
	CV	to	'porta'
	CVN	saN	'três'
	CV	sa	'diferença'

No entanto, estas sílabas pesadas kat-, too, saN que poderiam ser representadas segundo a estrutura hierárquica da sílaba, abaixo:

(31)	$\sigma$	$\sigma$	$\sigma$
	$\wedge$	$\wedge$	$\wedge$
	O R	O R	O R
	$\wedge$	$\wedge$	$\wedge$
	N C	N C	N C
		/	
	k a t	t o	s a N

não são condizentes com a estrutura fonológica do japonês porque esse tipo de estrutura é importante quando existem restrições na combinação e na posição dos segmentos em cada um dos constituintes, como é o caso das sílabas do inglês, do português, etc. Em português, por exemplo, o onset pode ser ocupado por até duas consoantes possuindo algumas restrições na seqüência das consoantes: as oclusivas não aparecem precedidas por fricativas, as nasais não vêm precedidas por oclusivas, etc. No japonês não há necessidade de propor o constituinte onset porque essa posição pode ser ocupada por apenas uma consoante ou por uma consoante seguida de um glide. Além disso, dado que a consoante do onset pertence apenas e obrigatoriamente à 1ª mora da sílaba, não haveria necessidade de propor o constituinte onset na estrutura da sílaba. A consoante deveria, em princípio, fazer parte da primeira mora (Katada, 1990; Hayes, 1995) como esquematizado abaixo:

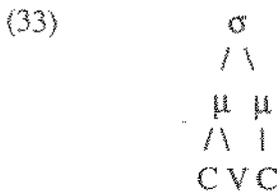
(32)	$\sigma$
	$\wedge$
	$\mu \mu$
	k a t

A sílaba pode envolver dois pesos conforme modelo de Hayes (1989), mas esse peso é um elemento que se projeta da rima, especificamente dos constituintes N e C da rima, diferentemente da unidade tempo do japonês que é uma propriedade da unidade mora, não representável pela planilha da sílaba. O japonês não comporta uma rima ramificada porque a língua não possui, em termos fonológicos, uma distinção na duração das moras. A estrutura (2) acima mostra que as moras são projetadas da rima, posicionando-se em um nível encaixado na estrutura da sílaba. Dentro dessa representação, o papel da mora especial do japonês como unidade portadora de um tempo próprio acaba sendo apagado porque é dominado pela rima, constituinte da sílaba.

Além disso, podemos dizer que, em termos acentuais, a estruturação que se baseia em Onset e Rima é inadequada para o sistema da língua. A diferença na marcação de altura entre a primeira mora ((C)V) e a segunda mora (mora não plena) nas sílabas acentuadas acaba se perdendo dentro da estrutura organizada em constituintes (O)R(NC) porque não se preserva a estrutura da mora como uma unidade independente. A divisão de uma unidade em onset e rima é possível em línguas cujo acento (de intensidade) recai sobre a rima, o componente sonoro da sílaba, mas no caso do japonês, dada a natureza do acento (acento de altura), o conjunto ((C)V, ou C, ou V, ou N deve ser considerado como a unidade portadora de acento. Segundo Kubozono (1989) não existe em japonês nenhuma evidência em favor da unidade rima, considerada como um constituinte universal da sílaba. A falta de evidências em japonês não significa que esse constituinte não seja relevante para as outras línguas, mas como diz Kubozono, esse fato vem sugerir que pelo menos em línguas moraicas, a rima não é um constituinte importante.

O comportamento das moras não plenas do japonês se parece com o das codas da sílaba pesada porque essas moras são realizadas como parte integrante da sílaba. Contudo, essas moras são, diferentemente das codas, portadoras de um tempo próprio, recuperável em falas lentas e cuidadosas. Dessa forma, as estruturas CVV, CVN e CVC, analisáveis como uma unidade silábica, devem carregar uma informação de que se tratam de unidades constituídas de duas unidades menores, as moras.

A formalização abaixo:



mostra que o nóculo  $\sigma$  é formado por duas moras que preservam a sua estrutura, sem sofrerem domínio dos constituintes da sílaba. Esta é a posição adotada por Kubozono, McCawley e Hattori relacionada com as sílabas longas e pesadas da língua. Conforme esta estrutura, as moras são constituintes diretos da estrutura sílaba, possibilitando uma interpretação baseada em uma autonomia não verificável nas moras como elementos da rima. Essas moras exercem uma influência na duração das sílabas e representam dois tempos rítmicos, como se espera no japonês.

Consideramos as moras do japonês como unidades de marcação de tempo. Podem, como unidades de tempo, apresentar um resultado fonético semelhante na duração dessas unidades, mas são elementos de naturezas distintas. Para o japonês, a sílaba formada por duas moras seria portadora de dois tempos rítmicos e não de duração duas vezes mais longa. A partir desta consideração, podemos caracterizar a sílaba pesada como uma estrutura que comporta dois tempos moraicos.

Em comparação com a análise da sílaba estruturada em constituintes OR(NC), em que as moras ocupam a posição de sub-constituintes da rima, a proposta de Tabata dá às moras não plenas uma configuração mais autônoma, ainda que lhe atribua um papel hierárquico inferior em relação às moras plenas. Em Yoshida, baseada na Fonologia de Governo, essas moras não plenas constituem elas próprias uma sílaba sendo portadora de um mesmo estatuto das sílabas formadas por moras plenas.

As propostas de Yoshida e de Tabata, embora distintas na sua formalização e conceituação, atenderiam, em princípio, àqueles que tomam as moras como unidades portadoras de uma autonomia em termos de realização dentro de um enunciado. Assim, eles contestam a proposta das sílabas estruturadas nos termos desses constituintes, isto é em OR(NC). Entretanto, ambas as propostas não satisfazem a análise do japonês. A proposta de Tabata, como já mencionamos anteriormente, não seria adequada porque marca a mora não plena (portadora de restrições) como um elemento hierarquicamente inferior em relação à

mora plena. Na proposta de Yoshida, a informação sobre a quantidade silábica presente na sílaba pesada formada por uma mora plena e uma não plena e que vai determinar a organização rítmica do japonês acaba se perdendo, o que vem complicar a construção da unidade rítmica da língua. Isso exigiria, por exemplo, a definição de outros parâmetros para a construção dos pés.

No caso da teoria silábica que se baseia na organização hierárquica dos elementos constituintes, a mora exerce um papel na determinação do peso da sílaba que vai, por sua vez, influir na acentuação das línguas de ritmo acentual. No caso do japonês, as moras constituem também uma unidade de peso na determinação da unidade do ritmo da língua, como veremos no capítulo 4, mas elas exercem ainda o papel de organizador dos segmentos em unidades temporais. Nesse sentido, as moras do japonês não são constituintes da rima, mas unidades temporais autônomas que ocupam um lugar no ritmo da língua.

Esta discussão sobre o papel da mora teve como objetivo apresentar uma estrutura de sílabas sem os constituintes O e R mas organizadas por moras, como aquela proposta por Hyman. A sílaba é também uma unidade importante para a estruturação do ritmo do japonês como vimos em Hattori e em Kubozono.

O quadro a seguir apresenta um resumo do papel que a sílaba e a mora exercem no japonês segundo a proposta dos lingüistas analisada neste capítulo.

O papel da mora e da sílaba, e a estrutura da sílaba segundo a visão dos lingüistas considerados no capítulo

	mora	sílaba	estrutura da sílaba
Kindaichi	unidade rítmica unidade duração menor unidade fonológica		
Hattori	unidade fonológica unidade de duração	unidade fonológica	CV; CVV, CVN; CV?.
McCawley	unidade de distância fonológica unidade de duração unidade de acento de altura	unidade prosódica	sílaba breve S(m) <sup>(*)</sup> sílaba longa S(mm)
Kubozono	unidade de duração unidade de peso	unidade de acento quantidade silábica	sílaba leve S(m) sílaba pesada S(mm)
Abe	unidade de acento de altura constituente da rima	unidade de acento	sílaba O R (NC)
Poser	unidade prosódica nóculo terminal dominado pela rima	unidade prosódica	sílaba (O) R (m(m))
Tabata	unidade de ritmo	unidade fonológica	"head" + "modifier" sílaba não marcada (CV) sílaba derivada (CVC; CVN; CVV)
Yoshida		unidade fonológica	sílaba OR (C)V(C); V, N

(\*) S = sílaba; m = mora

## Notas

(1) Com base na caracterização da mora como a menor unidade de que os falantes teriam consciência, Kamei (Jouo, 1977) propõe a possibilidade de analisar o japonês baseado apenas na unidade mora constituída de (C)V, sem necessidade de recorrer às unidades segmentais. Esta posição traz, contudo, alguns inconvenientes, segundo Jouo, porque acaba não dando conta dos casos inserção, queda e troca de segmentos como por exemplo em:

*koame* em relação a *kosame* 'chuveiro'

*gozarimasu* em relação a *gozaimasu* (sufixo de polidez)

*araburu* em relação a *abaruru* 'tornar-se violento'

*tagamo* em relação a *tamago* 'ovo'

(2) Embora as sílabas sejam consideradas universais em fonologia, o autor afirma que estudos sobre Gokana apresentados em Hyman, 1985 (apud Hyman, 85), sugerem que essa língua não necessita da unidade sílaba, embora ela seja portadora de segmentos silábicos e não silábicos, como acontece em outras línguas. O argumento que apresentado por Hyman para esse fato consiste do seguinte:

a) a silabidade pode ser capturada sem referência a sílabas em Gokana: dado que a WU define a silabidade, não há necessidade da unidade sílaba em línguas como Gokana que não possui grupos consonantais lexicais.

b) as regras fonológicas típicas do nível da sílaba, no caso de Gokana seriam aplicáveis em outras unidades (pé, palavra fonológica).

(3) Para Hattori, o que diferencia uma seqüência de vogais que pertence a uma sílaba ou a duas sílabas, por exemplo, está na interpretação que se faz dela em termos de pronúncia: no caso de (C)VV (em que VV seriam vogais iguais), a realização se faz como [(C)V:] e no caso de (C)V.V, a pronúncia seria como [(C)VV], analisada fonologicamente como /((C)V(C)V/

Ex. CVV [to:] 'dez' /too/ /CVV/;

CVV [kao] 'rosto' /ka'o/ /CVCV/.

onde (') representa o "fonema zero" proposto por Hattori para ser colocado em ambiente de mora formada por uma V.

(4) A explicação que Kindaichi apresenta com referência a esses exemplos é como segue:

[áida] constitui uma palavra única;

[háide] é formada por duas palavras: [hai] e [da] mas o grau de composição é forte;

[takaídai] é formada por 2 palavras, mas com um grau de composição mais fraca do que o caso anterior;

em geral, nas composições mais fracas, existe uma tendência a serem incluídas pausas e vales fortes no enunciado;

no dialeto de Tosa, os sons [d] e [g], quando seguidos de uma pausa, tendem a não nasalizar as vogais anteriores, mas, na ausência dessas pausas, nasalizam as vogais anteriores;

em consequência disso, em [áida] e [háide] o grau de nasalização é mais forte do que em [takaídai].

(Kindaichi, op.cit. p. 264)

(5) Kubozono indica que no caso das moras a diferença entre as moras plenas e moras especiais é de 4 para 1, enquanto que no caso das sílabas, a diferença entre as sílabas leves e pesadas é da razão de 3 por 1.

(6) O fenômeno *ombim* pode ser de quatro tipos, como vemos nos exemplos acima e ocorre em contexto de junção de uma palavra com partículas (*joshi* e *jodooshi*, a serem definidos no capítulo 4) como *ta* (indica passado e ação concluída), *te* (indica ligação). Segundo Komatsu (81), na língua moderna japonesa, “i ombim”, “hatsu ombim” e “soku ombim” ocorrem basicamente com verbos (embora haja casos em que ocorrem com substantivos, como é o caso de *tuitati* no exemplo de Kubozono), enquanto que “u ombim” ocorre com os adjetivos. No caso de “I ombim” as formas verbais terminadas em /ki/ passam a ser realizadas como /I/ quando seguidas de *ta* (e suas formas flexionadas) e *te*. ‘Hatsu ombim’ ocorre em contexto em que as palavras com terminação flexionada em /bi, mi, ni/ precedem as partículas *ta*, *te*. Essas terminações se transformam em N, sonorizando a consoante dental das partículas *ta* e *te*. “Soku Ombim” ocorre com os verbos terminados em /i, ti, ri/, formas em que após a queda dessas moras, o espaço moraico é preenchido pela mora consonantal *t*. Com relação a “U Ombim” essa forma está restrita a formas de cumprimento já cristalizadas e formais seguidas de ‘gozaimasu’, como por exemplo: *osamuUgozaimasu* (está frio), *kanashuUgozaimasu* (“estar triste”, em suas formas conjugadas).

(7) O que Abe considera como G (glide) é /y/.

(8) Os exemplos para essa situação seriam os seguintes:

- uma vogal breve (V) : kA 'pernilongo';
- uma vogal breve seguida de glide /j/: kAI 'ostra';
- uma vogal breve seguida de uma mora nasal N: kAN 'lata';
- uma vogal breve seguida da primeira metade da consoante obstruinte geminada: kAT-Ta 'comprar'(passado);
- uma vogal longa: kA:san 'mamãe'

(9) Para Poser, o padrão tonal do dialeto de Tóquio pode ser descrito através de dois parâmetros:

- 1) presença ou ausência de uma mora inicial de tom Baixo;
- 2) presença ou ausência de uma configuração descendente, onde ocorre uma mudança de tom Alto para tom Baixo.

Como a presença da mora inicial de tom Baixo é considerada predizível - a mora inicial é Alta se a mora seguinte é Baixa; de outro modo, a mora inicial é Baixa -, a propriedade distintiva das palavras é determinada pela presença e localização da mudança do tom Alto para o tom Baixo.

## CAPÍTULO 3 - O RITMO DO JAPONÊS

### 1. Introdução

Diferentemente das propostas que definem o ritmo do japonês como moraico, em que se leva em conta apenas a unidade do ritmo sem determinar a sua estrutura e a sua organização, as propostas de Bekku (1977) e de Poser (1985, 1990) se caracterizam pela preocupação com a sistematização da estrutura rítmica. A análise de Bekku, de caráter empírico, aborda o ritmo do japonês dentro de uma “conceituação cultural sobre os quatro tempos rítmicos”. As posições de Bekku e de Poser referentes ao ritmo do japonês são coincidentes no que se refere à unidade rítmica básica formada de duas moras. A preocupação de Bekku está diretamente relacionada com a determinação do padrão rítmico da língua que se baseia em quatro unidades moraicas, divisíveis em dois grupos de duas moras. Embora Bekku não faça referência à unidade de ritmo pé, os dados discutidos por ele mostram claramente que o grupo formado de duas moras corresponderia à unidade pé

### 2. Bekku e o grupo rítmico

Segundo Bekku (1977), o ritmo do japonês é comumente definido na lingüística tradicional japonesa em termos de moras e de número de unidades que constituem os grupos (formados de cinco e sete moras) que se realizam alternadamente dentro de um enunciado. É através dessa caracterização que se define o ritmo dos poemas do japonês, como por exemplo o Tanka, composto de cinco, sete, cinco, sete e sete moras; e Haiku, composto de cinco, sete e cinco moras.

Considera-se que as realizações em japonês que refletem uma euritmia são, em sua grande maioria, compostas por esse ritmo formado de cinco e sete unidades moraicas. É o

que acontece, por exemplo, nos provérbios, máximas e nas observações de alerta do trânsito:

(1) *Baka to hasami wa / tsukaiyou (7, 5)*

‘(A utilidade) do tolo e da tesoura depende da maneira como os manuseia’.

*Yuki ya koori mo / moto wa mizu (7,5)*

‘Tanto a neve quanto o gelo possuem a mesma origem’.

*Tsugi ni deru / aoshingo: de / watarimashoo (5,7,6)<sup>(1)</sup>*

‘Vamos atravessar com o próximo sinal verde’.

Segundo o autor, a expressão formal do poema se daria, em princípio, através da rima e do ritmo. A rima, resultante do efeito dos sons no início ou no fim das palavras, é facilmente verificável nos poemas ocidentais e chineses, mas no japonês ela não traria um efeito expressivo dada a característica das sílabas abertas da língua, portanto, facilmente combináveis, e dado o número restrito de vogais (apenas cinco) que resultaria em uma simplicidade e uniformidade na rima. As marcações consonantais em início de palavras também não oferecem efeitos de aliteração porque as consoantes iniciais da sílaba do japonês não são "fortes" (tensas) o suficiente para marcar uma expressividade. Não se verifica também a repetição de uma determinada combinação durativa resultante da relação entre unidades longas e breves, presente nos poemas do latim clássico. O poema do japonês terá, assim, apenas o ritmo como elemento de expressão formal. Considerando o ritmo como repetição regular de um padrão, no caso do japonês, esse padrão poderia ser buscado apenas no número de moras, uma vez que os acentos se caracterizam pela oposição Alto e Baixo e são apenas distintivos.

Para Sotoyama (apud Bekku, op.cit. p. 43), o estilo composto por cinco e sete moras não representa, na realidade, um ritmo: não é o ritmo melódico de tons altos e baixos, nem tampouco um ritmo caracterizado pela duração das vogais como acontecia com o grego clássico. Mostra apenas uma relação definida na extensão entre as cadeias formadas por sete e cinco moras. Segundo Bekku, a definição do ritmo baseada apenas em números seria irrelevante porque qualquer número de moras poderia representar um ritmo. O importante, segundo o autor, seria averiguar a preferência dos falantes da língua por esse ritmo representado pela alternância de seqüências compostas por cinco e sete moras. O argumento

apresentado por Bekku a essa preferência se baseia no número de itens lexicais do japonês: cerca de 60% são constituídos por palavras formadas de duas moras (representados por dois kana) e seus múltiplos, e cerca de 30% são constituídos de itens lexicais formados de três moras (três kana).

As palavras formadas por duas moras constituem em sua maioria o vocabulário básico da língua, como podemos verificar em: yama ‘montanha’, kawa ‘rio’, sora ‘céu’, tsuti ‘terra’, titi ‘pai’, haha ‘mãe’, haru ‘primavera’, natsu ‘verão’, aki ‘outono’, fuyu ‘inverno’, hito ‘pessoa’ (p. 53). Segundo o autor, isto seria um indicativo de que o conjunto de duas moras seria a unidade mais natural e de fácil pronúncia no japonês. A facilidade de pronúncia, para Bekku, está relacionada à realização das palavras monomoraicas e com facilidade de percepção pelos ouvintes. Conforme Kindaichi (1970), como uma unidade silábica em japonês se caracteriza por uma realização breve<sup>(2)</sup>, uma palavra monomoraica acaba sendo de difícil pronúncia não somente pela presença de vários homófonos, mas também porque não há “acomodação auditiva e rítmica”, gerando, não raras vezes, incompreensões na comunicação. Casos frequentes de acréscimo de prefixos de polidez em palavras monomoraicas como *oyu* (para *yu* ‘água quente’); *osu* (para *su* ‘vinagre’) até mesmo por aqueles que rejeitam a linguagem feminina, refletem as estratégias a que os falantes recorrem para sanar a dificuldade na realização de palavras monomoraicas.

Bekku define o grupo rítmico do japonês como formado por dois haku, cada haku composto de duas moras. Para ele, esse grupo rítmico constitui a base para a determinação da preferência dos japoneses para o ritmo comumente definido em 5 e 7 moras.

Em um haiku como:

- (2) Furukeya ‘velho lago’ (5 moras)  
Kawazu tobikomu ‘uma rã salta’ (7 moras)  
Mizu no oto ‘barulho da água’ (5 moras)

a segmentação adquire a seguinte feição, segundo Bekku:

- (3) fu.ru.i.ke/ya. 0 . 0 . 0/  
ka.wa.zu. 0/to.bi.ko.mu/  
mi.zu.no. 0/o.to. 0 . 0/

No primeiro verso *furuikēya*, a palavra *furuike* de quatro moras (que correspondem a quatro tempos, definidos como unidades virtuais) forma um grupo rítmico seguido de um outro grupo formado por uma mora *ya* mais três pausas (três tempos virtuais), ocupando um total de quatro tempos; no segundo verso, *kawazu* (três moras) forma um grupo rítmico em conjunto com uma pausa, seguido de um outro grupo *tobikomu* (quatro moras); no terceiro verso, *mizuno* forma um grupo rítmico em conjunto com uma pausa e *oto* forma um outro grupo rítmico com mais duas pausas.

Esta segmentação, no entanto, reflete a leitura oral do haiku segundo uma melodia apropriada para tal, cujos recursos lingüísticos para expressão da emotividade como 'ya' exigem certamente uma pausa mais longa. Nesse sentido, não se poderia dizer que o mesmo ocorra na fala comum, embora os traços rítmicos sejam preservados.

Assim, se realizarmos a frase 'kawazu tobikomu mizu no oto' em um ritmo da fala considerada "normal", ela poderia ser representada como segue:

ka.wa.zu. / .to.bi.ko.mu./ mi.zu.no.o.to.

A inserção das pausas se justifica, segundo Bekku, para dar uma organização baseada em quatro tempos, porque "os japoneses buscam intuitivamente, um ritmo de quatro tempos" (Bekku, op.cit. p. 68). É nesse sentido, continua Bekku, que após um verso de cinco moras, se inserem longas pausas para formar um ritmo de quatro tempos.

Quanto à questão da escolha de cinco e sete sons (moras) para formar o ritmo de quatro tempos, Bekku afirma que, na realidade, esse número seria resultante da combinação mais freqüente das palavras do japonês.

Dada a necessidade de se recorrer ao uso de partículas relacionais (em sua maioria constituídas de uma a duas moras) e considerando-se também a flexão dos verbos, cada grupo rítmico do japonês acaba atingindo um número aproximado e variável de cinco a sete moras. Tomando como base as palavras formadas de três e duas moras, ilustraremos abaixo a organização do ritmo baseada na proposta acima de Bekku

(4) a.si.ta.wa / da.re.to // da.i.ga.ku.e // i.ki.ma.su.ka

3 + 1          2 + 1          4 + 1          4 + 1

(7)                  (5)                  (5)

'Com quem (você) vai à universidade amanhã?'

asita 'amanhã';

wa (partícula que indica tópico);

dare 'quem'; to (partícula que indica companhia) 'com';

da.i.ga.ku 'universidade';

e (partícula que indica direção) 'a';

ikí (verbo) 'ir';

masu (auxiliar de verbo que expressa polidez, tempo presente e futuro);

ka (partícula que indica interrogação).

Embora esta sistematização venha refletir basicamente a organização do ritmo do japonês, sabemos que, na fala normal, as realizações não ocorrem como foi apresentado acima, em termos numéricos. Mesmo que se considere a alta porcentagem de itens lexicais compostos por duas moras, percebemos a presença de um "arranjo" para adequar a organização rítmica que se quer propor como, por exemplo, postular várias pausas para atingir o número de sílabas necessárias para dar conta do ritmo.

Para Bekku, a divisão de uma palavra em grupos formados de duas moras (um haku) corresponderia à silabificação das línguas estrangeiras. A diferença, segundo o autor, está em que enquanto a silabificação se relaciona com as sílabas, no caso do japonês a divisão se baseia em haku, formada por duas moras. Diferentemente de Kindaichi que considera um haku como correspondente a uma mora, para Bekku, a unidade bimoraica constitui um haku. A organização de haku se faz a partir do começo da palavra, marcando a divisão de duas em duas moras. Ex.:

- (5) sakura 'cerejeira' > saku/ra/  
murasaki 'roxo' > mura/saki/  
kurisumasu 'natal' > kuri/suma/su/

Nas palavras compostas formadas por duas palavras de duas moras:

- (6) daikoN 'nabo' > dai/koN/  
kanadzuti 'martelo' > kana/dzuti/

(Bekku, op.cit. pp. 56-57)

No caso de compostos formados pela primeira palavra monossilábica e a segunda polissilábica, a divisão se faz com base na contagem das moras; no caso em que as duas

palavras são polissilábicas, a divisão em haku é feita ou pelo número de moras a contar do início, ou pela consideração de cada item lexical, separando a palavra pelo conteúdo semântico<sup>(3)</sup>. Assim, as palavras abaixo podem ser segmentadas em dois tipos: pelo número de moras, isto é, pelo haku, e pelo significado (Bekku, op.cit. pp. 50-60).

(7)	haku	significado
sakurasoo 'prímula'	saku-raso-o	saku-ra-soo
sakurairo 'cor de rosa claro'	saku-rai-ro	saku-ra-iro
sakuramoti 'tipo de doce'	saku-ramo-ti	saku-ra-moti
sakurajima 'Sakurajima' (ilha)	saku-raji-ma	saku-ra-jima

Com relação aos casos em que a primeira palavra monomoraica forma um haku junto com a palavra seguinte, Bekku afirma que isso seria um indicativo de que o japonês evita a realização de um haku monomoraico na cabeça da palavra.

O caso de uma colegial, comentado por Bekku, que não conseguiu dar continuidade à leitura da palavra "*dorutomunto*" (nome de uma cidade) após a realização de "doru-tomu" porque a unidade seguinte começava por uma mora não plena nasal, mostra a dificuldade de se pronunciar uma unidade que começa com uma mora não plena. No entanto, algumas páginas à frente, Bekku afirma que em japonês é possível a realização de haku que se inicia por uma mora não-plena como por exemplo em:

(8)	kariNtoo 'tipo de biscoito'	kari/Nto/o
	mikaNyama 'montanha de laranjas'	mika/Nya/ma
	futoppara 'corajoso'	futo/ppa/ra
	mieppari 'vaidoso'	mie/ppa/ri
	obeNtoo 'lanche'	obe/Nto/o

Consideramos que estas segmentações são possíveis apenas em realizações enfáticas ou quando se quer soletrar uma palavra sem levar em conta a organização rítmica da

palavra. Essas realizações constituem, portanto, casos especiais de fala e não refletem a realidade fonológica nem representam a intuição do falante nativo.

Estas considerações de Bekku acarretam alguns problemas, como veremos a seguir. Quando um dos membros do composto é formado por uma palavra monomoraica ou por um prefixo monomoraico e esse composto é constituído apenas por moras plenas como em: *tebukuro* ‘luva’ (te ‘mão’; fukuro ‘saco’), *haguki* ‘gengiva’ (ha ‘dente’; kuki ‘caule’), *onigiri* ‘bolinho de arroz’ (o pref. polidez; nigiri ‘bolinho de arroz’), a divisão em haku formado por duas moras, da esquerda para a direita, atende à intuição do falante da língua. Entretanto, quando o primeiro haku do segundo membro do composto envolve uma mora não plena, a divisão em haku bimoraico passa a ser não adequada em termos de intuição do falante e da estrutura fonológica da língua, embora Bekku afirme o contrário, como vimos nos exemplos *kariNtoo*, *mikaNyama*, *futoppara* e *mieppari*, acima. Os compostos formados por palavras de duas e três moras ou de três e duas moras admitem, segundo Bekku, divisões baseadas em haku e em significado das palavras. A divisão baseada em haku que leva em conta a segmentação em grupos de duas moras, sem envolver quaisquer informações fonológicas e morfológicas, acarreta resultados inadequados em termos de estrutura fonológica da língua. Tomando os mesmos exemplos de Bekku elencados acima, podemos dizer que no caso de *sakurasoo*, o elemento *soo* não poderia ser dividido em so-o porque ele forma um haku independente composto por uma sílaba pesada (formada de mora plena e uma mora não plena); no caso de *sakurajima*, a sonorização da consoante inicial da segunda palavra (*shima*), como veremos na definição da palavra fonológica, indica que *jima* constitui uma palavra independente, o que significa que *jima* constitui um domínio distinto de *sakura* na segmentação em haku. Para os outros exemplos *sakurairo* e *sakuramoti*, devem ser consideradas as informações morfológicas, porque o segundo membro consiste de uma palavra de conteúdo polimoraica.

Embora desenvolvida totalmente em bases empíricas, a definição de ritmo de Bekku apresenta uma inovação no tratamento do ritmo do japonês. Diferentemente da definição tradicional do ritmo do japonês baseada em cinco e sete moras que representa apenas uma alternância de unidades formadas por cinco e sete moras, a proposta de Bekku, na medida em que se procura definir a unidade rítmica da língua em termos de haku bimoraico,

constitui um primeiro passo para a caracterização do ritmo do japonês. O grupo rítmico formado por quatro moras que se organiza em dois haku bimoraicos já reflete uma estrutura rítmica.

Ao propor a presença das pausas em poemas, Bekku pretende mostrar que o ritmo básico do japonês é quadrimoraico, mesmo que algumas dessas moras sejam um reflexo de uma pausa virtual. A partir desse pressuposto, ele afirma que as formas compostas por cinco e sete moras que se caracterizam por uma euritmia são, na realidade, formadas por unidades compostas por quatro tempos moraicos.

### **3. Poser e o pé bimoraico**

A proposta de Poser (1985, 1990) destaca-se por apresentar uma organização mais sistematizada do ritmo do japonês, baseada em pés bimoraicos. Considerando que o japonês não é normalmente descrito como portador de acento de intensidade, Poser propõe a possibilidade de caracterizar o japonês em termos de um padrão rítmico baseado em pés bimoraicos construídos da esquerda para a direita. Os pés bimoraicos, definidos com base no acento de intensidade, constituem uma unidade independente do sistema de acento de altura do japonês. Esta proposta vem indicar que o sistema rítmico do japonês é distinto do sistema acentual que caracteriza a língua. Alguns falantes, segundo Poser, relatam uma impressão subjetiva sobre a existência de tais agrupamentos bimoraicos em que a primeira mora é percebida como mais forte.

Como evidências que provam a existência de um sistema rítmico em japonês baseado em bimoraicidade, Poser apresenta os seguintes fatos:

a) o pé bimoraico possui um papel de destaque em poemas do japonês. Conforme Kawakami (apud Poser, p. 31), um dos dois estilos existentes na recitação de poemas em japonês pressupõe um sistema rítmico baseado em bimoraicidade. Como a organização dos poemas do japonês se baseia em números de moras, não existe uma rima verdadeira, embora haja um certo grau de aliteração. Os poemas são, dessa forma, definidos com base no número de moras presentes em cada linha do verso. Assim, o poema haiku,

comumente disposto em três linhas, é composto de 5,7,5 moras, respectivamente, em cada linha. O poema tanka, por sua vez, composto em cinco linhas, contém, em ordem, 5,7,5,7,7 moras em cada linha. Se cada linha for tratada como composta de quatro pés de duas moras, a unidade faltante ou as três moras são preenchidas por pausas ou no começo de cada linha, ou, mais frequentemente, no fim da linha.

Conforme Kindaichi (apud Poser, p.31) em Dodoitsu, um tipo popular de poema japonês composto por 26 moras, as sequências formadas de 3,4,4,3 moras, seriam constituídas de 1,2,2,2,2,2,1 moras, isto é, grupos de uma e duas moras.

b) a fala lenta constitui um outro dado que evidencia a bimoraicidade do ritmo japonês. Conforme Teranishi (1980), fato semelhante ao que ocorre em poemas pode ser detectado na fala lenta. A unidade rítmica formada por duas moras foi investigada por Teranishi através da medição sistemática das moras que formam esse grupo, e chegou à conclusão de que existe um intervalo entre a segunda mora de um grupo e a primeira mora do grupo subsequente: a duração da mora que ocupa a segunda posição é relativamente mais longa do que a mora que ocupa a primeira posição de um grupo. O sistema rítmico do japonês baseado em bimoraicidade assemelha-se ao padrão do sistema rítmico acentual que se baseia na alternância de moras longas e breves, correspondendo à alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas encontradas em sistemas acentuais.

c) uma outra evidência apresentada por Poser refere-se aos hipocorísticos, em japonês, *aishoogo*, palavras que expressam intimidade e afeição quando acrescidos ao (no caso de sufixos) ou substituídos pelo nome das pessoas. O sufixo *tyan*, tratado por Poser, é normalmente utilizado para crianças ou para pessoas com quem se tem intimidade. Seu uso é restrito a contextos informais entre pessoas de idades próximas (normalmente conhecidos desde a infância) ou para pessoas mais jovens. Os exemplos apresentados para identificar cada caso específico são extensos, mas selecionaremos apenas aqueles mais representativos. (Não é feita a marcação acentual dos nomes).

O primeiro exemplo mostra os casos de nomes acrescidos de *tyan*, sem nenhuma mudança nos mesmos:

(9)	(nome)	(nome + <i>tyan</i> )
	emi	emityan

hanako	hanakotyán
hirotaroo	hirotarootyán

O segundo exemplo mostra os casos mais comuns de aishoogo formados por duas moras iniciais dos nomes:

(10)	(nome)	(nome + tyán)
	ayako	ayatyán
	akira	akityán
	syuusuke	syuutyán

O terceiro exemplo mostra casos em que se considera apenas a primeira mora dos nomes à qual é acrescentado o sufixo tyán após a criação de uma segunda mora. Nesses casos, alonga-se aquela mora ou cria-se uma mora consoantal:

(11)	(nome)	(nome + tyán)
	hiroko	hiityán
	kayoko	kaatyán
	ti	tiityán, tittyán

O quarto tipo de exemplos que selecionamos consiste no uso de duas moras utilizando a leitura chinesa dos kanji que representam os nomes:

(12)	(nome)	(kanji)	(leitura do kanji)	(nome + tyán)
	keiko	恵	megumu	megutyán
	suzuko	鈴	riN	riNtyán
	teruo	照	syoo	syootyán

Poser conclui afirmando que estes casos são representativos de uma planilha rítmica que consiste de um número par de moras, sugerindo que, no caso dos hipocorísticos, esse número viria representar a raiz formada por um pé não-degenerado.

Poser enumera alguns critérios que devem ser observados na construção dos pés bimoraicos, como: i) o número dos pés pode ser maior do que um; ii) existe uma preferência por uma expansão mínima da planilha rítmica; e iii) existe uma liberdade no preenchimento do template, e são comuns os desvios na associação da melodia segmental, caracterizada da esquerda para a direita.

Esta liberdade no preenchimento do template mostra que não existe na proposta de Poser uma caracterização precisa com relação à construção do pé bimoraico.

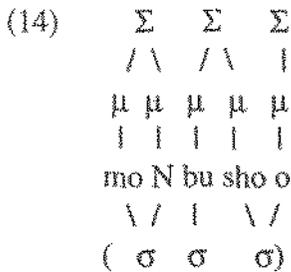
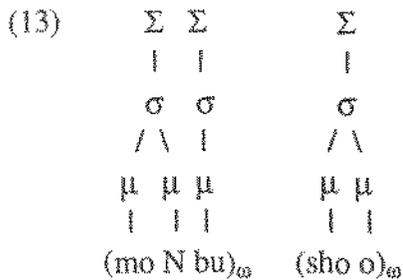
A apreensão da bimoraicidade reflete-se, segundo Poser, na percepção das palavras bem formadas e, conforme Satta Cotoji (reportado por Poser, *op.cit.* p. 30), as palavras soam melhor quando há uma correspondência entre as estruturas morfológicas, silábicas e rítmicas. Assim, a palavra *MoNbushoo* 'Ministério da Educação', por exemplo, soa estranha, segundo Poser, porque o segundo pé rítmico formado de *bu* e *sho* se sobrepõe aos limites dos morfemas e as duas moras da terceira sílaba *shoo* acabam fazendo parte de pés distintos: *moN.busho.o*.

As considerações de Poser parecem-nos decorrentes de dois fatores que se relacionam:

- 1) a construção automática e linear dos pés sobre a cadeia das moras a partir da margem esquerda da sequência baseada apenas na bimoraicidade; e
- 2) a consideração de que a palavra fonológica não é um domínio de aplicação de certos processos fonológicos, neste caso, da construção de pés troqueus bimoraicos.

Com relação ao primeiro caso, podemos dizer que a má formação resulta da construção dos pés centrada apenas nas moras, sem considerar as sílabas pesadas, também bimoraicas. Esse procedimento leva à divisão da sílaba pesada em dois pés distintos, o que é proibido pela teoria de Hayes (1995). A ausência, neste caso, de uma determinação precisa do domínio de construção do pé, levaria a esse resultado inadequado.

No segundo caso, a má-formação do pé decorre da não especificação do domínio da palavra fonológica. Os morfemas de que fala Poser, seriam as palavras fonológicas *moNbu* e *shoo*. Conforme a definição da palavra fonológica e do pé, para o japonês, a palavra *moNbu* comporta um pé troqueu moraico formado de uma sílaba pesada, restando a sílaba *bu* como um pé solto no limite à direita da palavra; no caso de *shoo*, define-se como uma palavra formada por uma sílaba pesada, que por sua vez forma um pé bimoraico. *MoNbushoo* constitui, nos termos da Fonologia Prosódica, uma frase fonológica, formada por duas palavras fonológicas: *moNbu* e *shoo* (13). Sem uma determinação dos limites da palavra fonológica, a mora *bu* de *moNbu*, vai se ligar a *shoo* da palavra seguinte, fragmentando a sílaba *shoo* em dois pés distintos (14).



Em Poser, 1990, o autor apresenta, além das evidências baseadas em hipocorísticos, outras que vêm confirmar a presença de pés bimoraicos em japonês. Apresentamos, a seguir os casos e alguns exemplos apresentados por Poser, omitindo os detalhes que não são pertinentes para o momento. São eles:

a) *kinship terms* (termos que indicam parentesco), que consistem de denominação de familiares seguidos de *san* (sr. sra.) e/ou precedidos pelo prefixo honorífico *o*, como por exemplo em:

- (15)
- |           |                   |
|-----------|-------------------|
| o.kaa.san | ‘mamãe’           |
| o.too.san | ‘papai’           |
| o.baa.san | ‘vovó’            |
| o.jii.san | ‘vovô’            |
| o.nee.san | ‘irmã mais velha’ |

mostram que a raiz da palavra é formada por um pé bimoraico.

b) *geisha/bargirl client names* (forma que as geishas e as garçonetes das casas noturnas utilizam para chamar os clientes), que se caracteriza por uma forma específica para chamar os frequentadores da casa através do alongamento da primeira mora do sobrenome (formando assim, uma unidade bimoraica), acrescida de *o* honorífico e de sufixo *san*. Exemplos:

- (16) honda           o.hoo.san  
       saito           o.saa.san  
       hattori        o.haa.san

c) *rustic girls'names* (forma familiar de chamar as meninas e serviçais da casa), atualmente pouco usada e que é formada pelo acréscimo do prefixo *o* às duas primeiras moras dos nomes, que, na maioria dos casos, representam a raiz. Exemplos:

- (17) yukiko         o.yuki  
       hanako        o.hana  
       yooko         o.yoo  
       kaede         o.kae

d) *renyookei reduplication* (reduplicação da forma *renyookei*), que consiste em repetir a forma verbal não finita, normalmente empregada para enfatizar o processo de uma ação, como por exemplo em:

- (18) naki-naki     'chorando'  
       tabe-tabe    'comendo'  
       sii-sii       'fazendo'

Nestes casos, cada parte é formada por um pé bimoraico.

e) *giseigo e gitaigo* (as onomatopéias), empregadas como advérbios, são formadas por reduplicação de pés bimoraicos, como por exemplo em:

- (19) pika-pika     'brilhante'  
       noro-noro    'devagar'

f) *secret language* (linguagem secreta), utilizada por grupos específicos de profissionais, principalmente da área de entretenimento, em que uma palavra é realizada por meio de transposição das unidades com base em pés. Exemplos:

- (20) koohii         > hiikoo        'café'  
       maneejaa     > jaamane       'gerente'  
       nioi          > oinii          'cheiro'  
       kane          > neekaa        'dinheiro'

Nas palavras bimoraicas e trimoraicas como em *kane* e *nioi*, ocorre um alongamento das moras *nii*, *nee*, *kaa*, indicando que a transposição se baseia em pés bimoraicos.

g) *accentuation of noun-noun compounds* (acentuação de compostos formados por nomes), em que o pé bimoraico exerce dois papéis na acentuação dos compostos, para determinar:

1) a extensão do segundo membro dos compostos: esse membro é considerado longo se formado por mais de um pé bimoraico, e curto, se for formado por apenas um pé;

2) a posição do acento em compostos formados pelo segundo membro longo: o pé final desse membro torna-se invisível para a aplicação das regras de mudança de acento. A invisibilidade proposta em Poser (1985), em que se considerava a sílaba final como invisível, decorre da generalização baseada na extrametricidade que permite ignorar os constituintes periféricos no momento da aplicação das regras fonológicas. Em Poser, 1990, a unidade invisível corresponde a um pé bimoraico.

Exemplos que vêm ilustrar os casos 1) e 2) acima:

- o segundo membro é curto, formado de uma ou duas moras:

- (21) momeN 'algodão' + īto 'linha' > mōmeNīto 'linha de algodão'  
 saNsui 'paisagem' + ga 'figura' > saNsui ga 'pintura de paisagem'  
 gāimu 'assuntos exteriores' + shoo 'ministério' > gāimu shoo 'Ministério de Assuntos Exteriores'

- o segundo membro é longo, formado por mais de um pé bimoraico<sup>(4)</sup>:

- (22) fuyu 'inverno' + ke<sup>1</sup>shiki 'paisagem' > fuyuge<sup>3</sup>shiki 'paisagem de inverno'  
 me 'olho' + kusuri 'remédio' > megu<sup>1</sup>suri 'colírio'  
 ishi 'pedra' + atama 'cabeça' > ishīa<sup>1</sup>tama 'teimoso'  
 sato 'vilarejo' + koko<sup>1</sup>ro 'espírito' > satogo<sup>3</sup>koro 'saudade da casa'  
 yuki 'neve' + oNna 'mulher' > yukio<sup>1</sup>Nna 'espírito da neve'  
 shingata 'novo' + jidoosha 'carro' > shingatajido<sup>1</sup>osha 'carro de modelo novo'

A acentuação dos compostos mostra, além disso, que o limite dos pés pode não coincidir com o limite das sílabas como podemos verificar no em Poser (1990, p. 101. ex. (44)):

- (23) shiNgata 'modelo novo' + jidoosha 'carro' > shiNgatajido<sup>1</sup>osha 'carro de modelo novo'  
 'suki N 'pele' + kuri<sup>1</sup>imu 'creme' > sukiNkuri<sup>1</sup>imu 'creme para a

ha Ngaa 'fome' + sutora<sup>1</sup>iki 'greve' > hangaasutora<sup>1</sup>iki 'greve de fome'  
 bijiN 'pessoa bonita' + konku uru 'concurso' > bijiNkonku<sup>1</sup>uru 'concurso  
 de beleza'

Em *shiNgatajidoosha*, por exemplo, os limites do pé e da sílaba seriam, conforme Poser, como segue:

- (24) shiN/gata/jido/osha - limite dos pés  
 shiN/ga/ta/ji/doo/sha - limite das sílabas

onde se percebe que os elementos da sílaba pesada doo (do-o) pertencem a dois pés distintos.

O segundo membro dos exemplos acima é formado de uma sílaba final leve precedida de uma sílaba pesada: *ji.doo.sha*; *ku.rii.mu*; *suto.rai.ki*; *kon.kuu.ru*. Para Poser, uma palavra pode ser considerada como acentuada no pé final se o acento recai ou na sílaba final ou na penúltima sílaba em uma seqüência em que ambas as sílabas são leves. No caso dos exemplos acima, não se pode considerar, segundo Poser, que as palavras sejam acentuadas no pé final porque o acento recai na primeira mora da penúltima sílaba (a sílaba pesada), restando, com isso, duas moras no final da palavra que passam a ser definidas como invisíveis.

As evidências levantadas por Poser têm como objetivo mostrar que o japonês, mesmo não sendo considerado uma língua de ritmo acentual, pode ser analisado assumindo-se pés métricos bimoraicos. No entanto, como afirma o próprio autor, embora as evidências para a existência de pés métricos sejam ricas, isso não mostra como os pés são construídos, isto é, o domínio e a direcionalidade de sua construção. Os casos apresentados amoldam-se à planilha do pé bimoraico e são construídos sem levar em conta os limites do domínio e a direção a ser seguida, com exceção dos pés que passam a ser invisíveis na acentuação dos compostos.

A palavra fonológica seria o domínio da construção do pé, tendo como principal evidência, segundo Poser, a acentuação das palavras compostas que são formadas por palavras fonológicas.

Com relação à direcionalidade na construção do pé, Poser diz que as evidências são conflitantes: para Tateishi (apud Poser, 1990) e Poser (1990) os pés são construídos da direita para a esquerda (em Poser, 1985, os pés seriam construídos da esquerda para a direita), enquanto que dados de Teranishi (1980) parecem indicar que a direcionalidade seria da esquerda para a direita. No caso das palavras compostas, a invisibilidade do pé final indicaria a direcionalidade na construção dos pés, conforme Poser. Uma divisão linear da esquerda para a direita formaria um pé monomoraico no final da palavra composta por um número ímpar de moras o que viria impedir a apreensão da generalidade relacionada à unidade bimoraica que passa a ser invisível. Se, no entanto, a divisão da palavra for feita da direita para a esquerda, o pé final seria sempre constituído por duas moras, número que atende à determinação de acento dos compostos, independentemente do número de moras que forma a palavra. Para Poser, essas evidências levam a propor que a construção do pé da direita para a esquerda seja apropriada para o japonês.

A proposta de pés métricos para o japonês traz três implicações teóricas, conforme Poser:

1) as moras seriam unidades fonológicas independentes, considerando que os pés do japonês são formados por moras e não por sílabas. Além disso, dado que não ocorre uma coincidência entre os limites dos pés e os limites das sílabas (como se verificou na acentuação das palavras compostas) torna-se problemático propor as moras como subconstituintes das sílabas.

2) considerando que os pés constituem partes da representação fonológica, a língua poderia ter apenas uma estrutura do pé. Nesse sentido, os pés bimoraicos, além de serem melhor motivados, seriam incompatíveis com os pés propostos pela análise métrica do acento de altura, sugerida por Abe (1987) e Zubizarreta (1980).

3) em japonês o sistema rítmico e o sistema tonal constituem sistemas independentes, considerando que o pé bimoraico é independente do sistema de acento de altura.

Concordamos que o pé bimoraico baseado em sistema rítmico é melhor motivado do que a proposta que pressupõe pés métricos na análise do acento de altura, como aquela desenvolvida por Abe (1987) e Zubizarreta (1980). Com referência ao primeiro item em que se afirma a não coincidência dos limites dos pés com os limites das sílabas, posição

que se relaciona com a acentuação das palavras compostas, podemos dizer que percebemos uma inadequação decorrente da falta de uma definição do pé, como já assinalamos para o caso de *Monbushoo*. A simples segmentação em unidades bimoraicas sem precisar o domínio do pé e das unidades que formam o pé, resulta em análises não compatíveis com o ritmo da língua, acontecendo o mesmo com a direcionalidade na construção do pé proposta acima.

#### 4. Processos morfológicos baseados em pés

Apresentamos, a seguir, alguns casos de formação de palavras em japonês baseados em unidades bimoraicas que não foram exemplificados por Poser.

As palavras onomatopaicas e as adaptações que se fazem nos empréstimos atestam a característica rítmica que verificamos no japonês: a unidade rítmica é constituída por duas moras/dois pés que, por sua vez, se organizam em grupos de duas unidades moraicas.

Exemplos de palavras que expressam onomatopéias e aspectos:

- (25) para para        'barulho de chuva'  
kati kati        'barulho de coisas se batendo'  
pota pota        'barulho de gotas'  
pika pika        'aspecto brilhante'  
beta beta        'aspecto pegajoso'

A repetição de uma seqüência constituída de duas moras mostra claramente a preferência da língua por esse conjunto formado de dois grupos de duas moras, como vimos em Bekku.

Os empréstimos adquirem uma feição própria no japonês além das adaptações segmentais decorrentes das diferenças articulatórias e silábicas. As palavras com mais de quatro sílabas acabam sendo "reduzidas" de forma a se amoldarem a quatro unidades moraicas que viriam corresponder a duas unidades rítmicas, fato também mencionado por Bekku.

Exemplos:

- (26) ma.su.ko.mi < masu komjunikeeshon 'mass comunicação'  
ri.mo.ko.n < rimooto kontorooru 'remote control'  
ra.di.ka.se < radio kasetto rekoodaa 'radio cassette recorder'

Além dos casos que envolvem os empréstimos, verificamos também casos em que os segmentos sintáticos ou mesmo as frases são reduzidas a palavras formadas de duas a quatro moras.

Exemplos:

- (27) maji 'é sério, é fato real', formada de '*majimena hanashi*' (conversa séria)  
dotakyan 'cancelamento de última hora', formada de '*dotanba deno kyanseru*';  
aponashi 'sem marcar horário', formada de '*appointment nashi*'

## 5. Considerações sobre as unidades rítmicas propostas por Bekku e Poser

Podemos dizer que tanto a proposta de Bekku quanto a de Poser possuem em comum a caracterização da unidade rítmica como formada de duas moras e a falta de uma definição precisa para a construção do pé.

No caso de Bekku, as unidades rítmicas bimoraicas baseiam-se em observações empíricas; seria um primeiro passo para a constatação da característica rítmica da língua. Embora a proposta de unidade bimoraica tenha tido como objetivo dar uma explicação para a preferência dos japoneses pela organização de grupos frasais formados por cinco e sete moras, a proposta de Bekku possui o mérito de delinear uma estruturação rítmica do enunciado do japonês, diferente da definição do ritmo em termos moraicos. Destacamos, no entanto, dois aspectos que consideramos problemáticos na proposta de Bekku:

- a construção mecânica das unidades bimoraicas a partir do início da palavra; e,
- a dupla possibilidade de segmentação das palavras compostas formadas por palavras de duas e três moras.

Podemos dizer que estes dois casos resultam, de um lado, da ausência de critérios para a segmentação de uma palavra (ou melhor, para a construção das unidades bimoraicas)

e, de outro lado, da falta de uma determinação do domínio de construção dessas unidades bimoraicas. A falta de uma caracterização mais detalhada das unidades bimoraicas gera casos de segmentação que vão contra a intuição do falante e contra a estrutura fonológica da língua como aqueles discutidos com relação aos exemplos que envolvem as moras não plenas na posição inicial do haku. O segundo aspecto, relacionado com as palavras compostas, decorre da indeterminação do domínio em que os haku são construídos. As duas possibilidades de segmentação, baseadas no número de moras e no significado das palavras, mostram que no primeiro caso a palavra composta é apreendida como um todo, enquanto que, no segundo caso, os membros do composto são considerados como palavras distintas.

O pé bimoraico proposto por Poser define-se como uma unidade independente do sistema de acento de altura do japonês, o que vem sugerir que o sistema rítmico e o sistema tonal da língua são independentes (Poser, 1990). Baseada na Teoria Métrica, a proposta de Poser caracteriza-se por uma preocupação em sistematizar a estrutura métrica da língua e definir os parâmetros que levam à construção dos pés bimoraicos. Embora represente um avanço na determinação do ritmo do japonês, essa proposta levanta, no entanto, algumas questões decorrentes justamente da falta de uma definição no modo de construção do pé bimoraico: a direcionalidade e a relação da mora com a sílaba.

Em Poser (1990) verifica-se uma especificação do domínio da construção do pé bimoraico como sendo a palavra fonológica, o que não acontecia em Poser (1985), como vimos na discussão sobre a segmentação de *MoNbusho*. A construção do pé bimoraico é definida em termos de planilha rítmica que leva em conta apenas a bimoraicidade sem considerar os parâmetros que determinam a construção e a sua direcionalidade.

Podemos dizer que a postura de Poser que se baseia na planilha rítmica para a construção do pé bimoraico acarreta problemas relacionados com a direcionalidade e com a não coincidência nos limites das moras e das sílabas.

O pé bimoraico a que Poser se refere nos compostos como uma unidade que passa a ser invisível representa a planilha rítmica preenchida por duas moras. Uma vez que a planilha se define apenas pela bimoraicidade sem restrição na sua constituição, essa mesma planilha possibilita a formação de pés não adequados à estrutura fonológica do japonês: o pé formado por uma mora não plena na primeira posição do pé. A não coincidência entre os

limites da sílaba e do pé, apresentada por Poser, também decorre dessa estrutura mal-formada.

A definição da direcionalidade torna-se problemática por causa da postulação da unidade bimoraica final como uma unidade que passa a ser invisível na acentuação dos compostos, como podemos verificar nos exemplos (22) repetidos aqui como (28) em que as duas moras finais das palavras compostas são consideradas como invisíveis.

- (28) fuyu 'inverno' + ke shiki 'paisagem' > fuyuge shiki 'paisagem de inverno'  
me 'olho' + kusuri 'remédio' > megu suri 'colírio'  
te 'mão' + kagami 'espelho' > teka gami 'espelho de mão'  
sato 'vilarejo' + koko ro 'espírito' > satogo koro 'saudade da casa'  
yuki 'neve' + oNna 'mulher' > yukio Nna 'espírito da neve'  
shingata 'novo' + jidoosha 'carro' > shingatajido osha 'carro de modelo novo'

Verificamos, nestes exemplos, que o pé bimoraico dos dois últimos casos (yukio Nna e shingatajido osha) é formado por uma mora não plena na posição de cabeça do pé. Em outras palavras, os constituintes das sílabas pesadas *oN* e *doo* pertencem a dois pés distintos, o que vem mostrar, nos termos de Poser, que os limites da sílaba e do pé não coincidem.

Embora Poser defina essas duas moras finais como um pé bimoraico invisível, consideramos que, neste caso, ela é um elemento bimoraico que atua na determinação do acento dos compostos. Nesse sentido, apesar de essa unidade poder ser definida em termos de uma planilha rítmica, o papel que ela exerce não é o de uma unidade rítmica da língua, não constituindo portanto, objeto de definição da direcionalidade do pé rítmico.

Quanto à linguagem secreta, em que a inversão das unidades se baseia sempre em unidades bimoraicas a contar do final da palavra (o que leva Poser a argumentar pela direcionalidade da direita para a esquerda), achamos que essa segmentação decorre da preferência da língua por uma unidade bimoraica em início de palavras, como vimos em Bekku.

Poser afirma a independência das moras como um constituinte fonológico baseado no fato de que o pé do japonês pode ser formado por moras e não por sílabas. Ele afirma ainda que as moras não seriam sub-constituintes das sílabas porque podem ocorrer casos de não coincidência entre o limite do pé, formado por moras, e o limite da sílaba. Concordamos com Poser com relação ao fato de que grande parte dos processos fonológicos e morfológicos do japonês pressupõe as moras como unidade básica, poucos são os aspectos da língua que fazem referência à sílaba. Discordamos, no entanto, da afirmação de que as moras não são sub-constituintes da sílaba.

Tanto Poser quanto Bekku admitem que as moras não plenas ocupam a cabeça do pé. Esse procedimento decorre de uma análise que se preocupa em dar conta dos dados a partir da bimoraicidade sem levar em conta a restrição imposta pela sílaba. Além disso, o que consideramos com uma falta de uma caracterização específica na construção do pé se deve em grande parte à não apreensão da unidade sílaba como organizadora das moras. Seguindo a proposta de Poser, cujo pé bimoraico se fundamenta na Fonologia Métrica, seguiremos o modelo paramétrico de Hayes (1995) para a caracterização do pé rítmico do japonês. Neste modelo, a sílaba pesada constituída de duas moras forma um pé, evitando formações de unidades que não correspondem à estrutura métrica da língua.

A indeterminação com respeito ao domínio de construção dos pés, como vimos em Bekku e Poser, gera problemas na segmentação/construção dos pés bimoraicos. Para resolver este problema, buscamos na Fonologia Prosódica os elementos teóricos para a determinação precisa dos domínios em que se constroem os diferentes constituintes prosódicos, no nosso caso, a sílaba e o pé. A Fonologia Prosódica, que se caracteriza como uma teoria que define os domínios em uma estrutura prosódica, possibilita a observação do que ocorre em cada nível, além de poder determinar a relação que se estabelece entre os constituintes hierarquicamente superior e inferior.

Notas:

(1) É um caso de 'jiamari' (lit. sobra de letra), em que se permite um pequeno desvio no número das unidades.

(2) Em oposição à realização das palavras em inglês como *rhythm*, *start* e *sphinx*, consideradas monossilábicas (Bekku, op.cit.p. 52)

(3) Estes dados que permitem uma dupla segmentação seriam, segundo Bekku, resultantes da influência da "sensação, do estado de espírito e do ambiente" (Bekku, 1977, p. 60) do momento em que o falante realiza esse tipo de palavras. Esse comentário de caráter subjetivo reflete a natureza do livro, que se caracteriza pelas observações empíricas ricas e inspiradoras, embora as considerações lingüísticas ali feitas não permitam uma descrição objetiva dos fatos.

(4) Escolhemos um exemplo de cada grupo de compostos discutido por Poser.

### 1. Introdução

Com base nos elementos levantados nos capítulos anteriores relativos à sílaba (Hattori, 1976; McCawley, 1968; Kubozono, 1994) e ao pé bimoraico (Bekku, 1977; Poser, 1985, 1990) do japonês, passamos à determinação dos constituintes prosódicos do japonês: sílaba, pé, palavra fonológica e frase fonológica, baseando-nos na Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) e na Teoria Métrica proposta por Hayes (1995). Limitaremos a nossa análise até o nível da frase fonológica porque muitos dos processos prosódicos pós-lexicais que ocorrem na fala coloquial do japonês tomam como domínio apenas esses níveis. A determinação desses domínios é também importante para a análise dos dados do japonês falado pelos brasileiros e do português falado pelos japoneses, conforme se verá no capítulo 5. Além disso esperamos, através da definição desses domínios, caracterizar a organização métrica da língua e o lugar que a sílaba e a mora ocupam na fonologia do japonês.

### 2. A Fonologia Prosódica

Na Fonologia Prosódica, os domínios fonológicos organizam-se de maneira hierárquica. Além disso, esses domínios se definem pelas regras de mapeamento que incorporam informações de outros componentes da gramática. Organizam-se em estruturas hierarquizadas ou árvores, de acordo com os princípios que determinam a geometria dessas árvores, e pela aplicação da regra de construção de constituintes prosódicos.

Podemos determinar a Teoria Prosódica segundo as seguintes características:

- a) a representação mental da fala é dividida em “fatias” que, dispostas hierarquicamente, representariam os constituintes prosódicos. Cada constituinte prosódico corresponde a um domínio de aplicação de regras fonológicas e processos fonéticos específicos;
- b) existe uma mudança de foco no estudo da fonologia, ou seja, o estudo do sistema de regras se desloca em direção ao estudo de princípios que regem a aplicação dos processos gramaticais; e
- c) cada constituinte prosódico caracteriza-se não apenas pelas diferentes regras que se aplicam sobre ele, mas também pelos diferentes princípios com que se define o constituinte prosódico.

Para Nespor e Vogel, uma teoria adequada da fonologia deve não apenas levar em conta as informações das ramificações morfo-sintáticas da estrutura sintática superficial, mas também fazer referência a outras noções sintáticas e semânticas. Essa adequação se alcança por meio de regras de mapeamento que têm como objetivo agrupar os elementos terminais de uma cadeia para criar unidades que não estão necessariamente em uma relação unívoca com os constituintes da hierarquia morfo-sintática. Essas unidades fonológicas constituem as unidades de domínio de aplicação das regras fonológicas e não são isomórficas aos constituintes morfo-sintáticos.

A teoria desenvolvida em Fonologia Prosódica caracteriza-se pela falta de isomorfismo entre os constituintes morfo-sintáticos e prosódicos, mas casos de isomorfismo entre esses níveis não constituem, segundo as autoras, contra-exemplos para rejeitar um constituinte prosódico específico em uma língua.

Transcrevemos abaixo, os quatro princípios e a regra de construção das árvores:

*Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy,  $X^p$ , is composed of one or more units of the immediately lower category,  $X^{p-1}$ .*

*Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.*

*Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.*

*Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all other nodes are assigned the value weak (w).*

(Nespor e Vogel, op.cit., p. 7)

#### ***Prosodic Constituent Construction***

*Join into an n-ary branching  $X^p$  all  $X^{p-1}$  included in a string delimited by the definition of the domain of  $X^p$ .*

(Nespor e Vogel, op. cit. pág. 7)

Além disso, a Fonologia Prosódica requer a aplicação de Strict Layer Hypothesis segundo a qual todas as unidades de camadas hierarquicamente inferiores devem ser agrupadas em unidades que vão constituir a camada imediatamente superior (e assim sucessivamente) para compor a árvore fonológica. Nesse sentido, as sílabas devem ser agrupadas em pés antes de serem agrupadas em palavras fonológicas, diferentemente da proposta de Hayes (1981) em que as sílabas podem vir a ser nódulos-irmãos do pé em palavras fonológicas.

As regras fonológicas que se relacionam com a Fonologia Prosódica são de dois tipos: a) as regras de mapeamento que representam a interface entre o componente fonológico e os outros componentes da gramática e que definem as unidades da hierarquia prosódica; e b) as regras fonológicas propriamente ditas.

A Fonologia Prosódica organiza-se em sete níveis hierarquicamente estruturados: os níveis da sílaba, pé, palavra, grupo clítico, palavra fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. As unidades sílaba e pé são construídos com base nos critérios fonológicos, enquanto que as unidades de níveis superiores à palavra representam a relação entre a fonologia e os outros componentes da gramática.

Embora a presença de todas essas unidades não seja obrigatória na fonologia de todas as línguas, Nespor e Vogel afirmam que uma teoria que exige um conjunto específico de unidades fonológicas em todas as línguas seria considerada mais forte do que aquela que permite uma flexibilidade maior na determinação das unidades constituintes nas línguas. Além disso, considerando que uma das características dessa proposta se baseia na definição de cada nível da hierarquia fonológica, segundo as regras

de mapeamento que vão representar a interface entre a fonologia e outros componentes da gramática, a ausência de uma categoria  $X^i$  em algumas línguas poderia significar que nessas línguas não existe a interface de um tipo específico entre o componente fonológico e o resto da gramática, enquanto que em outras línguas, com a categoria  $X^i$  presente, haveria essa interface” (Nespor e Vogel, op. cit. p. 11). Segundo as autoras, essa situação não seria desejável porque acarreta um aumento no número de possíveis gramáticas. A ausência de uma regra que se refere a  $X^i$  não significa obrigatoriamente a sua inexistência: ela pode não ter ainda sido descoberta; assim como a ausência de regras fonológicas que teriam como domínio de aplicação  $X^i$  não significa também que  $X^i$  seja irrelevante para o padrão fonológico da língua. Por outro lado, se todas as línguas que aparentam não possuir regras fonológicas relacionadas com  $X^i$  compartilham de outros traços, isto poderia ser uma evidência de que  $X^i$  estaria ausente em uma categoria particular das línguas caracterizadas por esses traços.

Para este modelo, a categoria terminal da hierarquia prosódica é a sílaba. Os segmentos e os constituintes Onset e Rima são excluídos da hierarquia prosódica porque esses elementos violam especificamente o Princípio 1, acima citado, criando constituintes diferentes de outras categorias prosódicas que não servem como domínio de aplicação das regras fonológicas. Detalhando essa justificativa sobre a falta de conformidade com o Princípio 1, podemos dizer que a sílaba não pode ser composta de um ou mais onsets e rimas: apenas um de cada seria o número máximo. Além disso, quando se propõe que a unidade de uma categoria é formada por unidades de nível imediatamente inferior (cf. *Strict Layer Hypothesis*), esses constituintes devem obrigatoriamente ser do mesmo tipo, o que não acontece no caso de O e R que são unidades de tipos distintos, com características próprias.

A determinação de um constituinte é feita observando-se o seguinte:

- 1) a existência de regras da gramática que precisam fazer referência a esse constituinte na sua formulação;
- 2) a existência de regras que têm precisamente essa cadeia como o domínio de aplicação dessas regras;
- 3) a cadeia como o domínio de restrições fonotáticas;

4) a relação de relativa proeminência entre os elementos de uma cadeia.

Nespor e Vogel afirmam que enquanto os dois primeiros critérios são também utilizados para motivar os constituintes da sintaxe, os dois últimos relacionam-se diretamente com a fonologia. Além disso, uma cadeia pode ser considerada um constituinte fonológico mesmo que não se baseie nos dois ou até mesmo três primeiros critérios. Para as autoras, um constituinte fonológico pode ser motivado com base apenas na relação de proeminência entre os elementos de uma cadeia, diferentemente do que ocorre com relação aos constituintes sintáticos.

## 2.1. A sílaba ( $\sigma$ ) e o pé ( $\Sigma$ )

Com relação ao domínio da sílaba, Nespor e Vogel mostram que as regras de silabificação devem ser divididas em duas categorias:

- a) um conjunto de regras que se aplica no domínio das palavras fonológicas, e
- b) um conjunto de regras de ressilabificação que se aplica além das palavras fonológicas.

Enquanto todas as línguas possuem regras do primeiro tipo no sentido de que a definição de uma sílaba bem formada em uma dada língua deve ser satisfeita dentro de um domínio amplo da palavra fonológica, nem todas as línguas possuem o segundo tipo de regras. Para Nespor e Vogel a sílaba é o menor domínio das regras fonológicas segmentais. Qualquer regra que pode ser expressa como uma regra de domínio da rima pode também ser expressa como uma regra de domínio da sílaba. A rima como um domínio das regras fonológicas é, assim, supérflua.

Existem certos paralelos entre o pé e a sílaba. O domínio da formação básica do pé é a palavra fonológica para todas as línguas, enquanto que apenas certas línguas possuem a possibilidade de reestruturação do pé (refooting) além das palavras fonológicas.

O papel do pé tem sido fundamental na determinação da posição que as sílabas acentuadas e não acentuadas ocupam no interior das palavras e nas cadeias maiores. Uma proposta alternativa considera que a forma correta de dar conta dos padrões acentuais na língua não se baseia em pé, mas na grade métrica (Selkirk, 1984). O pé não existe, segundo essa postura, como um constituinte na fonologia porque muitas das regras

sensíveis ao pé poderiam ser apreendidas como regras sensíveis à distinção de unidades acentuadas versus não-acentuadas.

Nespor e Vogel discutem a necessidade ou não da unidade pé como um constituinte fonológico, considerando que a definição do pé está intimamente ligada à noção de acento. Isto é, se todas as regras que se aplicam ao pé fizessem referência direta ao padrão rítmico abstrato, o pé poderia ser omitido como uma unidade de análise fonológica. Contudo, o domínio definido pelo pé permite, segundo as autoras, dar conta da aplicação de um número de regras fonológicas de uma maneira mais simples e direta com a possibilidade de capturar certas generalizações que de outra forma seriam perdidas.

Segundo a teoria da Fonologia Prosódica, o pé é o constituinte imediatamente superior à sílaba na hierarquia prosódica e é formado de uma ou mais sílabas.

A estrutura do pé é caracterizada como um grupo de unidades que possui uma unidade forte em relação às outras fracas dominado por um nóculo (Lieberman and Prince, 1977) ou como Hayes (1981, apud Nespor e Vogel (1986)) e Hayes (1995) propõe, como uma unidade construída ou de forma binária ou sem limites, levando ou não em conta o peso da sílaba. Diferentemente de Hayes, Nespor e Vogel propõem a unidade pé como formada de um número n-ário de sílabas, em que apenas uma sílaba é forte.

Nespor e Vogel concordam com a distinção de Hayes sobre o pé bimoraico não limitado, e entre o pé sensível e insensível à quantidade. Elas afirmam, no entanto, que os pés agrupam as sílabas em árvores de ramificação n-ária em vez de árvores binárias propostas pelo modelo da teoria métrica. As estruturas arbóreas n-árias seriam, segundo as autoras, mais simples do que as árvores binárias porque não exigem nenhuma relação de proeminência particular entre as sílabas fracas e o pé. Tais relações de proeminência são predizíveis nas árvores binárias, embora elas não sejam motivadas de fato. Conforme Nespor e Vogel, os pés baseados em árvores de ramificação binária trazem mais 'complicações' porque se exige uma distinção entre os nóculos portadores de rótulo de categoria e aqueles não portadores de rótulo de categoria.

Uma outra questão relacionada com as árvores de ramificação binária diz respeito ao padrão acentual na determinação de acentos secundários e primários. Para Nespor e Vogel, essas questões podem ser evitadas nas árvores de ramificação n-ária porque a

estrutura plana dessas árvores não contém nódulos entre o pé e a sílaba, e a ligação que se faz entre o pé e as sílabas é direta. Além disso, existe apenas uma sílaba acentuada por pé não havendo relação de proeminência acentual entre as sílabas não-acentuadas.

Em línguas cujos pés são determinados pela presença de uma sílaba acentuada por palavra, a criação de um outro pé constituinte dessa mesma palavra pode criar problemas na determinação do acento desse pé.

Embora a definição do pé tenha sido baseada sempre no acento, as autoras afirmam ainda que o acento não constitui o único elemento que se relaciona com o pé, como por exemplo, a aspiração que caracteriza o pé do inglês (ver Nespor e Vogel, pp. 90-92)

Segundo Hayes (1981) existe uma série de restrições no agrupamento das sílabas em pés. A língua pode ter um pé binário, com duas sílabas cada, ou pés não limitados, com qualquer número de sílabas. Além disso, os pés binários podem ter pés ternários, além de pés “degenerados” constituídos de uma sílaba. As línguas diferem, segundo Hayes, não apenas no número de sílabas que permitem na construção de um pé, mas também na relevância da estrutura silábica na determinação da estrutura do pé. Isto é, em certas línguas, o peso de uma sílaba deve ser levado em conta na construção do pé, produzindo o pé sensível à quantidade. Em outras línguas, os pés são construídos sem levar em conta o peso da sílaba, produzindo o pé insensível à quantidade. São quatro os tipos de pés que resultam dessa combinação:

- a) pé binário, sensível à quantidade das sílabas;
- b) pé binário, insensível à quantidade das sílabas;
- c) pé não-limitado, sensível à quantidade das sílabas ; e
- d) pé não-limitado, insensível à quantidade das sílabas.

Para Hayes, o pé é de ramificação binária, de acordo com os princípios da teoria métrica arbórea.

Em Hayes (1995), a Teoria Métrica é desenvolvida com a seguinte caracterização da estrutura métrica: (cf. op. cit. pp. 2-3):

- a) a representação da estrutura métrica é feita pela grade parentetizada (“bracketed grid”) segundo a qual os constituintes do ritmo são agrupados conforme a hierarquia das batidas

rítmicas. Essas grades obedecem a dois princípios: a) as grades devem ser contínuas; e b) as marcas da grade e os constituintes que eles (bracketed grids) encabeçam devem estar em correspondência, um a um.

b) o pé é o menor constituinte da estrutura métrica: os tipos de pés mais comumente encontrados são: troqueu moraico, troqueu silábico e iambo.

c) a Lei Iâmbica/Trocaica que constitui parte da teoria do ritmo é o princípio que determina o inventário do pé. Essa lei determina um conjunto de pés possíveis, além de motivar regras segmentais que se ajustam à estrutura métrica.

d) a criação da estrutura métrica é não-exaustiva. Isso permite uma abordagem mais simples com as regras de acento de várias línguas, além de possibilitar uma descrição dos sistemas ternários sem expandir o inventário básico do pé.

e) o pé degenerado, formado por uma mora ou uma sílaba em línguas que, respectivamente, respeitam e não respeitam a quantidade, não é normalmente permitido em línguas de acento de intensidade.

f) as línguas fazem distinção entre a quantidade e a proeminência da sílaba, além da distinção no peso da sílaba. A quantidade é representada pela contagem das moras, enquanto que a proeminência baseada em outras propriedades da sílaba é formalmente representada por colunas de grade de diferentes alturas. Na construção do pé leva-se em conta apenas a quantidade das sílabas, enquanto que a proeminência se relaciona com outros tipos de regra métrica, como a regra final (“end rule”) e a regra de apagamento de acento.

Segundo Hayes, a menor unidade métrica é a sílaba que é também a unidade portadora de acento, sem contraste acentual no interior de uma sílaba. A presença de contraste acentual nas sílabas pesadas acentuadas em línguas de acento de altura (pitch accent) não invalida a afirmação de que a sílaba é a unidade portadora de acento, porque as línguas de acento de altura são, por sua natureza, consideradas línguas tonais. Na fonologia gerativa, o acento de línguas desse tipo é tratado na fonologia do léxico por meio de uma representação tonal, em adição a ou em substituição às representações métricas (Hayes, op. cit. p. 49).

No caso do japonês podemos dizer que o acento lexical possui uma representação independente do acento métrico, embora a sílaba pesada acentuada lexical seja também a sílaba acentuada em termos métricos, em decorrência do peso da sílaba.

## 2.2. A palavra fonológica ( $\omega$ )

A palavra fonológica ocupa, na teoria da Fonologia Prosódica, o nível da hierarquia prosódica que representa o mapeamento entre os componentes morfológico e fonológico da gramática. A palavra fonológica é o domínio onde se constroem os pés.

O domínio da palavra fonológica é definido segundo a proposta da F. Prosódica como segue (Nespor e Vogel 198, p.141, (102)):

*A. The domain of  $\omega$  is Q.*

*ou*

*B.I. The domain of  $\omega$  consists of*

*a. a stem;*

*b. any element identified by specific phonological and/or morphological criteria;*

*c. any element marked with the diacritic [+W].*

*II. Any unattached elements within Q form part of the adjacent  $\omega$  closest to the stem; if no such  $\omega$  exists, they form a  $\omega$  on their own."*

Segundo Nespor e Vogel (1986, pp. 141-142), com base neste algoritmo, pode-se prever que não existem línguas com palavras fonológicas maiores do que o elemento terminal de uma árvore sintática. Como consequência, a palavra fonológica seria ou igual a ou menor ao elemento terminal da árvore sintática. O algoritmo acima mostra ainda que não há mais do que uma palavra fonológica em uma única raiz, porque a primeira parte de BII prediz que qualquer elemento solto entre duas palavras fonológicas já formadas, em que apenas uma delas contém uma raiz, será reagrupado como uma palavra fonológica que inclui a raiz. Em uma língua em que a palavra fonológica inclui ambos os membros de um composto, não existiriam afixos nem uma seqüência de afixos que formam ws independentes.

Com esta definição, a palavra fonológica que reagrupa os elementos morfológicos nem sempre resulta isomórfica ao constituinte morfo-sintático, confirmando, segundo as autoras, o caráter não isomórfico entre a hierarquia prosódica e a morfo-sintática.

### 2.3. O grupo clítico (C)

Considerado o primeiro nível da hierarquia prosódica que representa o mapeamento entre os componentes sintático e fonológico, o grupo clítico é composto por uma palavra fonológica e por um clítico (elemento acentualmente inerte) que se liga a essa palavra. Os clíticos são muitas vezes considerados como pertencentes ou à palavra fonológica<sup>(1)</sup> ou à frase fonológica. Como pertencentes à palavra fonológica, eles são considerados semelhantes a afixos, e como pertencentes à frase fonológica, são definidos como palavra fonológica. Para Nespor e Vogel, no entanto, dado que o comportamento dos clíticos difere tanto dos afixos quanto das palavras fonológicas, e considerando a existência de fenômenos fonológicos que são característicos do grupo formado por palavras mais clíticos, o Grupo Clítico se justificaria como um constituinte na hierarquia prosódica.

A construção grupo Clítico se daria como segue:

*I C domain*

*The domain of C consists of a  $\omega$  containing an independent (i.e. nonclitic) word plus any adjacent  $\omega$ s containing*

*a. a DCL, or*

*b. a CL such that there is no possible host with which it shares more category memberships.*

*II. C construction*

*Join into an n-ary branching C all  $\omega$ s included in a string delimited by the definition of the domain of C.*

(Nespor e Vogel, op.cit.pp. 154-155)

<sup>(1)</sup> Nespor e Vogel

## 2.4. A frase fonológica ( $\phi$ )

De acordo com a definição dos constituintes hierárquicos da Fonologia Prosódica, a Frase Fonológica é formada por um ou mais Grupos Clíticos. Este constituinte se caracteriza também pela incorporação das noções sintáticas diversas na sua construção.

A construção da frase fonológica ( $\phi$ ) se dá da seguinte maneira:

I.  $\phi$  domain

*The domain of  $\phi$  consists of a C which contains a lexical head (X) and all Cs on its nonrecursive side up to the C that contains another head outside of the maximal projection of X.*

II.  $\phi$  construction

*Join into an n-ary branching  $\phi$  all Cs included in a string delimited by the definition of the domain of  $\phi$ .*

III.  $\phi$  relative prominence

*In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of  $\phi$  is labeled s; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of  $\phi$  is labeled s. All sister nodes s are labeled w.*

(Nespor e Vogel, op.cit.p. 168)

## 2.5. A frase intonacional (I)

A frase intonacional é construída por uma ou mais frases fonológicas com base na informação sintática mais geral do que aquela utilizada para a definição da frase fonológica. A frase intonacional é o domínio de um contorno entoacional e se caracteriza por uma coincidência entre o final das frases entoacionais e a posição em que as pausas podem ser inseridas no interior de uma sentença.

No caso da frase intonacional existem certos tipos de construções que parecem formar um domínio intonacional por si, como por exemplo, as expressões parentéticas, frases relativas não-restritivas, vocativos, expletivos.

Segundo Nespor e Vogel, o princípio geral para a formação do constituinte prosódico consiste em que quanto mais alto for o constituinte na hierarquia, mais gerais são os princípios para a sua definição. Enquanto a exigência para a re-estruturação na frase

fonológica era determinada de maneira rígida, essa exigência é mais flexível para a frase intonacional. A re-estruturação da frase intonacional depende, por exemplo, do tamanho da frase intonacional, do estilo da fala, das considerações específicas sobre a proeminência semântica.

A formação da frase intonacional se dá como segue:

*I. I domain*

*An I domain may consist of*

*a. all the  $\phi$ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree*

*at the level of s-structure, or*

*b. any remaining sequence of adjacent  $\phi$ s in a root sentence.*

*II. I construction*

*Join into an n-ary branching I all  $\phi$ s included in a string delimited by the definition of the domain of I*

(Nespor e Vogel, op.cit. p. 189)

## 2.6. O enunciado fonológico (U)

O Enunciado Fonológico é o maior constituinte na hierarquia prosódica e é formado por uma ou mais frases intonacionais. Para a sua construção recorre-se à informação sintática, embora o resultado final não seja necessariamente isomórfico a qualquer constituinte sintático. A construção dos enunciados fonológicos envolve vários componentes da gramática, criando uma interação não somente na organização da fonologia mas também na organização da gramática em geral. Na re-estruturação deste nível atuam os fatores não apenas fonológicos e sintáticos mas também os fatores de natureza lógico-semânticos e pragmáticos.

A formação do enunciado fonológico se daria como segue:

*Phonological Utterance Formation*

*I. U domain*

*The domain of U consists of all the Is corresponding to  $X^n$  in the syntactic tree.*

## II. *U construction*

*Join into an n-ary branching U all Is included in a string delimited by the definition of the domain of U.*

(Nespor e Vogel, *op.cit.* p. 222)

### 3. Os constituintes fonológicos da prosódia do japonês

Passaremos agora à determinação dos constituintes da prosódia do japonês, limitando-nos aos constituintes sílaba, pé e palavra fonológica. A frase fonológica será também tratada, embora de forma rápida, apenas para fazer referência ao domínio de sua constituição.

#### 3.1. A sílaba

Uma das principais características da sílaba do japonês consiste em que ela é formada por moras, definidas como portadoras de peso. As moras em japonês são constituintes diretos das sílabas e possuem um papel de destaque na organização rítmica da língua como unidades de referência na construção dos pés. As sílabas leves são formadas por uma mora, enquanto que as sílabas pesadas são formadas por duas moras, sendo que a segunda mora é sempre uma mora não plena: mora nasal, mora consonantal ou mora longa.

#### 3.2. O pé

Para o tratamento da unidade pé, seguiremos a teoria métrica proposta por Hayes (1995) por considerá-la um modelo que possibilita uma nova abordagem do ritmo do japonês (distinta daquela que se baseava apenas na duração das moras), na medida em que incorpora a noção de peso da sílaba. Através da referência à quantidade silábica, destaca-se o papel da sílaba pesada e o da mora, e a relação entre essas duas unidades, assunto de interesse neste trabalho.

Em Hayes (1995), o objetivo central consiste em propor a construção da unidade pé, constituinte da estrutura métrica das línguas, tendo como base a parametrização do acento.

Nespor e Vogel (1986) em seu trabalho sobre a Fonologia Prosódica não discutem a construção dessa unidade porque pressupõem o pé como um domínio relevante na fonologia prosódica, caracterizado em termos de ramificação n-ária com apenas uma sílaba forte.

São três os tipos de pés (e as suas representações) propostos por Hayes, determinados a partir da parametrização do acento:

Troqueu Silábico	(x .)
	$\sigma \sigma$
Troqueu Moraico	(x .) ou (x)
	$\cup \cup \quad -$
Iambo	(. x) ou (x)
	$\cup \sigma \quad -$

Para a construção do pé seguimos basicamente os seguintes parâmetros (Hayes, 1995, p. 54(41) que transcrevemos abaixo:

*a. Choice of foot type*

*i. Size* *Maximaly unary/binary/ternary/unbounded*

*ii Quantity Sensitivity* *Heavy syllables (may/may not) occur in weak position of a foot*

*iii Labeling* *Feet have (initial/final) prominence*

*iv Obligatory Branching* *The head of a foot (must/need not) be a heavy syllable*

*b. Direction of parsing* *Left to right/right to left*

*c. Iterativity* *Foot construction is (iterative/once only)*

*d. Location* *(Creates new metrical layer/applies on existing layer)*

A sílaba e a mora são representadas respectivamente por ( $\sigma$ ) e ( $\cup$ ); a sílaba pesada é representada por (-) (Hayes, op. cit. p. 71 (18)):

Com relação ao japonês, esses parâmetros podem ser definidos como segue:

- a.
  - i. tamanho: os pés são máximamente binários;
  - ii. quantidade: as sílabas pesadas não ocorrem na posição fraca de um pé;
  - iii. rotulação: os pés possuem uma proeminência inicial;
  - iv. ramificação: a cabeça do pé não deve ser uma sílaba pesada;
- b. a direção da segmentação se faz da esquerda para a direita;

- c. a construção do pé é iterativa;
- d. cria uma nova camada métrica.

Segundo esses parâmetros, a estrutura métrica do japonês caracteriza-se por uma alternância de unidades fortes e fracas que se organizam em pés binários. O pé do japonês é troqueu moraico, considerando que essa unidade se caracteriza por uma proeminência inicial e a língua leva em conta a quantidade silábica. A sílaba pesada, por não ocupar nem a posição fraca nem a cabeça do pé, constitui ela própria um pé troqueu, organizado por moras. As moras são, pois, unidades de referência na organização rítmica do japonês. A sílaba, como uma unidade acentual, e como uma unidade organizadora das moras e determinadora da quantidade silábica, constitui um elemento relevante na estrutura métrica da língua.

Quanto à divisão dos pés, ela é feita da esquerda para a direita. A palavra fonológica, como domínio de construção do pé, define-se como portadora de uma marcação forte na mora inicial. Essa mora pode tanto ser a constituinte (única) da sílaba leve quanto a primeira mora da sílaba pesada. Esse dado caracteriza também a determinação da Regra Final (End Rule) à esquerda na construção de “word layer”, elemento que, em conjunto com as palavras fonológicas monomoraicas, vai justificar o pé degenerado em japonês, como veremos abaixo. Um outro dado que define a direcionalidade na segmentação dos pés da esquerda para a direita relaciona-se com a proeminência no interior de uma palavra: a presença de uma sílaba proeminente na posição imediatamente posterior à sílaba pesada indica que a direção a ser seguida para a segmentação é para a direita.

Definimos a construção do pé do japonês como iterativa porque ela não é determinada pela marcação do acento primário. Como a proeminência de intensidade em japonês diz respeito apenas à estrutura métrica da língua, essa proeminência não determina uma hierarquia em termos de acento primário e acento secundário, como ocorre nas línguas de acento de intensidade. No caso do japonês, apenas a proeminência de intensidade da palavra é marcada na sílaba inicial pela regra final à esquerda. Determinamos que a regra final é assinalada sobre a palavra antes da divisão em pés, isto é, pela marcação top-down de acento (Top-Down Stressing) (cf. Hayes, op. cit., p. 116; van der Hulst, 1984, pp.178-182), porque é a partir dessa marcação que se define a organização métrica em pés troqueus

moraicos. A sílaba inicial da camada dos pés terá a marcação proeminente pela regra final à esquerda e em decorrência da Restrição de Coluna Contínua (Continuous Column Constraint)

Embora o sistema acentual do japonês se caracterize pela altura de tom, a estrutura métrica da língua não se organiza em termos do acento de altura, mas pela proeminência marcada fonologicamente. A relação de proeminência da estrutura métrica é marcada no interior da cadeia métrica em termos binários. Podemos dizer que em japonês a proeminência silábica está relacionada com a quantidade silábica, dentro da estrutura métrica, como vemos nos exemplos abaixo em que o pé constituído por uma sílaba pesada é formada por duas moras e o pé formado por duas sílabas leves é também formado por duas moras:

- |     |         |           |           |
|-----|---------|-----------|-----------|
| (1) | hat ten | mi gat te | asa kusa  |
|     | (x) (x) | (x)       | (x.) (x.) |
|     | (∪)(∪)  | ∪ (∪)∪    | (∪)(∪)    |

Embora os pés sejam bimoraicos, a estrutura métrica, segundo Hayes, não pode ser construída diretamente por moras porque a unidade métrica é a sílaba.

Propomos o pé degenerado para o japonês em início da palavra com base na proibição fraca, segundo a qual o pé degenerado pode ser permitido em casos em que a sílaba é metricamente forte, dominado por uma marca de grade de nível mais alto (Hayes, 1995, p. 87) e também pela existência de palavras de conteúdo formadas por uma sílaba leve em japonês, como por exemplo em:

- |     |             |
|-----|-------------|
| (2) | me 'olho'   |
|     | te 'mão'    |
|     | ki 'árvore' |
|     | shi 'morte' |

Tendo em vista que, fonologicamente, a primeira sílaba da palavra é forte marcada pela regra final à esquerda, podemos dizer que em palavras que apresentam uma estrutura fonológica ∪ -, isto é, uma sílaba inicial leve seguida de uma sílaba pesada, a primeira sílaba seria considerada um pé degenerado.

- |     |        |             |
|-----|--------|-------------|
| (3) | (x )   | regra final |
|     | (x)(x) | pés         |

(3) (x ) regra final  
 (x)(x) pés  
 a.sat.te 'depois de amanhã'

(x ) regra final  
 (x)(x)(x) pés  
 o. to:.saN 'papai'

(x ) regra final  
 (x) (x) (x) pés  
 go.kiN.jo: 'vizinho (pol.)'

Além disso, podemos dizer que na frase fonológica em que a primeira palavra é formada por uma sílaba leve e a segunda palavra começa por uma sílaba pesada, a primeira palavra formaria um pé independente, o pé degenerado.

(4) mi + katte mi.gat.te 'egoísmo'  
 (x)(x)  
 da + gakkj da.gak.ki 'instrumento de percussão'  
 (x)(x)  
 ko + shu:to ko.ju:to 'cunhado/a'  
 (x)(x)  
 bi + daNshi bi.daN.shi 'homem bonito'  
 (x)(x)

Considerando que os pés são do domínio da palavra fonológica, a construção dos pés se faria conforme os seguintes passos:

1. marcar as sílabas pesadas como acentuadas e formadoras de um pé troqueu moraico;
2. identificar a unidade imediatamente posterior, imediatamente à direita da sílaba pesada como uma unidade forte do pé seguinte;

uu - uu  
 (x .) (x) (x .)

3. se não houver sílabas pesadas, fazer a marcação do pé a partir do início da palavra, à esquerda;
4. admitir o pé monomoraico degenerado em início de palavra e para as palavras de conteúdo monomoraicas.

Exemplificamos abaixo a aplicação desses passos em hokkyoku 'Polo Norte'; osekai 'intervenção'; ki 'árvore'; kenkoo 'saúde'; tukue 'escrivainha', e asakusa 'Asakusa, bairro de Tóquio'

(Regra Final)	(x      )	(x      )	(x)
	hok.kyoku	o.sek.kai	ki
1.sílaba.pesada	x	x	
2.mora forte	x	x	
3.marcação do pé	(x) (x .)	(x) (x .)	
4.pé degenerado		(x)	(x)

Regra Final	(x      )	(x      )	(x      )
	keN.ko:	tuku.e	asa.kusa
1.sílaba.pesada	x x		
2.mora forte		x	x x
3.marcação do pé	(x) (x)	(x .)(x)	(x .)(x .)
4.pé degenerado			

Apenas com relação à sílaba “solta” em final de palavra não seguimos Hayes e atribuímos o estatuto de um pé baseado na Strict Layer Hypothesis da Fonologia Prosódica.

### 3.3. A palavra fonológica

Antes de passarmos à determinação da palavra fonológica do japonês, faremos uma breve apresentação da gramática da língua com o objetivo de fornecer informações básicas sobre a estrutura morfológica e a formação de palavras do japonês para desenvolvermos a discussão relativa a esse constituinte.

#### 3.3.1. A estrutura morfológica e a formação de palavras da língua japonesa

##### 3.3.1.1. As classes de palavras do japonês

Os sintagmas que formam a sentença do japonês são, em sua maioria, constituídos por um elemento portador de um conceito e por um elemento gramatical, comumente chamados de partículas. Os elementos conceituais ocupam a cabeça do sintagma seguidos de um ou mais elementos gramaticais.

No exemplo abaixo:

- (5) pasokoN      wa      ano      mise      de      kai      mashi ta  
PC              (tóp)      aquela loja      em      comprar      (pol.) (pass)

(Comprei o PC naquela loja)

as palavras de conteúdo vêm seguidas de palavras de função ou partículas formando um sintagma, com exceção de *ano* 'aquele' que forma um sintagma apenas com o elemento conceitual.

A seguir apresentamos a classificação das palavras do japonês baseada na gramática de Hashimoto (1971, 1973) por ser esta uma gramática que parte do aspecto sonoro da língua e que privilegia a forma da língua (Tsukishima, 1959), portanto, de fácil apreensão das características do japonês.

Para Hashimoto, a menor unidade portadora de um sentido dentro de um enunciado é o sintagma (*bunsetsu*) segmentado segundo critérios semânticos e formais (sonoros). O elemento semântico, segundo Hashimoto, constitui um objeto de estudo da gramática somente se ele estiver materializado de alguma forma na superfície lingüística.

O sintagma definido por Hashimoto é formado por *shi*, palavra de conteúdo (que ocupa a cabeça da frase à esquerda), seguida de um ou mais *ji*, palavras gramaticais.

Exemplo:

(6) kono hon o yon da  
*shi shi ji shi ji*  
este livro (o.d) ler (pass)  
Li este livro.

As palavras do japonês são assim classificadas em *shi* e *ji* tendo como base a formação de uma frase.

*Palavra:*     *SHI (palavras independentes)*  
              *JI (palavras dependentes)*

Dentro o grupo de *shi*:

a) as palavras que possuem flexão e que sozinhas podem formar predicados são denominadas *yoogen*, pertencendo a esse grupo os verbos (*dooshi*) e adjetivos (*keiyooshi*). O verbo expressa ação e existência, e é caracterizado pela presença da forma imperativa. O

adjetivo, por sua vez, expressa o estado e a qualidade e é caracterizado pela ausência da forma imperativa.

#### *Possuem flexão*

*Yoogen:* verbos - (possuem imperativo)  
adjetivos - (não possuem imperativo)

b) as palavras que não possuem flexão podem ser de dois tipos: aquelas que podem ocupar a posição de sujeito e aquelas que não ocupam a posição de sujeito da oração. Ao primeiro grupo, *taigen* (palavras que podem ocupar a posição de sujeito) pertencem os nomes (*meishi*), os pronomes (*daimeishi*) e os numerais (*suushi*).

#### *Não possuem flexão*

*Ocupam a posição de sujeito: Taigen*                      *meishi (nomes)*  
*daimeishi (pronomes)*  
*suushi (numerais)*

As palavras do segundo grupo (aquelas que não ocupam a posição de sujeito) são de dois tipos: i) aquelas que podem ser complementos e conectores, e ii) aquelas que não podem ocupar a posição de complementos e conectores. Ao primeiro tipo de palavras, aquelas que podem ocupar a posição de complementos, pertencem os advérbios (*fukushi*) que complementam *yoogen* ‘palavras flexionáveis’ (verbos e adjetivos), e os atributivos (*fukutaishi*) que complementam *taigen* ‘palavras não-flexionáveis’ (nomes, pronomes e os numerais). As conjunções (*setsuzokushi*) pertencem ao grupo dos conectores. Ao segundo tipo, isto é, às palavras que não ocupam a posição de complementos e de conectores, pertencem as palavras que corresponderiam às interjeições (*kandooshi*).

#### *Não ocupam a posição de sujeito:*

1) *aquelas que podem ser complementos ou conectores: Fuku-yoogen*  
*aquelas que complementam: yoogen → fukushi (advérbios)*  
*taigen → fukutaishi (atributivos)*

*aquelas que são conectores: setsuzokushi (conjunções)*  
2) *aquelas que não podem ser complementos nem conectores: kandooshi*  
*(interjeição)*

As palavras que pertencem ao *jí*, palavras dependentes que em conjunto com as palavras de conceito formam uma frase e indicam uma função dentro de um enunciado, são de dois tipos:

### *Joshi*

- *jodooshi*, palavras flexionáveis que se juntam i) apenas aos verbos e ii) a outras palavras; e
- *joshi*, palavras não flexionáveis que se juntam a *taigen* (nomes, pronomes e numerais).

Com relação ao *jodooshi* e *joshi*, seguimos a exposição de Sakakura (1974). A classificação proposta por Hashimoto é pouco informativa para um não falante da língua pela complexidade na sua apresentação. A classificação de *joshi* se resume em determinar o tipo de papel que essas palavras funcionais exercem na frase, isto é, se essas partículas interrompem ou não um frase dentro de um enunciado.

Empregaremos o termo partícula tradicionalmente utilizado para fazer referência a *joshi* e *jodooshi*: *joshi* constituem as partículas sem flexão e *jodooshi* constituem as partículas flexionáveis.

*Joshi* (jo=auxiliar; shi=palavra). São partículas sem flexão, algumas vezes tratadas como clíticos (McCawley, 1968), e que se ligam às palavras de conceito determinando a relação que se estabelece com uma outra palavra de conceito. Os *joshi* são classificados em quatro tipos (Sakakura, op.cit.):

#### a) Partículas que indicam caso (*kakujoshi*, kaku 'caso')

Ligam-se principalmente aos nomes e têm como função indicar os casos dentro de um enunciado.

Algumas partículas que indicam caso:

- ga - sujeito;
- wo - objeto direto;
- ni - objeto indireto, locativo, tempo;
- e - direção;
- to - companhia;

- de - locativo; meio, instrumento; causa;
- no - posse, atributivo, sujeito da oração relativa.

Exemplo:

(7) *watashi no tomodati ga ano resutoran de suteeki wo tabe ta*  
 (eu) *gen* (colega) *subj.* (aquele)(restaurante) *loc* (bife) *o.d.* (comer)(pass.)  
 'Meu colega comeu um bife naquele restaurante.'

b) Partículas conectoras (*setsuzokujoshi*, *setsuzoku* 'ligação')

Ligam-se às palavras de conteúdo flexionáveis (*yoogen* - palavras flexionáveis que ocupam a posição de predicado) e partículas gramaticais flexionáveis (*jodooshi*), tendo como função estabelecer relações de causa-efeito, adversidade, conseqüência, condição, simultaneidade, etc., entre duas sentenças. Corresponderiam às conjunções do português.

Alguns exemplos de partículas conectoras:

- *ba*, *keredomo* - condição;
- *ga* - adversativa;
- *te*, *shi* - aditiva;
- *kara*, *node* - causa;
- *temo* - concessiva.

Exemplo:

(8) *watashi ga denwa wo kakere ba kare -wa yoku*  
 (eu) (subj.) (telefone) (o.dir) (ligar) *cond.* (ele) (tóp.) (muito)

*hanasu ga futsuu wa mukuti da*  
 (falar) *advers.* (normalmente) (tóp) (lacônico) (asser.)

'Se eu telefonar, ele fala bastante, mas normalmente é lacônico'.

c) partículas que indicam o ponto de vista do falante com relação ao fato ou objeto em referência, através da ênfase, limitação, gradação. São chamados de *fukujoshi* (fuku ‘adverbial’) e se ligam tanto às palavras conceituais não flexíveis, quanto às flexíveis.

Alguns exemplos de partículas ‘adverbiais’:

- wa, koso - indica topicalização;
- mo - indica inclusão;
- made, dake - indica limitação;
- kurai, hodo - indica gradação;
- sae - indica acréscimo.

Exemplo:

(9) kare wa goji made kono hon dake yomu.  
(ele) (tóp) (5 horas) até (este) (livro) apenas (lê)  
‘Ele lê até às 5 horas apenas este livro’.

d) partículas que se ligam a vários tipos de palavras, em finais de sentença, e que indicam emoção, proibição, interrogação, dúvida, ordem, confirmação, intimidade. São chamadas de *shuujoshi* (shuu ‘fim’).

Alguns exemplos de partículas ‘finais’:

- ka - indica interrogação;
- ne, yo, wa - indica confirmação, intimidade; (wa - fem.);
- na - indica proibição (masc.);
- zo - indica reforço (masc.).

Exemplo:

(10) (filho): mou yomi-mashi-ta ka.  
(já) (ler) (pol.) (pass) *interr.*  
‘(O senhor) já leu?’  
(pai): aa mou yon -da yo  
(sim) (já) (ler) (pass) *confirm. e intim.*

‘Ah sim, já li.’

*Jodooshi* (Jo=auxiliar; dooshi=verbo) são partículas flexionáveis (muitas vezes chamadas de verbos auxiliares, sufixos verbais, auxiliares de verbo) que podem ser de dois tipos: a) aquelas que se ligam apenas aos verbos e b) aquelas que se ligam a palavras diversas. Estas partículas expressam a posição e a atitude do falante em relação ao objeto proposto no enunciado. Ligadas às palavras de conteúdo formam um sintagma verbal e expressam tempo, aspecto, modo e tratamento. Podem ser classificadas segundo o sentido que expressam:

- afirmação: da;
- negação: nai; mai;
- suposição: u, you; daroo; rashii;
- volição: u, you; mai (neg.);
- desejo: tai;
- passado e ação conclusa: ta
- voz causativa: seru, saseru;
- voz passiva: reru, rareru;
- polidez, respeito: desu; masu; reru, rareru.

No caso da partícula de negação *nai* e *mai*, a partícula *mai* possui, além do sentido de negação, um sentido de volição (quando se refere à primeira pessoa) ou suposição (quando se refere à segunda ou terceira pessoa). Existe ainda uma diferença no caso de *u*, *you*, e em *seru*, *saseru*; *reru*, *rareru* relacionada com o tipo de verbos a que essas palavras se ligam, como veremos abaixo.

As partículas flexionáveis podem ainda ser classificadas com base no tipo de palavras a que se juntam: aos verbos ou a outras palavras (nomes, advérbios e formas nominalizadas de verbos).

Ligam-se aos verbos: *seru*, *saseru* (causativa); *reru*, *rareru* (passiva); *tai* (desejo), *nai*, *mai* (negação); *ta* (passado); *u*, *you* (suposição, volição); *masu* (polidez); *rashii*, *daroo* (suposição) e outros. As palavras *rashii* e *daroo* ligam-se também aos nomes.

Ligam-se a outras palavras as partículas: *da*, *desu* (afirmação); *rashii*, *daroo* (suposição).

Exemplos:

(11) nomes:

hon-da 'é livro'

hon-desu 'é livro (pol.)'

hon-rashii 'parece ser um livro'

hon-daroo 'deve ser um livro'

(12) verbos na forma final:

kaku-rashii 'parece que vai escrever'

kaku-daroo 'deve escrever'

(13) verbos na forma nominalizada:

kare-ga kakuno-da 'é ele quem escreve (assertivo)'

kare-ga kakuno-desu 'é ele quem escreve (assertivo polido)'

Segundo a gramática tradicional do japonês, os verbos são classificados em cinco grupos, conforme o tipo de flexão a que pertencem. A denominação da flexão dos verbos se faz seguindo a disposição dos sons (ou da escrita kana) dentro do quadro do kana, o silabário: os sons A, I, U, E, O são dispostos verticalmente, em níveis, tomando o nível/fileira do som U como ponto de referência por ser o ocupante da fileira do meio. Assim, os verbos cuja flexão ocorre apenas no nível do I, são chamados de *kami* 'acima' *itidan* 'um nível' (lit. um nível acima de U), enquanto que os verbos cujo sufixo flexionado se restringe aos sons terminados em E são chamados de *shimo* 'abaixo' *itidan* 'um nível' (lit. um nível abaixo de U). A referência ao nível ou à fileira dos sons que terminam em A, I, U, E, O, e não apenas a esses sons específicos, deve-se à utilização do kana para representar os sons em japonês. O kana, pelo seu caráter silábico, só pode indicar as diferenças da terminação vocálica tomando a unidade moraica como um todo, isto é, incluindo as consoantes iniciais. Se utilizássemos o alfabeto para indicar essas flexões não

haveria necessidade de se fazer referência às fileiras nem às colunas, mas apenas às cinco vogais a, i, u, e, o, como podemos ver no exemplo abaixo, com o verbo *aruku* ‘andar’:

(14)	a) baseado na escrita kana	b) baseado no alfabeto
	a . ru . KA	a . ru . k-A
	a . ru . KI	a . ru . k-I
	a . ru . KU	a . ru . k-U
	a . ru . KE	a . ru . k-E

Os cinco tipos de verbos do japonês são:

- Verbos *Yodan-katsuyoo* (flexão em quatro níveis), verbos cuja flexão envolve as quatro fileiras do silabário, isto é, os níveis de A, I, U e E, como é o caso do verbo *aruku* ‘andar’, acima, e *kaku* ‘escrever’, no exemplo abaixo;
- Verbos *sagyoo henkaku katsuyoo* (flexão irregular na coluna do SA), verbos que possuem uma flexão irregular na coluna SA do silabário. Este tipo de verbo é formado do verbo *suru* ‘fazer’ e seus compostos<sup>(2)</sup>, como por exemplo em: *kaimono suru* ‘fazer compras’, formado de *kaimono* ‘compra’ e *suru* ‘fazer’; *benkyoo suru* ‘estudar’, formado de *benkyoo* ‘estudo’ e *suru* ‘fazer’;
- Verbo *kagyoo henkaku katsuyoo* (flexão irregular na coluna de ka), representado unicamente pelo verbo *kuru* ‘vir’ que se flexiona irregularmente na coluna de KA;
- Verbos *kami-itidan katsuyoo* (flexão na fileira de I), verbos cuja flexão é marcada pelos sons que ocupam a fileira de I (ki, gi, si, di, tí, ni, hi, bi, pí, mi, ri), um nível (*itidan*) acima (*kami*) da fileira de U.
- Verbos *shimo-itidan katsuyoo* (flexão na fileira de E), verbos cuja flexão é marcada pelos sons que ocupam a fileira de E (ke, ge, se, ze, te, de, ne, he, be, pe, me, re)<sup>(3)</sup>.

A forma flexionada dos verbos relaciona-se com o tipo de palavras que se liga a esses verbos. Na gramática tradicional da língua japonesa, os verbos flexionam-se em seis formas:

- *mizenkei*, forma indefinida, que se liga aos sufixos verbais de negação *nai*;
- *renyookei*, forma não finita, que se liga aos sufixos verbais *masu*, *ta*, e à partícula *te*. Esta forma exerce ainda uma função de encadear ações em frases compostas;
- *shuushikei*, forma final, que se liga aos sufixos verbais *rashii*, *daroo*. É considerada ainda a forma neutra e empregada nas entradas dos dicionários;
- *rentaikei*, forma atributiva, que se liga aos nomes e à partícula nominalizadora *no*, formando um sintagma nominal;
- *kateikei*, forma condicional, que, juntamente com a partícula *ba* (indica condição) forma o condicional;
- *meireikei*, forma imperativa. Os verbos que se flexionam em I e E se juntam à partícula *yo*, *ro*, para formar a imperativa.

Exemplos dos cinco tipos de verbos ( *kaku* ‘escrever’; *okiru* ‘acordar’; *taberu* ‘comer’; *suru* ‘fazer’; *kuru* ‘vir’) e a sua respectiva forma flexionada:

(15)

	yodan	kami	shimo	sahen	kahen
	(kaku)	(okiru)	(taberu)	(suru)	(kuru)
mizenkei	kak-A	ok-I	tab-E	s-I	k-O
renyookei	kak-I	ok-I	tab-E	s-I	k-I
shuushikei	kak-U	ok-I-ru	tab-E-ru	s-U-ru	k-U-ru
rentaikei	kak-U	ok-I-ru	tab-E-ru	s-U-ru	k-U-ru
kateikei	kak-E	ok-I-re	tab-E-re	s-U-re	k-U-re
meireikei	kak-E	ok-I	tab-E	s-I	k-O <sup>(4)</sup>

Alguns exemplos de formação de palavras e sintagmas envolvendo os verbos: a forma negativa do verbo *kaku*, *kakanai* ‘não escrever’, é formada por *mizenkei kak-a* mais o sufixo verbal *nai*; a forma passada de *taberu*, *tabeta* ‘comeu’, é formada por *renyookei tab-e* mais o sufixo verbal *ta*; a forma gerundiva de *okiru*, *okite* ‘acordando’, é formada por *shuushikei oki* mais a partícula *te*.

Apenas para completar, apresentamos a flexão dos adjetivos que se caracterizam pela ausência da forma imperativa. Os adjetivos em japonês são flexionáveis e podem constituir um sintagma verbal. No exemplo abaixo, mostramos a flexão do adjetivo *aoi* 'verde, ser verde' e a formação de sintagmas verbal e nominal através da ligação com as palavras *nai*, *daroo*, *te*, *ba*, e *mado*:

(16)	<i>aoi</i>	suf.verb./ part./ nome	
<i>mizenkei</i>	ao-KU	<i>nai</i>	<i>aokunai</i> 'não é verde'
<i>renyookei</i>	ao-KU	<i>te</i>	<i>aokute</i> 'é verde e..'
<i>shuushikei</i>	ao-I	<i>daroo</i>	<i>aoidaroo</i> 'deve ser verde'
<i>rentaikei</i>	ao-I	( <i>mado</i> )	<i>aoimado</i> 'janela verde'
<i>kateikei</i>	ao-KE-re	<i>ba</i>	<i>aokereba</i> 'se for verde' <sup>(5)</sup>

Os sufixos verbais (*jodooshi*) e algumas partículas (*joshi*) ligam-se a uma forma flexionada específica dos verbos e adjetivos. Os sufixos verbais, classificados como palavras flexionáveis, são portadores de flexão como os verbos e adjetivos, dependendo da ligação que se faz com os outros sufixos verbais. Os sufixos *nai* e *rashii*, por exemplo, flexionam-se como os adjetivos. Assim, a negativa *nai* na forma condicional se faria através da junção da partícula *ba* ao *nakere*; a forma gerundiva/aditiva de *rashii* se faria com a junção de *te* à forma *rashiku*.

Exemplos:

(17)			
<i>ikanakereba</i>	'se não for'	< <i>ika+nakere+ba</i>	< <i>iku</i> 'ir' + <i>nai</i> '(neg.) + <i>ba</i> (cond.)
<i>ikurashikute</i>	'parece que vai e..'	< <i>iku+rashiku+te</i>	< <i>iku</i> + <i>rashii</i> (supos.)+ <i>te</i> (adit.)

As palavras *u*, *seru* e *reru* ligam-se aos verbos que apresentam as quatro formas de variação (*yodan katsuyoo*). *Seru* e *reru* se ligam ainda aos verbos irregulares formados por *suru* e seus compostos (*sa-hen*, de *sagyoo henkaku katsuyoo*). Os sufixos verbais *you*, *saseru* e *rareru* ligam-se aos outros tipos de verbos: os verbos que se flexionam no nível do E (*shimo itidan katsuyoo*) e no nível do I (*kami itidan katsuyoo*), e o verbo irregular da coluna do KA (*ka hen*, de *kagyoo henkaku katsuyoo*).

Não apresentamos o quadro de flexão dessas palavras porque os sufixos verbais não possuem flexão em todas as formas, ao contrário do que acontece com os verbos.

### 3.3.1.2. Formação da palavra

Na classificação das palavras de conteúdo estariam, em princípio, incluídas tanto as palavras simples como as palavras complexas, formadas de palavras derivadas e compostas.

Como afixos podemos enumerar alguns prefixos como: *o*, *go*, *on*, *mi* (indicam polidez); *su* (indica algo limpo, desprovido), *ma* (indica intensificação), *ko* (indica tamanho pequeno), *ka* (intensifica algo frágil, pequeno) e outros.

Exemplos:

- (18) *su* (pref.) + *ashi* 'pé' (N) + *suashi* (N) 'pés descalços';  
*ka* (pref.) + *yowai* 'fraco' (Adj) = *kayowai* (Adj) 'fraquinho'  
*ko* (pref.) + *samui* 'fraco' (Adj) = *kosamui* (Adj) 'friozinho'

Como sufixos podemos enumerar *ra*, *tati* (indica pluralidade), *rashii* (indica atributo)<sup>(6)</sup>, *buru* (indica aparência), *no* (nominaliza um verbo), *sa* (nominaliza um adjetivo)

Exemplos:

- (19) *kodomo* 'criança' + *ra* = *kodomora* 'crianças'  
*otona* 'adulto' + *buru* = *otonaburu* 'comportar-se como adulto'  
*sensei* 'professor' + *rashii* = *senseirashii* 'possui o atributo de um professor'

Podemos ainda considerar como sufixos, os sufixos verbais que se caracterizam como flexíveis.

Os compostos em japonês (Kageyama 1982; Abe, 1987) podem ser formados de:

N-N	<i>hai-zara</i> 'cinzeiro'	< <i>hai</i> 'cinza'; <i>sara</i> 'prato'
A-N	<i>naga-banashi</i> 'conversa longa'	< <i>nagai</i> 'longo'; <i>hanashi</i> 'conversa'
V-V	<i>kiri-taosu</i> 'cortar e derrubar'	< <i>kiru</i> 'cortar'; <i>taosu</i> 'derrubar'
N-V	<i>asa-gaeri</i> 'retorno de madrugada'	< <i>asa</i> 'manhã'; <i>kaeru</i> 'retornar'
A-V	<i>waka-jini</i> 'morte prematura'	< <i>wakai</i> 'jovem'; <i>shinu</i> 'morrer'
A-A	<i>usu-gurai</i> 'penumbra'	< <i>usui</i> 'claro'; <i>kurai</i> 'escuro'

Em compostos, os verbos se apresentam na forma *renyookei*, considerada também a forma infinitiva do verbo e empregada para interromper uma frase no interior de uma sentença. Os adjetivos, por sua vez, se apresentam na sua forma de radical.

### 3.3.1.3. Sobre a classificação das palavras da Gramática de Hashimoto

Caracterizada pelos lingüistas japoneses como uma gramática que não dá conta da organização semântico-sintática do japonês, a proposta de análise de Hashimoto é, no entanto, adequada para representar a estrutura fonológica da língua.

Para a teoria gramatical proposta por Yamada, que se caracteriza por uma abordagem que privilegia o aspecto semântico da língua (Sakakura, 1974), as palavras são classificadas em *kannnen-go* ‘palavras conceituais’ e *kankei-go* ‘palavras relacionais’. Essa classificação corresponde basicamente àquela que se baseia em *shi* e *ji*, proposta por Hashimoto e por Tokieda, embora exista uma diferença entre eles na abordagem desses elementos: abordagem de base formal e de base funcional. Enquanto a classificação de Hashimoto decorre da análise do japonês baseada no aspecto formal/sonoro da língua, a classificação de Tokieda caracteriza-se por uma análise que enfatiza o aspecto funcional da língua, baseada na teoria de processo lingüístico (*gengo kateisetsu*). Segundo essa teoria que se baseia no processo de expressão (*hyogen katei*), *shi* são palavras cuja expressão resulta de um “processo de conceitualização do objeto pelo sujeito falante” (Tokieda, 1968). Pertencem a essas palavras os nomes, os verbos, os adjetivos e os advérbios do japonês. *Ji*, ou termos não-conceituais, são palavras que, sem passar pelo processo de conceitualização do objeto, expressam diretamente as emoções, decisões, desejos do sujeito falante. Pertencem a esse grupo os *joshi*, partículas que determinam as funções dentro do enunciado, e os *jodoshi*, partículas flexionáveis que exprimem modo, voz, aspecto e tratamento. A análise de Tokieda possui uma abrangência maior do que a análise de Hashimoto, na apreensão do comportamento e organização da língua japonesa porque leva em conta a atuação do sujeito na fala, fazendo a distinção entre o elemento objetivo e subjetivo dos constituintes de um enunciado.

A proposta de Hashimoto, por sua vez, pelo seu caráter formal, restringe-se à descrição do nível da superfície do japonês sem que os fatos lingüísticos que envolvem a

relação sintática e semântica dos constituintes da frase sejam adequadamente considerados. Para Hashimoto, *shi* são palavras independentes, portadoras de conceito, que por si só podem formar um *bunsetsu* (sintagma), enquanto que *ji* são palavras dependentes que formam um sintagma sempre em conjunto com um *Shi*.

Um exemplo que viria ilustrar a diferença na abordagem dessas duas propostas pode ser observado na análise da frase abaixo:

(20) ano hito wa iku mai  
aquela pessoa (tóp) ir (supos.neg.)  
'aquela pessoa não deve (com certeza) ir'

Segundo a análise de Hashimoto o enunciado acima é constituído de duas frases compostas por palavras de conteúdo seguidas de palavras gramaticais (*hito-wa*) (*iku-mai*), e por uma frase constituída por uma palavra conceitual (*ano*). Essas frases relacionam-se de maneira linear.

Já em Tokieda, esse enunciado teria a seguinte organização:

{[(ano)(hito)]wa} (iku) mai

em que, a partícula *wa*, como um elemento de *ji*, expressa uma atitude do falante (topicalização) que toma como escopo o sintagma *ano hito* 'aquela pessoa'. A partícula flexionável *mai* (suposição negativa), por sua vez, toma como escopo o enunciado *ano hito-wa iku* 'aquela pessoa vai', expressando o ponto de vista do emissor. Embora esta análise tenha sido simplificada sem considerar os processos linguísticos de que fala Tokieda, verificamos que, diferentemente da proposta de Hashimoto, a relação das frases não é mecanicamente linear, comportando uma hierarquia nos constituintes do enunciado. Podemos dizer que essa organização hierárquia decorre da inclusão da atitude do sujeito que leva a interpretar a organização dos sintagmas dentro do enunciado.

Apresentadas as diferenças na análise, com visível inadequação na abordagem de Hashimoto em relação à análise de Tokieda que incorpora uma perspectiva semântico-sintática, consideramos que a proposta de Hashimoto é, no entanto, adequada para a análise da prosódia do japonês, como afirmamos acima. Dado que a análise de Hashimoto se baseia no aspecto formal da língua tendo como base a estrutura formal (sonora) da língua, o enunciado é segmentado em sintagmas que corresponderiam às frases fonológicas do

japonês. As palavras de conteúdo e de função que formam o sintagma constituiriam, por sua vez, as palavras fonológicas da hierarquia prosódica. Segundo a Fonologia Prosódica, a estrutura sintática difere da fonológica nas regras que atuam na sua construção: enquanto na hierarquia sintática as regras de construção são recursivas, relacionando-se, portanto, com a profundidade da estrutura que não é finita, na hierarquia fonológica as regras que atuam na construção não são recursivas e a profundidade da estrutura é finita. Essa diferença leva à segmentação não isomórfica entre a estrutura sintática e a estrutura fonológica. Considerando, além disso, que a estrutura fonológica é sensível à extensão das unidades que formam um constituinte hierárquico, a segmentação baseada na organização sintática não seria apropriada em termos fonológicos. Nesse sentido, embora a análise proposta por Hashimoto não seja adequada em termos sintáticos como aquela baseada na teoria gramatical de Tokieda, ela é condizente com a estrutura fonológica da língua porque a segmentação dos constituintes é feita com base na realização da língua. Nesse processo de segmentação percebe-se ainda que os sintagmas se caracterizam por uma proeminência relativa inicial, um indicativo de que essa unidade corresponderia à frase fonológica do japonês. Segundo a definição proposta pela Fonologia Prosódica, a frase fonológica do japonês (cf. Miyara, 1981 [apud Nespor e Vogel, op.cit.]) é formada por um elemento cabeça ocupado por uma palavra de conteúdo, caracterizada por uma proeminência inicial à esquerda e seguida de uma ou mais partículas.

### **3.3.2. A palavra fonológica**

Baseada na discussão sobre a gramática do japonês e na formação das palavras, podemos dizer que a palavra fonológica do japonês corresponde basicamente às palavras classificadas segundo critérios morfológicos propostos por Hashimoto. A palavra fonológica poderia, assim, ser definida utilizando-se os seguintes critérios:

- a) a distinção morfológica baseada em palavras de conteúdo e palavras de função;
- b) as palavras que, construídas segundo critérios morfológicos resultariam em uma palavra fonológica mal-formada, seriam definidas seguindo a aplicação de critérios fonológicos.

Como evidências de base fonológica que se verificam na fronteira e no interior das palavras fonológicas do japonês para a identificação dos domínios dessas fronteiras podemos citar:

1. a sonorização da consoante inicial do segundo membro da palavra composta;
2. a nasalização da velar no interior de uma palavra fonológica;
3. a boa formação da palavra fonológica no seu limite à direita;
4. a seqüência de sílabas relacionada com a construção de pés no interior da palavra fonológica;
5. o número máximo de pés por palavra fonológica.

Embora as evidências 1 e 2 não constituam argumentos fortes porque a sua aplicação se dá em alguns contextos e sob certas condições, consideramos que as regras de nasalização da velar e de sonorização podem ser significativas na definição da palavra fonológica que se caracteriza pela não isomorfia ao elemento terminal da árvore sintática.

A seguir, explicitamos, uma a uma, essas evidências:

1. sonorização da consoante inicial do segundo membro da palavra composta.

As palavras compostas do japonês tendem a sonorizar a consoante inicial surda do segundo membro (denominado fenômeno de *rendaku*, ren 'ligação' daku 'sonorização', isto é a sonorização no limite da ligação entre duas palavras); mas essa sonorização não ocorre se os compostos são formados por raízes de verbos e se existe um segmento sonoro no segundo membro do composto (ver Abe, 1987, Kageyama, 1982, para maiores detalhes sobre as palavras compostas).

Exemplos:

- (21) *haizara* 'cinzeiro', formado de *hai* 'cinza' e *sara* 'prato'  
*honbako* 'estante de livros', formado de *hon* 'livro' e *hako* 'caixa'  
*kiritaosu* 'derrubar (cortando)', formado de *kiru* 'cortar' e *taosu* 'derrubar'  
*yomikaki* 'leitura e escrita', formado de *yomu* 'ler' e *kaku* 'escrever'  
*tyasaji* 'colher de chá', formado de *tya* 'chá' e *saji* 'colher'  
*natsukaze* 'resfriado de verão', formado de *natsu* 'verão' e *kaze* 'resfriado'

Os dois primeiros exemplos consistem de casos em que ocorre a sonorização da consoante inicial do segundo membro; o terceiro e o quarto exemplos são compostos

formados por dois verbos; e o quarto e o quinto exemplos são casos em que não ocorre a sonorização porque o segundo membro do composto apresenta um segmento sonoro.

As palavras que se sonorizam em compostos não sofrem essa mudança quando são precedidas por um prefixo de polidez, como vemos nos exemplos abaixo:

- (22) osara (o-polidez, sara ‘prato’), mas, haizara ‘cinzeiro’  
gohon (go-honorífico, hon ‘livro’), mas buNkobon ‘livro de bolso’  
ohana (o-polidez, hana ‘flor’), mas, ikebana ‘arranjo floral’

Este dado poderia ser um indicativo de que a sonorização ocorre no limite das palavras fonológicas e não no interior de uma palavra fonológica.

1a. Um outro aspecto que merece ser destacado com relação aos compostos se refere às palavras de conteúdo monomoraicas.

Segundo Bekku (1977) e Kindaichi (1970) os falantes do japonês tendem a evitar realizações isoladas das palavras monomoraicas, empregando, sempre que possível, recursos que levam a formar uma unidade bimoraica, como por exemplo, o acréscimo de um prefixo de polidez ou o alongamento da vogal final da palavra. Além disso, em compostos que envolvem palavras monomoraicas, a segmentação em haku (unidade rítmica bimoraica proposta por Bekku) se faz sempre pelo número de moras, diferentemente do que acontece em outros compostos, formados por duas e três moras, em que a segmentação pode se basear, conforme Bekku, no significado das palavras. Segundo essa observação, as palavras monomoraicas formam um haku em conjunto com o outro membro do composto, independentemente do limite morfológico e semântico dessas palavras. Por exemplo, palavras como *tebukuro* ‘luva’, formada por *te* ‘mão’ e *fukuro* ‘saco’; *yozakura* ‘apreciação das flores de cerejeira à noite’, formada de *yo* ‘noite’ e *sakura* ‘flor de cerejeira’, extraídas de Bekku, são segmentadas ritmicamente em *tebu/kuro* e *yoza/kura*, ignorando o limite das palavras (*te*)(*bukuro*) e (*yo*)(*zakura*). Esse fato mostra que, apesar da existência de palavras de conteúdo monomoraicas em japonês (que vêm permitir a construção do pé degenerado, como vimos na seção 3.2), o pé canônico ou próprio da língua (Hayes, 1995), isto é, o pé troqueu moraico (no caso do japonês) exerce um papel determinante na definição da palavra fonológica, domínio de construção dos pés.



## 2. nasalização da velar no interior de uma palavra fonológica

A oclusiva velar em início de uma palavra fonológica formada por uma palavra de conteúdo é realizada como [g]. Já no interior de uma palavra fonológica, essa mesma oclusiva passa a ter uma realização nasal [ŋ] como podemos ver nos exemplos abaixo:

(24)

- (i)  $g/(\_ x)_\omega$       gaikoku ‘país estrangeiro’  
                             giNkoo ‘banco’  
                             guuzeN ‘de repente’  
                             gekijoo ‘teatro’  
                             goma ‘gergelim’
- (ii)  $g \rightarrow \eta / (x \_ x)_\omega$       kagami [kaŋami] ‘espelho’  
   migi [miŋi] ‘direita’  
   ago [aŋo] ‘queixo’  
   kagu [kaŋu] ‘móveis’  
   sageru [saŋeru] ‘abaixar’

Embora este dado venha indicar que as nasais velares ocorrem também no interior do constituinte frase fonológica, achamos que ele não invalida a determinação dos domínios da palavra fonológica.

Ex. tukue + ga (part. sujeito)

Nos compostos, no entanto, podem ocorrer os dois tipos de velar como em:

- (iii) sekaigiNkoo ‘Banco Mundial’, formado de sekai ‘mundo’ e giNkoo ‘banco’;  
      omotegeNkaN ‘entrada da frente’, formado de omote ‘frente’ e geNkaN ‘entrada’;  
      mimigakumoN ‘conhecimento superficial’, formado de mimi ‘ouvido, orelha’ e  
      gakumoN ‘estudo’;  
      shirootogei, shirootoŋei ‘arte amadora’, formado de shirooto ‘amador’ e gei ‘arte’;  
      kyooikugakubu, kyooikuŋakubu ‘faculdade de educação’, formado de kyooiku  
      ‘educação’ e gakubu ‘faculdade’;  
      kaiŋara ‘concha’, formado de kai ‘marisco’ e kara ‘casco’;

yukiñuni ‘região/país das neves’, formado de yuki ‘neve’ e kuni ‘país’;

yokoñaki ‘escrita horizontal’, formado de yoko ‘horizontal’ e kaku ‘escrever’.

Os três primeiros exemplos são considerados de composição fraca e têm a realização da velar da segunda palavra por [g], enquanto que os três últimos exemplos, resultantes do rendaku, se realizam predominantemente por uma velar nasalizada. Quanto a *shirootogei* e *kyoikugakubu*, a presença tanto da oclusiva velar quanto da nasal velar indica que se trata de compostos com grau de composição mais fraca. (Sakurai, 1985). Embora a presença da nasal velar seja uma constante nas palavras que sofrem rendaku, consideramos esses compostos como formados por duas palavras fonológicas porque em termos prosódicos, a sílaba com a nasal velar é marcadamente forte e vem ocupar a cabeça do pé.

3) Com relação à boa formação da palavra fonológica, apresentamos a restrição à mora consonantal na posição final da palavra. Assim, seqüências como *itte* ‘vai’, *katta* ‘comprou’, *hashitta* ‘correu’, formadas por verbo mais a partícula *te* ou *ta*, não poderiam ser segmentadas nas palavras fonológicas *it-te*, *kat-ta*, *hashit-te*, porque formariam palavras mal formadas em termos fonológicos. Como a ligação dessas partículas aos verbos envolve, quase sempre, uma mudança na fronteira desses elementos, consideramos todos os verbos seguidos de *te* e *ta* como uma palavra fonológica.

Exemplos:

(25) yonda ‘leu’	< yomi+ta
oyoida ‘nadou’	< oyogi+ta
kaite ‘escreve’	< kaki+te
katte ‘compra’	< kai+te

4) A análise de uma seqüência sonora baseada em tipos de sílabas seria um outro critério para determinar uma palavra fonológica, embora haja necessidade de se recorrer, em alguns casos, às informações de ordem morfológica e semântica. Por exemplo, uma seqüência formada por uma sílaba pesada (S), sílaba leve (s) e uma sílaba pesada (S), S s S, é formada por duas palavras fonológicas. Em uma palavra fonológica, um pé mal-formado representado por uma sílaba leve não pode ocupar a posição entre dois pés bem formados,

constituídos de sílabas pesadas. Nessa seqüência, a segmentação da palavra deve ser feita como Ss ou sS, como nos exemplos abaixo, formados pelas seguintes palavras fonológicas:

- (26) moNbushoo 'Ministério da Educação' -> moNbu 'Educação', shoo 'Ministério'  
zakkashoo 'armazém' -> zakka 'miscelânea', shoo 'comércio'  
kookishiN 'curiosidade' -> kooki 'curiosidade', shiN 'espírito'  
keNokaN 'sentimento de repulsa' -> keNo 'repulsa', kaN 'sentimento,  
sensação'  
tyoosaiN 'investigador' -> tyoosa 'investigação', iN 'pessoa'  
tyooshizeN 'super natural' -> tyoo 'super', shizeN 'natureza'

Levando-se em conta apenas a seqüência sonora, essas unidades podem ser segmentadas como abaixo, com mudança na acentuação e no significado das palavras<sup>(7)</sup>.

- moN 'letra; pergunta; portão; etc.', bushoo 'general; comandante; preguiça';
- koo 'bom; alto; público; incenso; efeito; item; etc.'; kishiN 'contribuição; demônio; desejo de retorno ao lar';
- keN 'espada; bilhete; província; assunto; etc.' okan 'frio';
- tyoo 'super; longo; cidade; etc.'; saiN 'assinatura (do ingl. sign)';
- tyooshi 'condição'; zeN 'tudo; prévio; bom'.

A única palavra que não permite uma segmentação distinta é *zakkashoo* porque *zak*, por ser formada por uma mora plena e uma mora consonantal, não pode ocupar a posição final de uma palavra fonológica (cf. item 3 acima). Os exemplos acima nos levam a constatar que uma sílaba leve isolada pode formar um pé degenerado na posição inicial de uma palavra fonológica, ou um pé na posição final em decorrência da Strict Layer Hypothesis, mas nunca ocupar uma posição no interior de uma palavra quando antecedida e seguida por sílabas pesadas.

5) Um outro critério que poderia ser utilizado para determinar uma palavra fonológica refere-se à quantidade de pés que uma palavra fonológica do japonês comportaria, a saber,

no máximo dois pés bem formados, isto é quatro moras. Este número não é certamente determinativo, mas conforme vimos em Bekku no capítulo anterior, dois pés formados por duas moras cada corresponderiam a um grupo rítmico bem formado. Podemos dizer que uma seqüência composta por mais de quatro moras formadas por palavras de origem chinesa (kango), se definiria como uma frase fonológica. As palavras de origem chinesa são, em sua maioria, compostas por dois ideogramas (kanji), cada ideograma composto por duas moras, como nos exemplos abaixo:

(27)	katsu yoo 'flexão'	sha kai 'sociedade'	buN poo 'gramática'
(Kanji)	活用	社会	文法
(Kana)	かつ よう	しゃ かい	ぶん ぽう

As palavras de origem chinesa representam, em sua maioria, os nomes dentro do japonês. Os verbos são formados pelos nomes acrescidos do verbo suru 'fazer', como por exemplo em:

(28)	dokusho 'leitura'	-> dokushosuru 'ler'
	benNkyoo 'estudo'	-> beNkyoosuru 'estudar'
	ihaN 'violação'	-> ihaNsuru 'violar'

Quanto às palavras caracterizadas como de origem japonesa, *Wago* (*wa* 'japonês', *go* 'palavra') ou *Yamato kotoba* (*Yamato*, antiga denominação para o Japão, *kotoba* 'palavra'), é difícil determiná-las por meio de número de moras. Os verbos e os adjetivos, em sua maioria de origem japonesa, formam, em conjunto com as partículas flexionáveis (*jodooshi*), as palavras derivadas que ultrapassam o número acima definido para as palavras de origem chinesa. As palavras como *utsukushii* 'belo', *uruwashii* 'formoso', *yorokobu* 'alegrar-se', por exemplo, são palavras que, quando flexionadas para expressar modo e tempo, podem chegar a mais de cinco moras.

Como características da palavra fonológica podemos apontar:

a) possui uma marcação de acento lexical (marcado pela altura do tom) no caso das palavra formada por raiz e por elementos morfológicos polissilábicos. No caso das

palavras monossilábicas constituídas de raiz, o acento é perceptível quando ocorre em conjunto com outras palavras fonológicas que indicam função (as partículas):

- (29) ki 'árvore' + ga 'part. sujeito' =  $\bar{k}i^1ga$   
 ha 'dente' + o 'part. objeto' =  $\bar{h}a^1o$

b) inicia-se com marcação forte (Hattori, 1976; Poser, 1985). Nas palavras formadas por raiz, isso ocorre mesmo quando a segunda sílaba é ocupada por uma sílaba pesada, considerada a portadora de acento tonal. A proeminência em início de palavra corresponderia à marcação de "end-rule" à esquerda e constitui, juntamente com a sílaba pesada, um elemento determinante na estrutura métrica do japonês. Sendo a palavra fonológica o domínio da construção do pé, é, por esse motivo, o domínio do acento de intensidade.

- (30) 'o $\bar{f}$ era 'templo budista'  
 'ma $\bar{n}$ e $\bar{e}$ ku 'convidar'  
 'ne $\bar{i}$ t $\bar{a}$ i 'tropical'  
 'oi $\bar{f}$ ooto 'irmão mais novo'  
 'ko $\bar{i}$ j $\bar{i}$ Nteki 'individual'  
 'as $\bar{a}$ tte 'depois de amanhã'

A marcação mais forte em início de palavras pode também ser verificada em palavras fonológicas constituídas pelos elementos gramaticais polissilábicos, como os sufixos verbais e algumas partículas. Essas palavras não sofrem ajustes nem transformações no nível prosódico superior, quando se juntam a palavras constituídas por raízes, preservando a sua característica de palavra independente, marcada pela sílaba da margem esquerda forte.

- (31) 'otera-'shika 'apenas o templo', de otera 'templo' e shika (part. adverbial)  
 'kaku-'keredomo 'embora escreva', de kaku 'escrever' e keredomo (part. conectora)

No entanto, quando a segunda sílaba dessas palavras gramaticais é ocupada por uma sílaba pesada, como por exemplo: *deshoo*, *daroo*, *simatta*, *masen*, *mashoo*, a sílaba

leve inicial se comportará de forma distinta das palavras de conteúdo ou formadas por raiz. Nestas palavras, a primeira sílaba leve forma um pé degenerado (cf. p.108), mas no caso das palavras formadas por elementos gramaticais, a primeira sílaba formará um pé mal formado, solto.

Com base nas discussões desenvolvidas acima e seguindo o algoritmo proposto por Nespor e Vogel (1986) para a definição da palavra fonológica, podemos determinar a formação desse constituinte para o japonês, como segue:

I. O domínio da palavra fonológica consiste de

a) uma raiz, representada por uma palavra de conteúdo e caracterizada como uma unidade que apresenta uma marcação de proeminência de intensidade na mora inicial;

b) as palavras gramaticais (as partículas) do japonês e as palavras definidas segundo critérios fonológicos (1 a 5) apresentados acima.

II. A construção da palavra fonológica

Reunir em uma palavra fonológica de ramificação n-ária, todos os pés incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio da palavra fonológica.

### 3.4. A frase fonológica

Segundo Nespor e Vogel (1986, pp. 184-5), o domínio da frase fonológica exige informações sobre a representação sintática, como por exemplo, a referência à cabeça do sintagma e à direção em que as sentenças são encaixadas.

Assim, em línguas com sentenças encaixadas à direita, a construção do domínio da frase fonológica se dá da direita para a esquerda, isto é, para os elementos que precedem a cabeça (incluindo a cabeça) dessa sentença. Em línguas que se caracterizam por sentenças encaixadas à esquerda, a construção desse domínio (incluindo a cabeça) se dá da esquerda para a direita dessa sentença. O domínio da frase fonológica do japonês, considerado língua de proeminência à esquerda, é definido por Miyara, 1981 [apud Nespor e Vogel, op. cit., pp. 182-3 (37)] como segue:

*Phonological Phrase: Japanese*

*X (Particle) (Quantifier) (Particle)*

where X is any string that does not contain a particle

em que X seria a cabeça e forma uma frase fonológica com os elementos que lhe seguem até o limite de um outro X.

Seguindo esse parâmetro, podemos construir as frases fonológicas abaixo:

Exemplo:

- (32) Sensei wa subete no hon o yonde ita.  
(professor)(tóp.) (tudo) (de) (livro) (o.d.) (lido) (tinha)  
X (part) (quant) (part) X (part) X (aux)  
'O professor tinha lido todos os livros'.

em que *senseiwa*, *subeteno*, *hoNo* e *yoNdeita* formam uma frase fonológica.

A frase fonológica em japonês é, segundo Miyara, o domínio de marcação do tom, regras de mudança tonal e várias regras segmentais. Como exemplo de regra de marcação do tom podemos apresentar a regra que envolve a melodia tonal do dialeto de Tóquio. Neste dialeto, a marcação tonal das partículas é predizível a partir do tipo de acento que caracteriza uma palavra. Se a palavra é não acentuada, isto é, não possui a marcação de tom alto para baixo, a partícula é marcada por tom alto; se a palavra é acentuada, então a partícula é marcada por um tom baixo. Os exemplos são de Miyara (apud Nespor e Vogel, 1986. p. 183 (38)):

- (33) [I noti kara]<sub>φ</sub> 'da vida'  
[sa kana kara]<sub>φ</sub> 'do peixe'

Este fato decorre, como vimos no Capítulo 1, do fato de que a regra de acento do japonês proíbe tons altos intercalados por um tom baixo (HLH) dentro de uma unidade fonológica.

As regras de redução que, em sua maioria, se caracterizam pela palatalização dos segmentos na posição à direita da cabeça, isto é na fronteira com as partículas que lhe seguem, são do domínio da frase fonológica do japonês, confirmando as considerações de Nespor e Vogel baseadas nos exemplos de Miyara (apud Nespor e Vogel, op. cit., pág. 183, (40)).

Vejamos alguns exemplos:

(33)

- (i) [(hitoride)<sub>ω</sub> (wa)<sub>ω</sub>]<sub>φ</sub> [(suma)<sub>ω</sub> (nai)<sub>ω</sub>]<sub>φ</sub> -> hitoridja sumanai 'sozinho, não moro'  
(ii) [(tabete)<sub>ω</sub> (wa)<sub>ω</sub>]<sub>φ</sub> [(neru)<sub>ω</sub>]<sub>φ</sub> -> tabetja neru 'come e dorme'  
(iii) [(tabe)<sub>ω</sub> (te)<sub>ω</sub> (wa)<sub>ω</sub>]<sub>φ</sub> [(ano)<sub>ω</sub> (hitode)<sub>ω</sub> (wa)<sub>ω</sub> (nai)<sub>ω</sub>]<sub>φ</sub> -> tabetewa anohitodjanai  
'quem come não é aquela pessoa'

Em 3, *tabetewa* é uma frase fonológica (e sintagma nominal) formada por *tabe* 'come', *te* 'pessoa', palavras de conteúdo, e *wa*, partícula, diferentemente do exemplo 2, em que *tabetewa* é uma frase fonológica (e sintagma verbal) formada por *tabete* 'come, comendo' e *wa*, partícula.

Nos exemplos acima, podemos verificar que a cabeça é ocupada por uma palavra fonológica que contém a raiz enquanto que a palavra à direita é formada por palavras gramaticais, o que vem corresponder à estrutura do sintagma em termos sintáticos. Podemos dizer que a redução ocorre à direita de uma frase fonológica, envolvendo palavras gramaticais e sufixos flexionáveis do elemento cabeça. Em uma frase em que a palavra fonológica formada por raiz antecede as partículas como *wa*, *ba*, não ocorre esse tipo de transformação.

Podemos definir a frase fonológica do japonês como segue:

#### I. Domínio da frase fonológica

O domínio da frase fonológica consiste de uma palavra fonológica formada pela palavra de conteúdo que ocupará a cabeça do constituinte (X) e por todas as palavras fonológicas a sua direita, até encontrar uma outra palavra fonológica que ocupa a cabeça da frase fonológica seguinte.

#### II. Construção da frase fonológica

Reunir em uma frase fonológica de ramificação n-ária todas as palavras fonológicas incluídas em uma cadeia delimitada pela definição do domínio da frase fonológica.

#### III. Proeminência relativa da frase fonológica

O nóculo à esquerda é rotulado como *s*. Todos os nóculos irmãos de *s* são rotulados como *w*.

Esta proposta de definição do domínio da frase fonológica do japonês baseada em Nespór e Vogel caracteriza-se como mais precisa do que aquela proposta por Miyara (apud Nespór e Vogel, 1986), cf. abaixo,

*Phonological Phrase: Japanese*

*X (Particle) (Quantifier) (Particle)*

*where X is any string that does not contain a particle*

porque leva em conta o domínio do constituinte inferior e define a proeminência relativa no interior da frase fonológica. Diferentemente de Miyara, na nossa proposta não há necessidade de se enumerar os elementos que compõem uma frase fonológica, porque a própria definição do domínio desse constituinte que incorpora a palavra fonológica consegue delimitar os elementos que vão formar a frase fonológica.

#### **4. Relação entre a mora, a sílaba e o pé na prosódia do japonês**

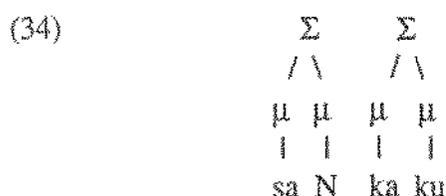
No capítulo anterior, destacamos as insuficiências das propostas de Bekku e de Poser com relação à unidade rítmica pé do japonês, especificamente, na caracterização e construção dessa unidade. Isso envolvia, basicamente, uma falta de determinação do papel da sílaba e a relação com as moras no interior da unidade pé, e uma imprecisão no domínio de construção do pé. Com base na teoria métrica de Hayes e na fonologia prosódica proposta por Nespór e Vogel, procuramos, neste capítulo, fornecer uma caracterização que julgamos mais precisa e ao mesmo tempo mais adequada para o estudo do ritmo do japonês.

Definimos o pé como troqueu moraico em que se leva em conta a quantidade silábica, representada pelas moras. O pé é construído da esquerda para a direita e o domínio da sua construção é a palavra fonológica.

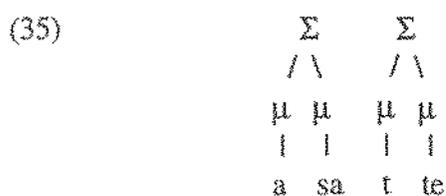
Poser (1990) afirma que o fato de o pé do japonês fazer referência às moras e não às sílabas indicaria uma independência das moras como um constituinte fonológico, colocando em questão o status das moras como subconstituintes das sílabas, uma vez que existem casos em que não ocorre uma coincidência nos limites dos pés, compostos por moras.

Sabemos que esse desajuste ocorre justamente com as sílabas pesadas formadas de duas moras. Essa questão, contudo, não se colocaria se definíssemos a sílaba como uma unidade constituinte do pé, marcando a sílaba pesada como formadora de uma unidade pé.

Podemos dizer que em uma representação em que se destaca apenas a bimoraicidade dos pés, a sílaba poderia não estar presente, porque não se faz referência a ela, como mostra a representação abaixo para *sankaku* 'triângulo':

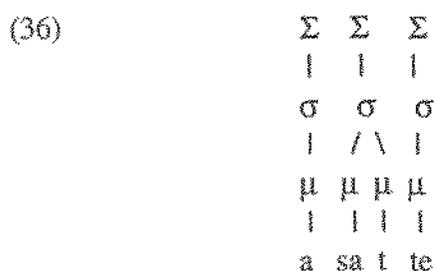


No entanto, esta representação traz inadequações rítmicas em palavras como *asatte* 'depois de amanhã', cuja representação resultaria como:



onde a primeira consoante da geminada (a mora especial) vem ocupar a cabeça do pé, além de separar os constituintes de uma sílaba em pés distintos, contrariando a afirmação de Hayes (1995). Este é o caso em que ocorre a não coincidência entre os limites da sílaba e dos pés de que fala Poser.

Propondo a unidade sílaba, a representação do exemplo acima seria como segue:



Através desta representação podemos verificar que a sílaba exerce um papel de organizador das moras, fato que fica claro nas sílabas pesadas.

Um argumento em favor da sílaba e não da mora como constituinte imediato do pé se baseia no fato de que a análise do pé baseada em moras produziria casos como apresentados por Hayes (1995) para Cahuila, e por Poser (1985, 1990) para o japonês, em

que o resultado final não seria adequado aos dados. Pode-se dizer que, no japonês, esse tipo de desvio ocorreria com as moras longas, já que com moras consonantais e nasais essa ocorrência seria bloqueada pela própria natureza das moras especiais. Essas moras não poderiam ocupar a posição mais forte do pé porque, como moras especiais, não podem ser portadoras de proeminência acentual. O seu papel seria o de uma unidade de peso na sílaba pesada, nos termos definidos por Hyman (1985). Em uma abordagem baseada apenas nas moras perde-se a propriedade acentual característica das sílabas, que possuem a propriedade de dar uma organização rítmica ao japonês. A sílaba seria, assim, uma unidade que ao mesmo tempo organiza as moras no nível inferior e constitui uma unidade pé no nível superior.

Resumindo, a referência à sílaba é necessária para a análise da prosódia do japonês pelos motivos que apresentamos abaixo:

a) a sílaba pesada não apenas determina a quantidade mas é também a organizadora das moras. Considerando os tipos de moras existentes no japonês e a restrição que se impõe à mora não-plena, a sílaba pesada exerce um papel de importância na estrutura do pé da língua como formada por duas moras, das quais a segunda é sempre ocupada por uma não-plena.

b) a sílaba leve como uma unidade monomoraica é portadora de proeminência quando ocupa a cabeça do pé. Considerando que o elemento inicial da palavra de conteúdo em japonês se caracteriza como proeminente, a referência à sílaba leve torna-se necessária nos casos em que a sílaba leve seguida de sílaba pesada ocupa o início da palavra, por exemplo em: *o.sek.kai* 'intervenção'; *ta.niN* 'o estranho'; *o.too.to* 'irmão mais novo'.

Embora a Fonologia Prosódica de Nespore e Vogel assumam que a categoria terminal da hierarquia seja a sílaba, não levando em conta os constituintes Onset e Rima, e os segmentos, podemos dizer que em línguas em que a quantidade influi na construção do pé, a mora mereceria uma referência dentro da hierarquia prosódica<sup>(8)</sup>. Os constituintes Onset e Rima podem ser definidos como elementos da sílaba em modelos esqueléticos e como tal não ocupam um papel dentro da hierarquia prosódica definida em termos de domínio, diferentemente das moras em modelos moraicais, que pertencem ao domínio da sílaba e do pé, como vimos na construção do pé troqueado moraicais.

(Notas)

(1) O constituinte Grupo Clítico que ocupa a posição imediatamente inferior à frase fonológica não será analisado porque o elemento considerado como clítico em japonês, *no*, pode ser definido como uma palavra fonológica, portanto como constituinte da frase fonológica.

(2) Este tipo de formação de verbos é freqüente no japonês, inclusive com o uso de empréstimos, na linguagem falada, como em: *kurikku-suru* 'fazer o clique' ("cliquear", em português); *enjoy-suru*, (de "to enjoy") 'divertir'; *torai-suru* (de "to try") 'tentar'. Entre os japoneses no Brasil, verificamos o emprego de verbos do português na terceira pessoa do singular, tempo presente, acrescidos de *suru*, como em: *estuda-suru* (e não *estudarsuru*) 'estudar'; *vende-suru* 'vender'; *anda-suru* 'andar'.

(3) Em situação de ensino do japonês, os verbos são classificados em três grupos:

- o grupo 1 é formado por verbos que se caracterizam por: a) a forma básica (a forma que aparece no dicionário) terminada em U; b) a raiz do verbo no estilo formal (V+masu), isto é, "na forma em masu", terminada em I; e c) e a raiz da forma negativa informal (V+nai) terminada em A. Os verbos que pertencem a este grupo são aqueles definidos como *yodan katsuyoo* (verbos com quatro variações) na gramática tradicional do japonês.

Exemplos com verbos *yomu* 'ler' e *kaku* 'escrever':

forma básica:	yomU	kakU
forma polida ('forma em masu'):	yomI+masu	kakI+masu
forma negativa informal:	yomA+nai	kakA+nai

- o grupo 2 é formado por verbos que têm: a) a forma básica caracterizada pela terminação em IRU e ERU; e b) a raiz das formas polida e negativa, à qual se juntam masu e nai, formada com a eliminação do RU final. Os verbos que pertencem a este grupo são aqueles definidos como verbos *kami itidan katsuyoo* e *shimo itidan katsuyoo* na gramática tradicional do japonês.

Exemplos com os verbos *okiru* 'acordar' e *taberu* 'comer':

forma básica :	okIRU	tabERU
forma polida ('forma em masu'):	okI+masu	tabE+masu
forma negativa informal:	okI+nai	tabE+nai

- o grupo 3 é formado por verbos: *suru* 'fazer' (e seus compostos) e *kuru* 'vir', considerados verbos irregulares. Estes verbos são definidos na gramática tradicional como verbos *sa-hen* e *ka-hen*.

A determinação (e derivação) das formas que se juntam a partículas (flexionáveis e não flexionáveis) faz-se, basicamente, a partir das três formas apresentadas acima.

(4) Dentro da perspectiva da Gramática Gerativa, a flexão dos verbos é tratada em conjunto com as partículas que expressam tempo e modo, como mostra o quadro abaixo (Kuno, 1973, p. 27 (64)), relativo à flexão dos verbos:

a. Present (or nonpast)	tabe-ru	hanas-u	'eat, speak'
b. Perfect (or past)	tabe-ta	hanas-ita	'ate, spoke'
c. Imperative	tabe-ro, tabe-yo	hanas-e	'Eat, Speak.'
d. Cohortative	tabe-yoo	hanas-oo	'Let's eat, speak.'
e. Continuative	tabe	hanas-i	'eating, speaking'
f. Gerundive	tabe-te	hanas-ite	'eat-and, speak-and'
g. Conditional	tabe-reba	hanas-eba	'if...eat, speak'
h. Perfect conditional	tabe-tara	hanas-ítara	'if...have eaten, spoken'
i. Perfect suppositional	tabe-taroo	hanas-itaroo	'(I suppose)...

(5) Na Gramática Gerativa (Kuno, 1973, p. 28 (65)), a flexão dos adjetivos é como segue:

a. Present	aka-i	'is red'
b. Perfect	aka-kat-ta	'was red'
c. Suppositional	aka-kar-oo	'I suppose...is red'
d. Continuative	aka-ku	'redly'
e. Gerundive	aka-kute	'is red and'
f. Conditional	aka-ke-reba	'if...is red'
g. Perfect Conditional	aka-kat-tara	'if...was (has been) red'
h. Perfect suppositional	aka-kat-taroo	'I suppose...was red'

(6) Embora a maioria das teorias gramaticais do japonês considere os jodooshi (sufixos verbais) como pertencentes ao JI, portanto, palavras gramaticais, podemos dizer que essas palavras poderiam ser consideradas como partes da palavra de conteúdo, formando uma palavra derivacional. Yamada é um dos gramáticos que adota esse tipo de postura para os sufixos verbais. A própria diferenciação que se pretende fazer entre *rashii* como sufixo e *rashii* como jodooshi seria indicativo de que a abordagem dos sufixos não está bem definida. O argumento utilizado para distinguir os dois tipos de *rashii* consiste em que, no caso de sufixo propriamente dito, *rashii* se liga aos nomes formando

um adjetivo e indica o atributo expresso pelo nome, enquanto que como *jodooshi* (sufixo verbal) *rashii* se liga aos verbos, nomes, adjetivos indicando suposição do falante.

(7) Casos deste tipo que podem levar à ambigüidade e à não apreensão imediata do sentido das palavras são freqüentes na linguagem oral do japonês, mesmo que o acento se caracterize como distintiva, dado o grande número de homófonos. Essas imprecisões e ambigüidades são sanadas pelos falantes do japonês, ou através da acentuação ou através do recurso à escrita do ideograma, isto é, ao significado que o kanji representa.

(8) Segundo Inkelas e Zec (1995, nota(3)), alguns pesquisadores não incluem os constituintes pé e sílaba na hierarquia prosódica das línguas, com base no fato de que existem muitas diferenças entre as unidades métricas e aquelas que funcionam como domínios de regras. Para esses pesquisadores, somente os constituintes superiores à palavra fonológica fariam parte da hierarquia prosódica das línguas.

## CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS

### 1. Introdução

Os dados a serem analisados neste capítulo foram extraídos do japonês falado pelos brasileiros e do português falado pelos japoneses.

Os dados do português falado pelos japoneses foram coletados através de entrevistas informais nos anos de 1980-1981, na região de Campinas (SP). Para o presente trabalho selecionamos quatro informantes, vindos para o Brasil antes da 2a. Guerra Mundial com idades entre 10 e 19 anos, todos eles tendo passado pela experiência de convívio com os brasileiros na zona rural. A esses, acrescentamos os dados de um imigrante técnico com formação universitária, que veio ao Brasil no pós-guerra<sup>(1)</sup>. Pelas informações obtidas através das entrevistas e pelo que depreendemos da gravação deste último informante, nenhum desses japoneses esteve sujeito a um aprendizado sistemático e orientado do português no Brasil. A aquisição do português deu-se em contacto direto com os falantes nativos da língua da zona rural, ou, no caso do quinto informante, do meio em que trabalhou.

Os dados do japonês falado pelos brasileiros constituem as falas apresentadas no Concurso de Oratória dos anos de 1991 a 1993, realizado em São Paulo (SP), pelo Centro de Estudos da Língua Japonesa. Dentre os participantes desse Concurso, divididos segundo a proficiência na língua e a ascendência (aqueles que têm ascendência japonesa e aqueles sem ascendência japonesa), escolhemos o grupo de participantes pertencentes ao Grupo C<sup>(2)</sup>, sem nenhuma ascendência japonesa. Selecionamos os dados de quatro informantes para utilizar neste trabalho. Não dispomos de dados pessoais dos informantes, mas podemos dizer, através de informações extraídas da apresentação oral dos mesmos, que eles possuem como características comuns o grande interesse pela cultura japonesa e o contacto com a comunidade japonesa na área em que residem.

Embora a busca de evidências no comportamento dos falantes nativos de uma língua seja um procedimento mais comum na análise lingüística, consideramos que existem fatos

lingüísticos que só se tornam claros e significativos dentro de um comportamento lingüístico desviante do normal, característico da fala de não-nativos. Tanto o português falado pelos japoneses quanto o japonês falado pelos brasileiros nos mostrariam, assim aspectos da língua nativa perceptíveis com maior clareza nos contextos de realização de uma língua estrangeira. Com relação ao japonês, os elementos fonológicos persistentes dessa língua estariam presentes no ritmo que os japoneses impõem ao português, descrito como uma fala aos “soquinhos”, segundo a caracterização de alguns brasileiros. No caso do português, a tendência marcadamente acentual desta língua estaria presente no japonês falado pelos brasileiros, caracterizando uma realização que envolve mudanças na qualidade das vogais e redução das sílabas. Estes dados são importantes porque refletem as características da língua do falante, muitas vezes não previsíveis pela análise contrastiva.

Os dados foram transcritos foneticamente utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional. Foram utilizados os seguintes sinais diacríticos:

- duração: longa (→), média (↷), breve (↶) e brevíssima (↷);
- acento de intensidade: sinal (ˈ) anteposto à unidade acentuada;
- altura do tom: Sinais (ˆ) Alto e (˜) Baixo, sobre a unidade moraiça;
- segmentação na seqüência sonora: pelo sinal (/);
- duração maior dos segmentos: pelo sinal (+) sob o segmento;
- mudança na altura do tom: sinal (ˆ˜) Alto Baixo, e (˜ˆ) Baixo Alto

## 2. O Português falado pelos japoneses

O português falado pelos japoneses se caracteriza por:

(1) epêntese de vogais em ambientes de seqüência consonantal e de sílabas travadas:

grande	<sup>ˆ</sup> g <sup>ˆ</sup> ur <sup>ˆ</sup> ã <sup>ˆ</sup> n/de
comprador	<sup>ˆ</sup> k <sup>ˆ</sup> om/ <sup>ˆ</sup> pur <sup>ˆ</sup> ã/ <sup>ˆ</sup> dor <sup>ˆ</sup> u
Agudos	<sup>ˆ</sup> ag <sup>ˆ</sup> u/ <sup>ˆ</sup> dos <sup>ˆ</sup> u ou <sup>ˆ</sup> a/ <sup>ˆ</sup> g <sup>ˆ</sup> u/ <sup>ˆ</sup> dô <sup>ˆ</sup> tsu
Brasil	<sup>ˆ</sup> b <sup>ˆ</sup> ur <sup>ˆ</sup> a/ <sup>ˆ</sup> zi <sup>ˆ</sup> u

imigrante                    'imi/gurã'n/tʃi

(2) duração maior da primeira consoante em encontros consonantais:

petrobras                    'pɛtro/braz

problema                    'pro/bɾe/ma

imigração                    'imi/gra/soŋ

sofreu                        'so/Φreu

(3) unidades silábicas com durações mais ou menos iguais (presença de sílabas plenas):

continuando                    'kõn/tʃinu/'ãndo

novecento                    'nove/sêto

bebida                        'bebi/da

família                        'Φami/rj'a

são rafael                    'soŋ/raΦa/ε:r

desapropriaram                    'diza/'propri/'aru

Estes exemplos mostram também que as sílabas apresentam uma realização plena (como em: ['kon-tʃi-nu-ã-do]); havendo casos em que uma unidade silábica do português é realizada como duas sílabas (como em: ['Φa-mi-rj'-a], ['soŋ-ra-Φa-ε:-r]).

(4) presença de uma pausa em intervalos de uma a duas unidades silábicas:

imigrado                        'imi/gradu

imigrado                        'imi/gura/do

Catanduva                    'ka/tãn/du:/ua

japonês                        'zapo/nes

algodão                        'arɣo/don

pasteleiro                    'paʃ/sere:/ro

serviço                        'ser/viʃu

alqueire                        'aʃ'kei/ri

ultimamente                   <sup>U U U U</sup> — U  
'uʃ/tʃi'ma/'mên/te

mil novecentos (e) setenta (e) oito           <sup>U U U U</sup> — U   <sup>U</sup> — <sup>U U U U</sup>  
miu/nove/sên/tos/setên/ta/oi/to

(5) acento caracterizado predominantemente pelo acento de altura, havendo casos de mudança de tom no meio da sílaba considerada pesada:

paulista                   <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U U</sup>  
'pau/ri's/ta

aguardente               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U U</sup>  
'ag<sup>w</sup>ar/'dêntʃi

então                   <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'i'n/tõ

(6) presença marcante de acentos lexicais em um enunciado - as palavras tendem a ser realizadas como unidades autônomas com acentuação própria (aqui indicada pelo acento agudo para fazer distinção com o acento ( ' ) que marca a proeminência rítmica):

peguei empreita                   <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'pegéi'empréita

cento(e) sessenta família(s)       <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'sênto'sesênta'hami'ʃi

vinte (e) cinco anos               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'vinti'ʃiŋku'ânus

fazenda Santa Izabel               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'fazênda'sânta'idzabêru

(7) as palavras longas realizadas como dois grupos, cada um portando uma marcação acentual e um contorno intonacional:

jaguariuna                   <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'ʒag<sup>w</sup>ari/'una

empregado                   <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'emp<sup>w</sup>re/'gadu

aguardente               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'ag<sup>w</sup>ar/'dêntʃi

esparramado               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'es/para/'madu

justamente               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'ʒusta/'mentê

desapropriaram               <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup> — <sup>U</sup>  
'diza/'prop<sup>w</sup>ri/'aru

Podemos dizer que as características dos itens 1 a 3 desenvolvidos em um trabalho anterior (Doi, 1983) refletem a influência das moras do japonês, enquanto que as dos itens 5 e 6 mostram a atuação do acento de altura do japonês na realização do português. Neste trabalho pretendemos focalizar a característica apontada em (4): a presença de uma pausa

em intervalos de uma a duas unidades silábicas, que interpretamos como uma atualização do ritmo do japonês.

As realizações dos japoneses caracterizam-se por uma segmentação da sequência sonora em agrupamentos, em sua maioria bimoraicos. Além disso, percebe-se uma atuação muito forte das moras nas unidades silábicas. A primeira consoante de uma sequência consonantal e a coda das sílabas caracterizam-se por uma duração mais longa quando comparadas com as sílabas realizadas pelos brasileiros, o que seria um indicativo de que esses elementos são interpretados como uma mora. A marcação acentual baseia-se na altura de tons. Existem casos em que uma sílaba pesada é portadora de dois tons: Alto e Baixo, como acontece com as sílabas pesadas no japonês.

Uma outra característica se refere a uma tendência muito forte de as palavras serem realizadas autonomamente, em sua maioria com a primeira unidade mais forte, confirmando a proposta de prosodema de Hattori, 1976 (cf. capítulo 2) e a proposta de Poser, 1985 (cf. capítulo 3). As palavras longas também são segmentadas em partes, cada parte com uma marcação acentual.

### 3. O japonês falado pelos brasileiros

O japonês falado pelos brasileiros caracteriza-se pela forte influência do acento de intensidade, como podemos verificar nos exemplos abaixo.

#### (8) acento de intensidade

As unidades de tom alto que fazem limite com uma unidade de tom baixo (HL ou LH) são realizadas com o acento de intensidade. Em outros casos, a marcação acentual da língua é ignorada e a penúltima sílaba da palavra é acentuada.

tomo <sup>1</sup> datʃi	por	<sup>1</sup> to[m̃io]/datʃi	‘colega’;
poruto <sup>1</sup> garu	por	<sup>1</sup> po[r̃u]/toga/ru	‘Portugal’;
na <sup>1</sup> rate	por	<sup>1</sup> na/rã <sup>1</sup> t/te	‘aprendendo’;
ka <sup>1</sup> joteta	por	<sup>1</sup> ka/ʃjot/teta	‘frequentava’;

tʃi'gai            por            tʃi/ŋai            'diferença';

(9) variabilidade na duração das unidades moraicas

Não existe uma uniformidade na duração das moras: as unidades acentuadas do japonês (a última unidade de tom alto da esquerda para a direita) são marcadas com o acento de intensidade e as sílabas adjacentes a elas passam a ser breves ou brevíssimas, muitas vezes sofrendo uma mudança na qualidade vocálica.

muzuka'f̣i:des	por	'muzu/ka/f̣i'i/des	'é difícil'
kã <sup>n</sup> g̣ɛ'kata	por	'kan/ŋae/kã'ta	'modo de pensar'
'ṣɔ̃n̄e <sup>n</sup> ḳɔ̃nmo	por	'ṣãŋ/n̄eŋ/ḳãŋ/mo	'até mesmo por três anos'
hō'to:deska	por	'hōŋ/too/des/ka	'é verdade?'
matʃi'gatemō	por	'matʃi/gã't/temo	'mesmo errando'
ha'kiri	por	'hak/ki'ri	'claramente'

(10) ausência e/ou realização inadequada das moras não plenas:

As características apontadas nos itens anteriores podem ser melhor avaliadas quando tomamos como ponto de referência as unidades compostas pelas moras não plenas. A recorrência de casos indicando uma certa uniformidade no desempenho dos falantes parece indicar uma dificuldade sistemática dos falantes de português na realização das moras não plenas.

A seguir, apresentaremos os exemplos representativos das realizações das moras longas, nasais e consonantais.

(10.1) as moras não plenas não são realizadas, ocorrendo o apagamento total das mesmas (a, b, c, d), ou a incorporação da qualidade da mora (no caso da mora nasal) através da nasalização da vogal que lhe antecede (e, f, g), ou o alongamento da sílaba no caso das moras consonantais e longas.:

(a) ç̣i'koki	por	'ç̣i/kō'o/ki	'avião';
(b) jo'kaide	por	'joŋo/kai/de	'por apresentação';
(c) 'tokjono	por	'toŋo/kjoo/no	'de Tóquio';

(d) <sup>ˊ</sup> datade <sup>ˊ</sup> so	por	<sup>ˊ</sup> dāi <sup>ˊ</sup> /ta <sup>ˊ</sup> /de <sup>ˊ</sup> /so	‘deve ter sido’;
(e) hã <sup>ˊ</sup> ta <sup>ˊ</sup> ni	por	<sup>ˊ</sup> hāi <sup>ˊ</sup> /tai <sup>ˊ</sup> /ni	‘ao contrário’;
(f) <sup>ˊ</sup> sã <sup>ˊ</sup> nē <sup>ˊ</sup> kã <sup>ˊ</sup> n	por	<sup>ˊ</sup> sān <sup>ˊ</sup> /nē <sup>ˊ</sup> /kã <sup>ˊ</sup> n	‘durante 3 anos’;
(g) fu <sup>ˊ</sup> dã <sup>ˊ</sup> no	por	<sup>ˊ</sup> fu <sup>ˊ</sup> /dān <sup>ˊ</sup> /no	‘do cotidiano’;
(h) ze <sup>ˊ</sup> ta <sup>ˊ</sup> i	por	<sup>ˊ</sup> ze <sup>ˊ</sup> /tai <sup>ˊ</sup>	‘absolutamente’;
(i) ha <sup>ˊ</sup> kiri	por	<sup>ˊ</sup> hak <sup>ˊ</sup> /ki <sup>ˊ</sup> /ri	‘claramente’;
(j) <sup>ˊ</sup> mo <sup>ˊ</sup> to	por	<sup>ˊ</sup> mō <sup>ˊ</sup> /t <sup>ˊ</sup> /to	‘mais’

As moras longas nos exemplos (b, c, d) acima não são interpretadas como uma unidade rítmica independente.

Com relação às moras consonantais, podemos dizer, com base nos exemplos (h, i, j) acima que apenas a marcação acentual é feita na unidade anterior ou posterior às moras consonantais. Estes dados podem ser um indicativo de que para o falante de português, somente a marcação acentual é percebida como uma realidade fonética e fonológica.

(10.2) Como realizações inadequadas das moras não plenas apontamos os casos em que elas são realizadas como partes das sílabas: no caso das moras nasais e consonantais como partes da sílaba do tipo CVC e no caso das moras longas, como parte das sílabas longas.

(k) <sup>ˊ</sup> ni <sup>ˊ</sup> hō <sup>ˊ</sup> n <sup>ˊ</sup> gono <sup>ˊ</sup> bē <sup>ˊ</sup> n <sup>ˊ</sup> kjo	por	<sup>ˊ</sup> ni <sup>ˊ</sup> /hōn <sup>ˊ</sup> /ono <sup>ˊ</sup> /bēn <sup>ˊ</sup> /kjoo	‘estudo de japonês’;
(l) hã <sup>ˊ</sup> ta <sup>ˊ</sup> ni	por	<sup>ˊ</sup> hāi <sup>ˊ</sup> /tai <sup>ˊ</sup> /ni	‘ao contrário’;
(m) kã <sup>ˊ</sup> n <sup>ˊ</sup> hã <sup>ˊ</sup> ka <sup>ˊ</sup> ta	por	<sup>ˊ</sup> kān <sup>ˊ</sup> /hãe <sup>ˊ</sup> /kãta	‘modo de pensar’
(n) ip <sup>ˊ</sup> pa <sup>ˊ</sup> i	por	<sup>ˊ</sup> i <sup>ˊ</sup> p <sup>ˊ</sup> /pai <sup>ˊ</sup>	‘cheio’
(o) <sup>ˊ</sup> fu <sup>ˊ</sup> :kã <sup>ˊ</sup> n <sup>ˊ</sup> wa	por	<sup>ˊ</sup> fu <sup>ˊ</sup> /ō <sup>ˊ</sup> /kãn <sup>ˊ</sup> /wa	‘costume’
(p) <sup>ˊ</sup> ni <sup>ˊ</sup> p <sup>ˊ</sup> pō <sup>ˊ</sup> no	por	<sup>ˊ</sup> ni <sup>ˊ</sup> p <sup>ˊ</sup> /pōn <sup>ˊ</sup> /no	‘do Japão’
(q) <sup>ˊ</sup> ni <sup>ˊ</sup> :ke <sup>ˊ</sup> :	por	<sup>ˊ</sup> ni <sup>ˊ</sup> /k <sup>ˊ</sup> /kee <sup>ˊ</sup>	‘nikkei’

(10.3) presença de fonemas na realização das moras consonantais, refletindo uma percepção dessa unidade por parte dos falantes, como por exemplo em:

(r) 'ni?põn	por	'ni/p/põŋ	'Japão';
(s) nip'põ <sup>n</sup> go	por	'ni/p/põŋ/ŋo	'lg. japonesa';
(t) 'to:tẽmo	por	'to/f/tẽmo	'muito';

A presença da glotal ? e da bilabial [p] em [ni?] e [nip] pode indicar a preocupação do falante em marcar a unidade moraica representada ou pela glotal ou pela mesma consoante da mora seguinte. No caso de [ 'nip'põ<sup>n</sup>go] a presença de uma pausa entre os 2 segmentos viria evidenciar a percepção da mora consonantal surda através da interrupção na sequência da palavra. Já no caso de [to:tẽmo] verificamos uma tentativa de representar a mora silenciosa [t] através do alongamento da sílaba que antecede a mora consonantal.

Os exemplos apresentados em 10.2 e 10.3 exemplificam ocorrências frequentes na pronúncia dos aprendizes da língua que já percebem (ou já foram orientados a perceberem) a existência dessa unidade, mas que ainda não conseguem produzi-la de forma adequada.

#### 11) realização de pés métricos;

A influência do português do Brasil na pronúncia do japonês dos brasileiros torna-se marcante em unidades frasais maiores onde se percebe a introdução dessas unidades rítmicas do português do Brasil através da alternância de sílabas tônicas, marcadas pelo acento agudo nos exemplos, como podemos observar em:

omoikíte nihō é iko	'decidi ir ao Japão'
domo arigátogozaimáfita	'muito obrigado
hã <sup>n</sup> taínokotogá takusã arimás	'há muitas coisas contrárias
burádzirutonipõŋnotfigaiga	'a diferença entre o Brasil e o Japão...
zútonihōgonobēŋkjo otsudzuketaitoomomás	'quero continuar estudando o

japonês.'

Através destes exemplos podemos dizer que, considerando-se a conceituação das moras do japonês como Haku (batida), o que caracteriza os dados dos brasileiros é a produção da língua sem essa 'batida' para representar cada uma das moras, principalmente

as moras não plenas. Essas moras acabam sendo incorporadas como parte da mora anterior, adquirindo uma estrutura silábica do tipo CVC do português e apagando-se, com isso, o efeito durativo que a mora deveria ter no enunciado.

O japonês falado pelos brasileiros caracteriza-se por uma realização baseada no acento de intensidade sem levar em conta o caráter durativo da mora. As unidades marcadas pelo tom contíguas àquelas de tom baixo são realizadas como proeminentes.

Quando a característica do japonês baseada na manutenção de um tempo é incorporada na fala, ela é feita sem uma isocronia rítmica que se verifica na seqüência de duas moras.

#### 4. Discussão dos dados

Antes de passarmos à discussão dos dados, apresentamos resumidamente a nossa proposta com relação aos constituintes prosódicos do japonês, discutida no capítulo anterior. A relação que se estabelece entre as moras, as sílabas e os pés na nossa proposta é como segue:

- a mora é uma unidade constituinte da sílaba: a sílaba leve é formada por uma mora plena e a sílaba pesada é formada por uma mora plena mais uma mora não plena;
- a sílaba é uma unidade constituinte do pé rítmico;
- o pé é um troqueu moraico: o pé rítmico formado por duas moras (que podem pertencer a duas sílabas leves ou uma sílaba pesada) é construída da esquerda para a direita dentro da palavra fonológica.
- a palavra é domínio de construção do pé rítmico: a palavra fonológica é portadora de uma marcação forte no limite à esquerda e constitui o domínio do acento da língua.

Com base nestes elementos é nosso objetivo desenvolver a análise dos dados relacionados com a organização rítmica e a sua relação com a sílaba e a mora.

#### 4.1. Bimoraicidade

Ao analisarmos os dados do português falado pelos japoneses, verificamos com frequência casos de realizações segmentadas em grupos de unidades (marcada por /), como nos exemplos abaixo:

- (12) 'imi/gura/do' 'imigrado'  
'imi/grã/son' 'imigração'  
'ka/tã/du:/va' 'Catanduva'  
're/par/ti:mo' 'repartimos'  
'diza/pro/pri/aru' 'desapropriaram'  
'ser/visu' 'serviço'  
'kiro/me:/toru' 'quilometro'  
'pau/ri/s/ta' 'paulista'  
'sek/koş/morja/do' 'secos e molhados'  
'sã/pau/ro' 'São Paulo'  
'dis/tã/sia' 'distância'  
'miu/novẽ/sẽntus/setẽn/ta/oi/to' 'mil novecentos e setenta e oito'

As palavras são segmentadas em grupos que variam, na maioria dos casos, de uma a duas sílabas dependendo da constituição das sílabas: o grupo é normalmente formado de duas sílabas quando elas são de tipo V ou CV, ou de uma sílaba, quando essa sílaba possui a estrutura CCV ou CVC.

Podemos dizer que a segmentação presente nestes dados extraídos da fala dos japoneses reflete a unidade rítmica do japonês, em que cada grupo estaria representando o pé rítmico do japonês caracterizado pela bimoraicidade (cf. Bekku, 1977; e Poser, 1985 e 1990). Verificamos também que as sílabas pesadas são consideradas como uma unidade rítmica confirmando o papel que atribuímos à sílaba pesada do japonês como um pé rítmico formado de duas moras. Essas sílabas caracterizam-se por uma coda com uma duração maior em alguns casos e que poderia ser interpretada como correspondente a uma unidade mora do japonês, formando uma unidade bimoraica.

Da mesma forma que verificamos uma duração mais longa nas codas, os exemplos abaixo (13) em que a primeira consoante possui uma duração mais longa poderiam ser indicativos de que esse segmento é interpretado como uma mora, como um ocupante de um tempo moraic. Nesse sentido, embora a primeira consoante não seja representada como uma mora, ela reflete a estrutura a que a sílaba estruturada por CCV corresponderia: uma unidade formada por duas moras CVCV.

- (13) petrobras             $\overset{\wedge}{p\acute{e}}/\overset{\wedge}{t\acute{r}o}/\overset{\wedge}{b\acute{r}az}$   
 imigração             $\overset{\wedge}{i\acute{m}i}/\overset{\wedge}{g\acute{r}a}/\overset{\wedge}{s\acute{o}n}$   
 sofreu                 $\overset{\wedge}{s\acute{o}}/\overset{\wedge}{f\acute{r}e}\overset{\wedge}{u}$   
 problema             $\overset{\wedge}{p\acute{r}o}/\overset{\wedge}{b\acute{r}e}/\overset{\wedge}{m\acute{a}}$

Os casos em que se verificam as epênteses nesses ambientes (14) indicando claramente a presença de uma mora estão restritos a uma fala mais pausada, de alguns falantes (Doi, 1983).

- (14) comprando             $\overset{\wedge}{k\acute{o}m}/\overset{\wedge}{p\acute{u}r\acute{a}n}/\overset{\wedge}{d\acute{u}}$   
 imigrado                 $\overset{\wedge}{i\acute{m}i}/\overset{\wedge}{g\acute{u}r\acute{a}}/\overset{\wedge}{d\acute{o}}$

Estes dados vêm mostrar a inadequação da proposta de análise do japonês baseada apenas em moras, definidas como unidade de ritmo da língua (Kindaichi, 1967 e outros), considerando que a organização rítmica que se percebe nos dados não é estruturada em unidades moraic isoladas. Podemos dizer que a proposta de bimoraicidade de Bekku é consequência da apreensão dessa característica do japonês. Com base nesta proposta, cada unidade rítmica pode ser explicada em termos de bimoraicidade, mas não explica os casos em que o primeiro agrupamento da palavra é formado por uma mora, como é o caso de

- (15)  $\overset{\wedge}{k\acute{a}}/\overset{\wedge}{t\acute{ã}n}/\overset{\wedge}{d\acute{u}}/\overset{\wedge}{v\acute{a}}$             Catanduva  
 $\overset{\wedge}{\acute{a}}/\overset{\wedge}{g\acute{u}}/\overset{\wedge}{d\acute{o}}\overset{\wedge}{s\acute{u}}$             Agudos  
 $\overset{\wedge}{g\acute{u}}/\overset{\wedge}{r\acute{ã}}/\overset{\wedge}{\eta}/\overset{\wedge}{d\acute{e}}$             grande  
 $\overset{\wedge}{r\acute{e}}/\overset{\wedge}{p\acute{a}r}/\overset{\wedge}{t\acute{í}m\acute{o}}$             'repartimos'

Segundo essa proposta, a unidade rítmica é construída por duas moras a contar do início de uma seqüência sonora, podendo acarretar análises em que a primeira mora do

grupo rítmico venha a ser ocupada por uma mora não plena, como vimos em Bekku, no capítulo 3. Mesmo considerando as diferenças no português e no japonês, o fato de que nos dados do português falado pelos japoneses não existe nenhum caso de segmentação como cata/ndu/va; agu/udo/su; gura/nde, etc. seria um indicativo de que os elementos que corresponderiam, em japonês, às moras não plenas (as nasais e a vogal longa) não ocupam a posição de cabeça do grupo rítmico.

Diferentemente da proposta que analisa a língua com base apenas em moras, a proposta que incorpora a sílaba como uma unidade fonológica do japonês (Hattori, McCawley, Kubozono) dá conta dos agrupamentos formados por uma mora plena e uma mora não plena definindo-os como uma sílaba pesada. Com base nas sílabas, os exemplos acima seriam analisados como segue:

(16) ca/tan/duva      a/gu:/dosu              gu/ran/de              re/par/timo  
          s / s / s s      s / s / s s              s / s / s              s / s / s s

Esta proposta baseada em sílaba apresenta como ponto positivo a restrição que impõe à sílaba pesada, não permitindo que essa unidade seja desmembrada em duas partes, cada parte pertencendo a um agrupamento rítmico, mas não explica a representação não uniforme das unidades rítmicas formadas ou por uma ou por duas sílabas.

Um exemplo que verificamos na fala de um informante vem ilustrar a segmentação rítmica que caracteriza o desempenho de um japonês. Uma realização como [imigu imi/gura/do] em que se verifica a interrupção de uma palavra seguida de uma repetição dessa mesma palavra com uma organização distinta, mostra que houve um rearranjo rítmico nessa seqüência sonora.. Segundo a nossa interpretação, a seqüência [imigu] foi interrompida porque não correspondia à segmentação rítmica a que o falante está acostumado, sendo imediatamente corrigida por [imi/gura/do] onde se pode verificar a organização bimoraica no interior da palavra.

Com relação à segmentação das palavras em grupos rítmicos, os dados do português falado pelos japoneses vêm comprovar o que propusemos como pé rítmico: as palavras são divididas da esquerda para a direita em unidades formadas por duas moras. Quando a segunda unidade da palavra é uma sílaba pesada, essa sílaba forma um pé bimoraico, como observamos nos exemplos:

(17)	Catanduva	'ka/tân/du:/va
	repartimos	're/par/tfimo
	Agudos	'a/gu:/do su
	grande	'gu/rã ŋ/de

Segundo a nossa proposta, os grupos bimoraicos se definem como pés troqueus moraicos. Consideramos que esta análise dá uma explicação adequada aos casos que verificamos no português dos japoneses porque incorpora tanto as informações relativas à bimoraicidade quanto aquelas relacionadas com o peso silábico. Com base nesta proposta, as sílabas pesadas formadas por duas moras constituem elas próprias um pé sendo, assim, portadoras de um papel na organização rítmica da língua. Nesta proposta, a sílaba tem um papel de organizadora das moras para a formação do pé rítmico. Com isso consegue-se explicar o papel equivalente entre as duas sílabas leves e uma sílaba pesada, assim como os agrupamentos resultantes das análises em unidades rítmicas feitos pelos falantes japoneses, dos enunciados em português. Quanto às sílabas leves iniciais (ca, re, a, gu, nos exemplos acima) que precedem a sílaba, elas constituem os pés degenerados como definimos no capítulo anterior.

Os dados analisados que se caracterizam por uma segmentação bimoraica mostram uma fala baseada nos padrões fonológicos do japonês. Podemos, por outro lado, afirmar que o japonês falado pelos brasileiros se caracteriza como desviante do japonês falado pelos nativos justamente pela ausência de uma organização em grupos bimoraicos. Os casos representativos do japonês falado pelos brasileiros são de dois tipos: a) aqueles cuja realização se caracteriza como silabificada, como podemos ver em (18); e b) aqueles cuja realização se caracteriza pela marcação acentual de proeminência, como podemos verificar nos exemplos em (19).

Verificamos nos exemplos abaixo uma preocupação dos falantes em realizar a língua por meio de moras, unidades de duração igual conforme o que se propõe comumente para o japonês.

- (18) wakateki'mafita por 'wa/ka't/te/'kima /ʃita 'comecei a entender  
 norimafita por 'nori/maʃi/ta 'tomei (uma condução)  
 taiʃokuki<sup>n</sup>o'mote por 'tai/ʃoku/kij/ō/'mot/te 'levando a aposentadoria'  
 rjokosurukotonifimafita por 'rjo/koo/suru/koto/ni/'ʃimā/ʃita 'resolvi  
 viajar'

O resultado desviante dessas realizações seria uma evidência de que o ritmo do japonês não se organiza com base apenas em moras mas com base em pés bimoraicos. Além disso, os exemplos acima mostram uma realização que não corresponde à dos japoneses porque a organização baseada em grupos bimoraicos, como aquela que verificamos no português dos japoneses, está ausente nesses dados. O agrupamento bimoraico que se verifica no português dos japoneses vem, dessa forma, indicar que se trata de uma característica rítmica do japonês, sem a qual o desempenho do japonês resulta desviante do padrão prosódico da língua, como observamos nos dados do japonês falado pelos brasileiros.

Os exemplos abaixo caracterizam, por outro lado, o japonês falado pelos brasileiros como fortemente marcado pelo acento de intensidade. São realizações totalmente desviantes do que se espera em japonês porque apresentam uma duração heterogênea das unidades silábicas, redução silábica e alterações na qualidade dos segmentos vocálicos.

- (19) muzukaʃi:des por 'muzu/ka/ʃiʔi/des 'é difícil'  
 'sʃnē<sup>n</sup>kʃnmo por 'sāln/nēj/kān/mo 'até mesmo por três anos  
 hō'to:deska por 'hōʔn/too/des/ka 'é verdade?'  
 matʃi'gatemo por 'matʃi/gāʔt/temo 'mesmo errando'  
 ha'kiri por 'hak/kiʔri 'claramente'  
 kʃ<sup>n</sup>gʃe'kata, kān'ŋaʔkata por 'kan/ŋae/kāʔta 'modo de pensar'

Estes exemplos serão analisados como dados que envolvem a estrutura da sílaba do japonês e a sua relação com a mora.

### 4.3. A mora e a estrutura da sílaba

Evidências de que a unidade mora é relevante na fonologia do japonês podem ser verificadas com frequência no português falado pelos japoneses. Os casos mencionados na seção 4.1 acima, sobre a bimoraicidade, em que o constituinte da coda ou a primeira consoante dos grupos consonantais têm uma realização mais longa, refletem o papel que essa unidade exerce na fala dos japoneses. Além disso, a marcação tonal no interior das sílabas pesadas, como nos exemplos abaixo, mostra não apenas a influência do acento de altura do japonês mas também o papel que as moras, como uma unidade autônoma portadora de tom, exercem na fala dos japoneses.

- (20) paulista                     $\hat{\text{pau}}/\text{r}^{\text{v}}\text{s}/\text{t}\hat{\text{a}}$   
 aguardente                  $\hat{\text{ag}}^{\text{w}}/\text{ar}/\text{d}\hat{\text{e}}^{\text{v}}\text{nt}\hat{\text{ji}}$   
 então                          $\hat{\text{t}}\text{u}/\text{t}\hat{\text{o}}$

O japonês falado por brasileiros, por sua vez, soa estranho justamente pela ausência dessa marcação temporal representada pelas moras não plenas como vimos nos exemplos (10.1, 10-2 e 10-3) acima, do japonês falado pelos brasileiros.

Se, na teoria silábica, são as moras, determinadas pela bifurcação da rima ou pelo preenchimento da coda, que influem na duração de uma sílaba pesada, no caso do japonês as propriedades inerentes às moras como a autonomia temporal acaba se perdendo sob o domínio dos constituintes da sílaba. A atribuição da posição de coda para as moras não-plenas apagaría o seu status de elemento autônomo na seqüência sonora. Este tipo de estruturação levaria a realizações características do japonês falado pelos brasileiros, como mostram os dados abaixo:

- (21)  $\text{s}\hat{\text{a}}\hat{\text{n}}\hat{\text{e}}\hat{\text{k}}\hat{\text{a}}\hat{\text{m}}\hat{\text{o}}$     por     $\hat{\text{s}}\hat{\text{a}}\hat{\text{n}}/\hat{\text{n}}\hat{\text{e}}\hat{\text{n}}/\hat{\text{k}}\hat{\text{a}}\hat{\text{n}}/\hat{\text{m}}\hat{\text{o}}$     'até mesmo por três anos'  
 $\text{f}\hat{\text{o}}\hat{\text{k}}\hat{\text{a}}\hat{\text{i}}\hat{\text{d}}\hat{\text{e}}$     por     $\hat{\text{f}}\hat{\text{o}}\hat{\text{f}}\hat{\text{o}}/\hat{\text{k}}\hat{\text{a}}\hat{\text{i}}/\hat{\text{d}}\hat{\text{e}}$     'por apresentação'  
 $\text{z}\hat{\text{e}}\hat{\text{t}}\hat{\text{a}}\hat{\text{i}}$     por     $\hat{\text{z}}\hat{\text{e}}\hat{\text{f}}\hat{\text{i}}/\hat{\text{t}}\hat{\text{a}}\hat{\text{i}}$     'absolutamente'  
 $\text{h}\hat{\text{a}}\hat{\text{k}}\hat{\text{i}}\hat{\text{r}}\hat{\text{i}}$     por     $\hat{\text{h}}\hat{\text{a}}\hat{\text{k}}/\hat{\text{k}}\hat{\text{i}}\hat{\text{r}}\hat{\text{i}}$     'precisamente'  
 $\text{d}\hat{\text{a}}\hat{\text{n}}\hat{\text{s}}\hat{\text{e}}$     por     $\hat{\text{d}}\hat{\text{a}}\hat{\text{n}}/\hat{\text{s}}\hat{\text{e}}$     'homem'

Estes dados mostram que as moras não-plenas são realizadas no japonês de brasileiros ou como ocupantes da coda no caso das nasais como em *danse*., ou ainda

nasalizando a vogal que lhe antecede, como em *sãnekãmo*. No caso das moras longas, elas acabam sendo realizadas como integrantes da vogal longa, como em *danse:*, *fokaide*. As moras consonantais acabam sendo totalmente apagadas, como por exemplo em *zetai* e *hakiri*, porque não existem, no padrão silábico do português, casos em que a coda da sílaba anterior e o onset da sílaba seguinte sejam ocupados por uma oclusiva surda. Casos deste tipo são significativos na análise de características de uma língua. Estes exemplos são significativos para “diagnosticar” os aspectos segmentais e prosódicos característicos de uma língua que são de difícil percepção e realização por parte de falantes não nativos. Através de realizações desviantes é que se percebem os padrões característicos de uma língua.

Os dados do português falado pelos japoneses apresentam, por outro lado, exemplos do papel que as moras não plenas ocupam na fonologia do japonês. Os elementos que ocupam a coda na sílaba do português passam a ser realizados como uma sílaba decorrente ou da epêntese de uma vogal ou da atribuição de silabidade aos segmentos da coda. Além disso, a atribuição de uma duração mais longa ao segmento da coda (como em *ben-deu*) poderia ser interpretada como um indicativo de que esse segmento apresenta “resquícios” da mora, para os falantes de japonês.

- (22) 'ben/deu                    'vendeu'  
       'ãgũ:/dõ su                'Agudos'  
       'sek/kos/morja/dõ        'secos e molhados'  
       'sin/koẽ'n/ta'ano        'cincoenta anos'  
       'ur/tjima/'mẽn/te        'ultimamente'

Para o japonês, a unidade mora como representativa da unidade de tempo é importante na constituição da unidade de ritmo organizada em pés bimoraicos, como se procurou demonstrar ao longo deste trabalho.

#### 4.2. Caracterização das palavras

No desempenho dos japoneses, as palavras se destacam como uma unidade autônoma marcada por um acento como se pode verificar nos dados abaixo:

(23) peguei empreita	'pɛgɛi/ɛmprɛita
cento (e) sessenta família(s)	'sɛnto/sesɛnta/'hamirjã
vinte (e) cinco anos	'vinti/'ɕĩŋku/'ânus
fazenda Santa Izabel	'hazɛnda/'sãnta/'idzabɛru

Embora este fato possa ser tomado como característica da fala daqueles não proficientes na língua, considerando que os aprendizes de uma língua possuem uma tendência a realizar a língua de forma segmentada em palavras, achamos que este caso decorre da característica acentual do japonês, conforme pesquisa desenvolvida por Sugito (1989). Ao analisar a leitura de um texto em inglês por falantes nativos de inglês e por falantes de japonês, Sugito observou uma tendência destes últimos em atribuírem uma marcação acentual a todos os itens lexicais sem considerar os grupos sintagmáticos como um todo.

Estes dados podem ser uma evidência de que, em japonês, o domínio do acento é a palavra, considerando-se que o acento do japonês tem a propriedade de dar unidade às palavras.

Os casos apresentados em (7), repetidos abaixo como (24), em que as palavras longas são realizadas como dois ou três agrupamentos, cada um com uma marcação acentual e um contorno entoacional, poderiam indicar que cada um desses agrupamentos possui um estatuto de uma palavra fonológica.

(24) jaguariuna	'ʒagʷari/'una
empregado	'ɛmpre/'gadɔ
aguardente	'agʷar/'dɛntʃi
esparramado	'ɛs/'para/'madɔ
justamente	'ʒusta/'mente
desapropriaram	'diza/'propɾi/'aru

Embora na determinação da palavra fonológica do japonês a informação semântica da palavra em termos de palavras de conteúdo e palavras gramaticais seja decisiva, a segmentação acima que parece representar uma palavra fonológica se baseia em termos puramente fonológicos, baseado no número de moras e na presença de uma marcação

acentual em início de uma sequência. O caso específico de [es] de *esparramado* seria explicado com base na bimoraicidade presente na sílaba pesada *es* formada por *e* e *s* (em que *s* seria interpretado como uma representação silábica da mora *su*), como vimos em 4.1 acima. O agrupamento formado por *es* corresponderia, assim, a uma palavra fonológica formada por um pé bimoraico.

Considerando que cada unidade é portadora de um acento na unidade inicial, estes casos representam as palavras fonológicas do japonês conforme definição proposta com base na Fonologia Prosódica e no conceito de prosodema de Hattori (1976).

## NOTAS

(1) Devo a gravação deste informante à Profa. Maria Bernadete Marques Abaurre

(2) Os candidatos que participam desse Concurso são divididos em três categorias: Grupos A, B e C. Os candidatos que concorrem no grupo A e B são descendentes de japoneses sendo diferenciados na sua proficiência da língua : os do grupo A são mais proficientes, com vários anos de estudo de japonês. Já os candidatos selecionados para o grupo C são representados por brasileiros não descendentes de japoneses. O tema desenvolvido é de livre escolha do candidato.

## CAPÍTULO 6. - CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS

### 1.Introdução

Este capítulo tem como objetivo apontar uma questão relacionada com o ensino da língua, baseada no pressuposto de que a orientação fonética da língua deve estar apoiada não apenas no conhecimento da fonologia e da fonética da língua mas também na necessidade de re-interpretar os resultados das pesquisas lingüísticas, principalmente de cunho fonético.

Existe ainda um consenso generalizado no ensino de japonês de que para se alcançar uma realização adequada do japonês oral, basta que as unidades correspondentes ao kana, isto é, as moras, sejam realizadas com uma duração mais ou menos igual. As moras são, dessa forma, definidas como unidades de duração, e a orientação que se costuma dar aos professores da língua é a de que se oriente o aprendiz a realizar cada unidade mora com uma duração uniforme.

### 2. A questão

É comum verificarmos entre os alunos brasileiros de japonês realizações de /watashi/ [wa<sup>1</sup>taʃi] 'eu' como [w3 'taʃi] onde se observa uma elevação da vogal da sílaba que precede a sílaba com tom alto, e o tom (a mudança do tom em /ta/) é marcado por um acento de intensidade. Embora casos deste tipo sejam freqüentes no japonês dos brasileiros, parece-nos que o ensino do aspecto sonoro da língua é pouco valorizado, principalmente no contexto brasileiro, sob a alegação de que os segmentos são semelhantes aos do português não oferecendo, portanto, problemas aos aprendizes brasileiros. Além disso, considera-se que, dada a não existência de uma proeminência acentual, mudanças na qualidade vocálica e variabilidade na duração de cada unidade rítmica, esta língua não ofereceria problemas

para os aprendizes. A ausência dessas mudanças (que dá uma impressão de maior simplicidade à realização da língua) acarreta, no entanto, problemas para os falantes de língua acentual, justamente pela dificuldade em controlar essa uniformidade sem um ponto de apoio. Consideramos que esta postura seria decorrente de um exame contrastivo superficial em que se comparam apenas o sistema sonoro de ambas as línguas (o português e o japonês) sem considerar a área de atualização mais ampla em termos rítmicos.

As pesquisas relativas à sílaba em situação de contacto de línguas tinham como objeto de estudo as línguas com estrutura silábica complexa, como é o caso do inglês. Assim, trabalhos como o de Tarone (1987) mostram os problemas de queda de segmentos consonantais ou de epêntese de vogais nas seqüências consonantais, levando-a a afirmar que a preferência universal das línguas é pela estrutura CV.

No caso do japonês, CV é a estrutura silábica básica e predominante da língua, mas a sua realização tem sido objeto de problemas por parte de falantes de português cuja estrutura silábica é mais complexa do que a do japonês. Este fato é sugestivo para mostrar que a complexidade na estrutura silábica da língua não constitui um único problema em estudos que envolvem o contacto de línguas. Achamos que não basta uma realização adequada das unidades silábicas de maneira isolada se o falante não possui um controle dessas unidades no interior de um enunciado rítmico.

### 3. As moras especiais

Concordamos com Han (1992) que, em situações de ensino de japonês, o professor depara com dificuldades na realização das moras especiais por parte dos alunos. Não seria exagero dizer que o desempenho do japonês falado pelos estrangeiros pode ser avaliado com base na realização das moras especiais da língua.

O japonês falado pelos brasileiros apresenta uma riqueza de casos desviantes na realização das moras não plenas (Doi, 1995), como podemos ver nos exemplos abaixo onde ocorrem o apagamento das moras nasais e principalmente das moras consonantais:

(1)	ha'taĩpi	por	haĩ̃taip̃i	'ao contrário';
	ze'tai	por	zeĩ̃ttai	'absolutamente';
	ha'kiri	por	haĩ̃kkiri	'claramente';
	'moto	por	mōĩ̃tto	'mais
	i'pai	por	iĩ̃ppai	'cheio'
	'datadefo	por	daĩ̃ttadefo:	'deve ter sido'

Podemos dizer que as pesquisas sobre as moras do japonês preocupam-se primordialmente com a determinação da realidade fonética das mesmas relacionadas com a duração (Port,T. et alii, 1980; Beckman, 1982; Port,T. et alii, 1987; Sugito, 1989; Han, 1992; Sato, 1993). Destas, as três últimas direcionam a atenção para as moras especiais do japonês. As pesquisas de Sugito e de Han, de cunho fonético, caracterizam-se pelo interesse voltado para o ensino da língua relacionado com as moras especiais, consideradas de difícil realização pelos estrangeiros.

O trabalho de Sugito consiste em analisar o comportamento das "sílabas do japonês consideradas como uma unidade de duração denominada *Haku*, dentro de um contexto de fala natural diferentemente das pesquisas anteriores cuja análise se baseava em realizações cuidadosas" (p.155).

Através do exame espectrográfico das palavras em inglês "*runner, batter, pitcher, set, curve, ball, strike e straight*" realizadas pelos falantes nativos do inglês, e a sua pronúncia correspondente em japonês, como palavras estrangeiras, "[ra-n-na-a], [ba-t-ta-a], [pi-t-tSa-a], [se-t-to], [ka-a-bu], [bo-o-ru], [su-to-ra-i-ku] e [su-to-re-e-to]", a autora chega à conclusão de que a diferença existente entre essas duas pronúncias reside na organização silábica e na duração dos sons que estruturam essas palavras. Determinada a realidade fonética dessas moras, Sugito diz que, fonologicamente, a distinção pode ser alcançada por meio da percepção da duração dessas moras no interior das palavras e do enunciado. Conforme o experimento em que a diferença na duração entre as moras especiais e os segmentos simples das palavras em [oi]-[ooi], [ise]-[isse], [ita]-[itta], [ama]-[amma] oscila, em média, entre 0.141 sec. a 0.169 sec, percebe-se uma palavra com três moras (e não

formada de duas moras). Isto indica, segundo a autora, que a percepção das moras especiais é dependente da duração desses sons. Segundo Sugito, para os falantes de uma língua que não possui uma distinção de duração em termos fonológicos, torna-se difícil uma realização que se baseia no controle de duração.

Através desta análise das moras especiais que inclui também a relação com o acento em alguns dialetos do japonês, a orientação da autora para o ensino consiste em dizer que “não há necessidade de se preocupar além do necessário para a pronúncia das moras longas, nasais e consonantais consideradas problemáticas no ensino de japonês” (p. 175). Além disso, “seria efetivo e necessário ensinar essas moras como sílaba do japonês que se baseia na *duração*, o *haku*, apreendendo-as como uma questão interessante que representa de maneira direta a característica da *sílaba* do japonês” (p. 175). Mas, o professor de japonês deve conhecer “a estrutura dupla da sílaba do japonês”, de um lado, para conhecer a realidade da sílaba do japonês falado, e de outro lado, para ter uma “medida” de uso comum entre as línguas do mundo no contexto de ensino de línguas. Finalmente, para o ensino de japonês, Sugito considera que é mais apropriado basear-se em *haku* (unidade de duração) como uma unidade básica do japonês, do que valer-se da dupla estrutura sílaba e mora.

Consideramos que estas “sugestões” não acrescentam nenhuma informação ao já conhecido dentro do ensino de japonês.

Dentro da mesma perspectiva, temos também a pesquisa de Han que consiste em analisar o controle de tempo das consoantes geminadas e simples do japonês.

Segundo Han, existem dois tipos de pesquisas, que têm como objetivo dar suporte a ou negar a mora como uma unidade abstrata do japonês, para determinar a duração das consoantes geminadas em relação às consoantes simples: a) aquele que afirma que a diferença é da ordem de 3:1; e b) aquele que afirma que a diferença é de 2:1.

A teoria tradicional da mora que propõe a diferença da ordem de 3:1 afirma que a primeira porção da consoante geminada é uma consoante silábica ou moraica e ocupa a duração de uma mora. Conforme esta teoria, uma consoante geminada é composta de uma consoante moraica mais uma consoante simples, com uma duração duas vezes maior do que a consoante simples. Em oposição a esta teoria, Beckman (1982) rejeita a mora considerando que a diferença na duração entre geminadas e simples é mais baixa do que se

propõe comumente, quando se considera o Voice Onset Time (VOT) na análise das consoantes obstruintes. A posição de Beckman, que considera o VOT parece mais precisa em termos fonéticos porque leva em conta a atualização real das consoante geminadas e não-geminadas.

Para determinar se as durações dos segmentos fonéticos são controladas apenas por regras fonéticas universais, Han faz uma análise contrastiva acústico-fonética dos falantes nativos e falantes americanos de japonês e chega à conclusão de que a pronúncia dos americanos se caracteriza pela ausência de contraste fonológico entre os dois tipos de consoantes, ou, quando há tentativa de fazê-lo, pelo recurso de dobrar a duração das oclusivas simples, conforme o hábito em inglês.

Segundo Han, existe uma diferença na realização das consoantes geminadas do japonês entre falantes nativos e falantes americanos fluentes nesta língua: o resultado dos falantes nativos é da ordem de 2,8:1,0; enquanto que na fala dos americanos existe uma variabilidade na duração dessas consoantes, o que sugere, segundo Han, a ausência de controle de tempo entre os falantes americanos.

A relação temporal na razão de 2,8:1,0 entre as consoantes não vem, no entanto, explicar a causa dessa diferença; segundo Han, existiriam outras regras de controle de tempo que viriam controlar a duração dos segmentos para atingir o ritmo da língua que ela considera moraico.

A sugestão de Han, segundo a qual as consoantes geminadas devem ser realizadas com uma duração três vezes maior do que as consoantes simples, não tem, como espera a autora, “um mérito prático e pedagógico” (p. 126), dada a dificuldade em fazer o controle nessa proporção.

Tanto Sugito quanto Han mencionam a necessidade de controle de tempo para que as moras do japonês sejam realizadas adequadamente, mas sabemos que sem conhecimento de um mecanismo que leva a esse resultado concreto, torna-se difícil efetivar esse controle do tempo. O recurso à medida de duração para compreender a maneira pela qual os falantes nativos do japonês fazem o contraste entre as moras plenas e as moras não plenas, mais especificamente entre as consoantes geminadas e simples, reflete apenas a análise do resultado de uma realização. Para aqueles que se dedicam ao ensino da língua oral, importa

conhecer o mecanismo que leva a esse resultado analisado em termos de duração. A própria sugestão para o ensino proposta por Sugito e Han, mesmo com a riqueza da análise, mostra a dificuldade na aplicação direta dos resultados para esse fim.

A apreensão e a conseqüente realização da mora baseada em “batidas” (reais ou imaginárias), recurso já utilizado na prática pelos professores da língua, representa uma forma de deslocar o resultado da análise do produto para a perspectiva da produção. Além de as unidades morais se tornarem de apreensão (e de realização) mais concreta, este procedimento possui a vantagem de fazer uma marcação dentro de um enunciado fonológico.

#### **4. Implicações para o ensino**

Em manuais de ensino de japonês ou em cursos sobre a fonética da língua a referência à característica rítmica do japonês baseia-se apenas na isocronia das moras. A sugestão prática que decorre dessa postura é de que a orientação a ser dada aos aprendizes se deve basear na realização de cada unidade com uma duração aproximadamente igual.

Esta posição é decorrente da apropriação direta dos resultados de trabalhos fonéticos, onde a duração das unidades é destacada como resultado da medição realizada em aparelhos específicos. Trata-se de uma postura simplificadora por parte do profissional que tenta incorporar o resultado das pesquisas na área de ensino sem grandes preocupações com o aspecto da produção da língua. Achamos que é de pouco valor fazer com que o aprendiz seja informado das características da língua se não se orienta a sua realização.

A adoção de resultados de uma pesquisa realizada segundo uma postura teórica e que teve como objetivo a descrição ou a compreensão de um fenômeno lingüístico nem sempre é adequada para uma transposição direta e imediata ao contexto de ensino da língua, havendo necessidade de uma re-interpretação desse conhecimento para se chegar à produção desses fatos lingüísticos. A ausência dessa re-interpretação traz como conseqüência realizações como aquelas que verificamos nos dados de falantes do português,

caracterizadas por uma fala silabificada com uma seqüência de unidades com durações mais ou menos iguais, sem uma organização rítmica, conforme exemplos abaixo:

(2)

$\widehat{waka}$   $\widehat{teki}$   $\widehat{mafita}$  por  $\widehat{wa/ka}^{\vee} \widehat{te/kima}^{\vee} \widehat{fita}^{\vee}$  'comecei a entender'  
 $\widehat{taijokuki}^{\vee} \widehat{o}^{\vee} \widehat{mote}$  por  $\widehat{tai/joku}^{\vee} \widehat{kin}^{\vee} \widehat{o}^{\vee} \widehat{mot}^{\vee} \widehat{te}^{\vee}$  'levando a aposentadoria'  
 $\widehat{rjokosurukotonifi}$   $\widehat{mafita}$  por  $\widehat{rjo/koo}^{\vee} \widehat{suru}^{\vee} \widehat{koto/ni}^{\vee} \widehat{fima}^{\vee} \widehat{fita}^{\vee}$  'resolvi viajar'

Nos materiais didáticos consultados, alguns, quando fazem referência ao aspecto fonético da língua limitam-se a apresentar as características dos sons da língua; outros, não fazem nem mesmo referência ao aspecto fonético do japonês. O aspecto rítmico da língua é praticamente ignorado pela maioria dos autores. O material desenvolvido pela Universidade de Tsukuba<sup>(1)</sup>, e por Mizutani, N. e Mizutani, O.<sup>(2)</sup> apresenta uma preocupação com o ritmo do japonês, através da introdução de dados informativos sobre a mora e exercícios de baseados em grupos bimoraicos. Em *Nihongo Kyoiku Handobukku* (Manual de Ensino de Japonês)<sup>(3)</sup> existe um capítulo sobre o aspecto sonoro da língua com dois parágrafos que fazem referência ao ensino. Embora a referência ao ritmo da língua seja breve, a orientação sobre o assunto que se destina aos professores sobre o assunto é importante. Segundo o Manual, no dialeto de Tóquio é importante que se observe a isocronia das moras, mas para que o desempenho da língua resulte natural, o ensino deve mostrar que o ritmo se baseia no grupo de duas moras. Dessa forma, a pronúncia da palavra como *konnitiwa* seria realizada como [koj-nit(ji-wa)], baseada em batidas.

O volume 12 da série *Japanese for Foreigners: Hatsuon-Chokai (Pronunciation & Task Listening)*<sup>(4)</sup> diferentemente de outros manuais, apresenta uma abordagem da língua que leva em conta o aspecto rítmico do japonês. Essa descrição baseia-se na proposição de sílaba longa e sílaba breve conforme o número de moras presentes nas sílabas: a sílaba breve seria constituída de uma mora (C(G))V, e a sílaba longa constituída de uma mora (C(G))V + uma mora especial.

Esta proposta, no entanto, poderia não levar ao resultado esperado com relação à realização das sílabas longas, principalmente pelos aprendizes cuja primeira língua se caracteriza pelo ritmo acentual como é o caso do português. Os alunos realizariam as sílabas longas do japonês como uma sílaba travada do português (C)VC, anulando, com isso, o papel da mora especial dentro da sílaba longa do japonês. Consideramos que a proposta apresentada em Hatsuon-Chokai parte de uma perspectiva do analista e não do usuário representado pelos aprendizes da língua. Trata-se de uma organização elegante em que as unidades moras são incorporadas em uma unidade maior, a sílaba, mas com possibilidade de, em termos fonéticos, resultar no apagamento das moras nasais e principalmente das moras consonantais, devido à similaridade que essa unidade apresenta com a estrutura da sílaba do português, como vimos nos exemplos acima.

Para os falantes de português - língua que não possui distinção fonológica na duração das unidades silábicas - torna-se difícil a apreensão e a realização do contraste fonológico entre as unidades longa e breve, principalmente quando esse contraste se baseia na atualização de duas moras versus uma mora. O alongamento da unidade moráica a que o falante recorre, sem marcação de limite articulatorio e/ou acentual seria uma tentativa de interpretar foneticamente a seqüência representada por duas moras.

Embora esta proposta esteja sujeita a realizações desviantes em termos da pronúncia esperada, temos que admitir que ela é mais apropriada em termos rítmicos do que aquela que se baseia apenas em unidades moráicas, porque leva em conta a organização bimoraica no caso das sílabas longas.

A determinação de que o ritmo do japonês se realiza por meio de um pé bimoraico traria um ponto de apoio para a realização do ritmo da língua. Podemos dizer que não havendo essa delimitação do grupo rítmico, inexistiria o ritmo propriamente dito porque a seqüência sonora se caracterizaria como uma sucessão de unidades, sem uma organização rítmica, com risco de comprometer a sua compreensão, em alguns casos. A dificuldade no caso do japonês estaria na ausência de um apoio, como a proeminência acentual, que vem marcar o ritmo das línguas acentuais. O controle de tom alto e baixo que se baseia na

relação de altura seria complexo para o falante acostumado a expressar a acentuação por meio de acento de intensidade.

(Notas)

(1) Tsukuba Language Group. *Situational Functional Japanese* (vol. 1 a 3). Tokyo: Bonjinsha. 1992.

(2) Mizutani, O. and Mizutani, N. (1977). *An Introduction to Modern Japanese*. Tokyo: The Japan Times.

(3) The Society for Teaching Japanese as a Foreign Language (org.) *Nihongo Kyoiku Handobukku* (Manual de Ensino de Japonês). Tokyo: Taishukan. 1990.

(4) Toki, S., and Murata, M. (1989). *Hatsu-on Chokai* (Pronunciation & Task Listening); Nagara, S. (org.) *Japanese for Foreigners*, vol. 12. Tokyo: Aratake.

## CAPÍTULO 7 -CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos na Introdução, o objetivo principal deste trabalho foi o de compreender o papel da sílaba no ritmo do japonês, considerando que as moras, definidas como constituintes das sílabas, são também definidas como unidades de ritmo da língua. Nessa definição, não se determina exatamente o papel ocupado pela sílaba no ritmo do japonês: a) as sílabas leves, por serem formadas por uma mora, acabam tendo um papel que se confunde com o das moras, sem distinção na sua função; e b) as sílabas pesadas, formadas por duas moras, são caracterizadas como uma unidade fonológica que apresenta apenas um tipo de realização (cf. Hattori, 1976), sem determinação do papel que ocupa na língua, e como uma unidade de acento (cf. McCawley, 1968).

A proposta de unidade bimoraica baseada em Bekku (1977) e Poser (1985, 1990) permite que se depreenda uma organização rítmica subjacente do japonês, o que não acontece com a definição proposta para o ritmo baseada apenas em unidades moraicas. No entanto, como discutimos no capítulo 3, a proposta de pés bimoraicos traz algumas insuficiências porque não apresenta uma definição do domínio e da construção dessas unidades. Em Bekku (1977) e Poser (1985), a bimoraicidade é determinada a partir da contagem que se faz do começo de uma cadeia; enquanto que, em Poser (90), essa segmentação se faz da direita para esquerda. A falta de uma definição precisa dessa unidade bimoraica traz, como consequência, casos em que a cabeça (a primeira mora) do pé é ocupada por uma mora não plena, decorrente também da falta de uma determinação dos limites da palavra fonológica, em cujo domínio se constroem os pés bimoraicos.

Com base na análise em pés troqueus moraicos, a sílaba é considerada a organizadora das moras: a sílaba leve é formada por uma mora plena, e a sílaba pesada é formada por uma mora plena mais uma mora especial, esta última portadora de restrições tais como a de não ocupar a cabeça do pé e não ser portadora de proeminência acentual. Considerando que existem diferenças nos tipos de moras, constituintes primitivos do ritmo, esta organização no nível da sílaba evita segmentações inadequadas na estrutura métrica. Nesse sentido, a mora constitui a unidade primitiva do ritmo tendo a sílaba como

organizadora das moras e como provedora de elementos para a constituição da unidade pé.

Ao propor para a unidade sílaba um papel de mediadora entre o pé e as moras, podemos confirmar as afirmações de Hattori (1976) e de Kubozono (1994) com relação às sílabas pesadas. Para Hattori, a sílaba pesada caracteriza-se por apenas um tipo de realização fonética como [CVC], [CV:] diferentemente das unidades formadas por duas sílabas breves que, dependendo do contexto da fala, podem ser realizadas como uma sílaba ou como duas sílabas; para Kubozono, por sua vez, considera-se que a sílaba pesada se caracteriza por uma pronúncia mais fácil quando comparada com uma seqüência de duas sílabas breves.

Segundo Soares (1994), não faz parte da preocupação daqueles que discutem a unidade mora como constituinte da sílaba questionar a incorporação da mora como um elemento necessário à estrutura métrica. Mesmo em um modelo que faz referência à mora na sua estrutura métrica, toma-se a sílaba como elemento organizador dessa estrutura. Diante disso, a questão que a autora apresenta é se haveria necessidade de se fazer referência à mora, isto é, à quantidade silábica na estrutura métrica, uma vez que existe uma referência inevitável à sílaba. Como resposta a essa questão, Soares mostra que a mora não poderia ser redutível à sílaba, porque existem casos como em Asheninca em que a referência à proeminência silábica é necessária para dar conta de partes do sistema acentual, enquanto que para outras partes do mesmo sistema acentual dessa língua necessita-se da referência à quantidade silábica.

Diferentemente do que acontece em Asheninca, que necessita das duas unidades para dar conta das diferentes partes do sistema acentual da língua, no caso do japonês, a sílaba não pode ser redutível à mora justamente porque, como afirmamos acima, ela é a responsável pela informação sobre a quantidade. Assim, mesmo que o pé se organize em termos de moras, a sílaba, como portadora de informação da quantidade silábica, exerce um papel decisivo na determinação do tipo de pé: o pé formado por duas sílabas leves e o pé formado por uma sílaba pesada. A sílaba do japonês seria, por sua vez, representada como segue: a sílaba leve possui a mesma representação da mora (C)V; e a sílaba pesada é representada por (C)V-{C,V,N}, isto é, formada por duas moras.

Podemos dizer que a mora pertence ao domínio da sílaba e do pé, da mesma forma que a sílaba e o pé pertencem ao domínio da palavra fonológica. Para uma língua que leva em conta a quantidade silábica, torna-se necessária, na construção dos pés, a referência não apenas às moras mas também às sílabas porque é a sílaba que carrega a informação de quantidade. A referência à quantidade silábica é necessária para a determinação do pé troqueu moraico representado por uma sílaba.

Consideramos que a definição do pé e da palavra fonológica com base em um critério que leva em conta o acento de intensidade, responsável pela marcação rítmica, não viria se chocar com o acento de altura que caracteriza a língua, porque o acento de altura do japonês seria uma marcação lexical, distintiva, sem relação com o ritmo da língua. Podemos dizer que o acento de altura, definido pelo seu caráter distintivo, é uma propriedade da palavra e da frase fonológica do japonês e exerce um papel decisivo na marcação entoacional dos constituintes prosódicos superiores. Nossa análise nos leva a ver que a estrutura métrica da língua deve ser analisada em termos de proeminência acentual, definida em termos de intensidade e marcadora de ritmo lingüístico, o que viria demonstrar a diferença entre o sistema rítmico e tonal em japonês (Haraguchi, 1988; Poser, 1990). Nesse sentido, seriam considerados dois tipos de acentuação que atuam sobre níveis distintos: o nível da organização rítmica baseada em proeminências que vão construir os pés; e o nível de acento lexical, baseado na marcação de altura que incide sobre as moras.

Com relação aos dados utilizados neste trabalho, podemos dizer que as realizações caracterizadas como desviantes daquelas que se esperam tanto no português quanto no japonês constituem elementos valiosos para o nosso estudo. Esses dados, que se caracterizam como atípicos, forneceriam elementos para a comprovação daquilo que foi proposto neste trabalho com relação às unidades constituintes do ritmo do japonês e aos elementos levantados no trabalho.

Os traços do japonês que, por serem características inerentes à língua, não são percebidos no desempenho de um falante nativo, podem ser verificados com maior clareza na realização do japonês pelos brasileiros, segundo as regras da sua língua materna. O recurso às regras da língua materna pode refletir os traços dessa língua na

realização de uma língua estrangeira (como verificamos nos dados do português dos japoneses).

No português falado pelos japoneses podem-se observar as características da fonologia do japonês, como a fala segmentada em grupos, em sua maioria, formados de duas moras e que se organizam em duas sílabas leves ou uma sílaba pesada. Esta característica que consideramos como resultante da aplicação das regras do japonês constitui uma evidência de que o ritmo do japonês se organiza em unidades bimoraicas, confirmando a análise proposta neste trabalho.

No japonês falado pelos brasileiros verificamos uma fala que, pelo seu caráter desviante (ausência das características do japonês), possibilita diagnosticar os traços do japonês que seriam decisivos em uma realização adequada da língua. Assim, a fala silabificada (ou moraificada) que reflete uma tentativa de realização segundo os padrões fonológicos do japonês, mostra que a organização bimoraica, elemento que caracteriza o ritmo do japonês, está ausente. A realização desviante dos brasileiros com relação às moras especiais, sem atribuir-lhes um tempo próprio dentro da sílaba, que resulta em uma realização inadequada aos padrões do japonês, seria uma outra evidência de que as moras possuem um estatuto próprio, e vão refletir no ritmo do japonês como uma unidade constitutiva do pé bimoraico.

Dessa forma, os desvios no japonês falado pelos brasileiros mostram não apenas a influência do português, mas refletem também os pontos “problemáticos” a serem levados em questão na análise e no ensino do japonês. Seria um tipo de comprovação “às avessas” daquilo que se procura, ou seja, a partir das realizações inadequadas dos falantes não nativos, determinar-se-iam os aspectos característicos da língua.

Através deste estudo verificamos que a sílaba e a mora ocupam lugares distintos na hierarquia prosódica da língua, cada uma exercendo um papel específico na organização rítmica da língua. Ao negarmos o ritmo de base moraica em japonês, dado que o ritmo exige uma marcação de proeminência dentro de uma seqüência, não representável pelas moras, propusemos, seguindo Hayes (1995) e Poser (1985, 1990), a caracterização rítmica do japonês baseada na Teoria Métrica. Dentro dessa proposta, a proeminência seria

expressa pela marcação acentual na unidade bimoraica pé (Bekku, 1977, Poser, 1985 e 1990), caracterizando o pé em termos de troqueu moraico. Verificamos que, ao definir o ritmo do japonês como organizado por uma alternância de unidades acentuadas e não acentuadas, definidas fonologicamente, a sílaba assume um papel significativo na estrutura métrica da língua: a sílaba como portadora de acento de intensidade vai marcar a proeminência rítmica e, como portadora de peso, vai informar a quantidade, determinando o pé métrico da língua.

## ABSTRACT

### THE ROLE OF THE SYLLABLE AND THE MORA IN THE RHYTHMIC ORGANIZATION OF JAPANESE

Traditional analyses of Japanese consider the mora to be both a unit of rhythm and a component of the syllable, although syllables are not defined in terms of rhythm. Here the role of these two elements is investigated. Using the notion of bimoraicity developed by Bekku (1977) and Poser (1985, 1990), the model of Prosodic Phonology (Nespor and Vogel, 1986), and the Metric Theory of Accent (Hayes, 1995) were used to determine the domain of the phonological word and the rhythmic foot.

The data utilized in the analysis consist of Portuguese spoken by Japanese individuals and Japanese spoken by Brazilians. Since they are extracted from the speech of non-native speakers, they are characterized by deviations from that which is expected for native speakers, thus furnishing elements of interest for the analysis of the syllable and the mora as rhythmic units in Japanese.

The characterization of rhythm of Japanese based on the isochrony of morae does not actually define the linguistic rhythm because they do not determine a rhythm resulting from the regular occurrence of a stressed element.

The use of the moraic trochee foot adopted here shed new light on the nature of the syllable as a unit of rhythmic foot of the language. In the case of Japanese, commonly considered a mora-timed language with pitch accent, in which one counts only the duration of the morae to describe the rhythm, the indication of syllable stress brings a new perspective to the organization of the rhythm of the language. The heavy syllable, defined as stressed (cf. Hayes, 1995), takes over a role in the prosody of the language as a unit of bimoraic foot, occupying the same status as a foot formed by two light syllables or two morae, independent of pitch accent. By separating morae from pitch accent and incorporating them in the foot unit, they acquire a role as carrier of strong or weak marking, thus defining their role as light syllables in the rhythm of the language. Morae constitute syllables, which in turn constitute the units of foot of the language.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abaurre, Maria B.M. (1992) "Os Estudos Lingüísticos e a Aquisição da Escrita", in *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. PUCRS: Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem.
- Abaurre, Maria B.M. e Wetzels, W.L. (1992) "Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica". *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 23: 5-18. Unicamp.
- Abaurre, Maria B.M. (1993) "The Rhythms of Speech and Writing", in Pontecorvo, Orsolini & Resnick (orgs.) *Children's Early Text Construction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., Publishers.
- Abe, Yasuaki (1987) "Metrical Structure and Compounds in Japanese" in Takashi Imai e Mamoru Saito (eds.) *Issues in Japanese Linguistics*, Dordrecht, Holland/Providence, USA: Foris
- Allen, George D. (1973) "Segmental timing control in speech production". *Journal of Phonetics*, 1: 219-237
- Allen, George D. (1975) "Speech rhythm: its relation to performance universals and articulatory timing". *Journal of Phonetics* 3: 75-86.
- Allen, W. Sidney (1973) *Accent and Rhythm - Prosodic Features of Latin and Greek: A Study in Theory and Reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press
- Beckman, Mary (1982) "Segment Duration and the 'Mora' in Japanese". *Phonetica* 39: 13-135.
- Bekku, Sadamori (1977) *Nihongo no Rizumu* (O Ritmo do Japonês). Tokyo: Kodansha
- Benguerel, André-Pierre and D'Arcy, Janet (1986) "Time-warping and the Perception of Rhythm in Speech". *Journal of Phonetics* 14: 231-246.
- Bisol, Leda (1992) "Aspectos da Fonologia Atual" *DELTA*, vol. 8(2): 263-283.
- Bloch, Bernard (1950) "Studies in Colloquial Japanese IV. Phonemics". Martin Joos (ed.) *Readings in Linguistics I - The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-1956*. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.
- \_\_\_\_\_ (1946) "Studies in colloquial Japanese II". Martin Joos (ed.) *Readings*

*in Linguistics I - The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-1956*. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.

Camara Jr., Joaquim Mattoso (1977) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes.

\_\_\_\_\_ (1978) *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Editora Vozes.

Clark, Mary M. (1987) "Japanese as a Tone Language", in Takashi Iwai and Mamoru Saito (eds.), *Issues in Japanese Linguistics*, Dordrecht/Providence: Foris

Clements, George N. and Keyser, Samuel J. (1983) *CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable*. Cambridge: The MIT Press

Clements, George N. (1990) "The role of the sonority cycle in core syllabification", in Kingston, John e Beckman, Mary E. (ed.s) *Papers in Laboratory Phonology I - Between the Grammar and Physics of Speech*. Cambridge: Cambridge University Press.

Dauer, R. M. (1983) "Stress-timing and syllable-timing reanalyzed". *Journal of Phonetics* 11: 51-62.

Doi, Elza T. (1983) *A interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (SP)*. Campinas: Unicamp. Dissertação de Mestrado.

\_\_\_\_\_ (1995). "A realização das Moras 'Especiais' do japonês no desempenho de falantes brasileiros". *Estudos Japoneses*, nº 15:23-33. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP.

Fourakis, Marios and Monahan, Caroline B. (1988) "Effects of Metrical Foot Structure on Syllable Timing" *Language and Speech*, 31 (3): 283-306

Fudge, E.C. (1969). "Syllables". *Journal of Linguistics* 5: 253-286.

Giegerich, Heinz J. (1985) *Metrical Phonology and Phonological Structure - German and English*. Cambridge: Cambridge University Press.

Halle, M. e Vergnaud, J-R (1987) *An Essay on Stress*. Cambridge: MIT Press.

Han, Miyoko (1992) "The Timing Control of Geminate and Single Stop Consonants in Japanese: A Challenge for Nonnative Speakers", *Phonetica*, 49: 102-127

Haraguchi, Shosuke (1988) "Pitch Accent in Japanese" in Harry van der Hurst and Norval

- Smith (eds.) *Autosegmental Studies on Pitch Accent*. Dordrecht: Foris.
- Hashimoto, Shinkiti (1971 [1948]) *Kokugohoo kenkyuu* (Estudos sobre a Língua Japonesa). Tokyo: Iwanami.
- \_\_\_\_\_ (1973 [1959]) *Kokugo Bunpoo Taikai-ron* (Estrutura da Gramática da Língua Japonesa). Tokyo: Iwanami.
- Hattori, Shiro (1976 [1960]) *Gengogaku no Hoohoo* (Métodos em Linguística). Tokyo: Iwanami.
- Hayes, Bruce (1989) "Compensatory Lengthening in Moraic Phonology" *Linguistic Inquiry* 20: 253-306.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Metrical Stress Theory - Principles and Case Studies*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Hoequist Jr., Charles (1983) "Durational Correlates of Linguistic Rhythm Categories" *Phonetica* 40: 19-31
- Hoequist Jr., Charles (1983) "Syllable Duration in Stress-, Syllable- and Mora-Timed Languages". *Phonetica* 40: 203-237
- Hyman, Larry M. (1985) *A Theory in Phonological Weight*, Dordrecht/Cinnaminson: Foris
- Inkelas, Sharon and Zek, Draga (1995) "Syntax-phonology Interface" in Goldsmith, John A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell.
- Ioup, Georgette and Weinberger, Steven H. (eds.) (1987) *Interlanguage Phonology - The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers.
- Itô, Junko and Mester, R.Armin (1995) "Japanese Phonology" in Goldsmith, John A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell.
- James, Allan R. (1988) Review Article "Marina Nespov & Irene Vogel (1986). Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris Publications. Pp. xiv+327. *Phonology* 5.
- Kager, René e Visch, Ellis (1988) "Metrical constituency and rhythmic adjustment" *Phonology* 5: 21-71.
- Katada, Fusa (1990) "On the Representation of Moras: evidence from a Language Game". *Linguistic Inquiry* 21: 641-646
- Kindaichi Haruhiko (1967) *Nihongo On-in no Kenkyu* (Estudos sobre a Fonologia do

Japonês). Tóquio: Tokyodoo.

\_\_\_\_\_ (1970 [1957]) *Nippongo* (Língua Japonesa). Tokyo: Iwanami

\_\_\_\_\_ (1987) *Nihongo Seminar II - Nihongo no Shikumi* (Seminário de Japonês II - A organização da língua japonesa). Tokyo: Chikuma

Koori, Shiro (1992) "Prosody no Jiritsu-sei - Phrasing o sadameru kisoku nitsuite" (A autonomia da Prosódia: sobre a regra de determinação do phrasing). *Gengo* 21(9): 31-37

Kubozono, Haruo (1989) "The mora and Syllable Structure in Japanese: Evidence from Speech Errors". *Language and speech* 32(3): 249-278.

Kubozono, Haruo (1992) "Prosody no Fuhensei" (A universalidade da Prosódia) *Gengo* 21(9): 22-30

Kubozono, Haruo (1994) "Nihongo no Onsetsu-ryoo ni tsuite" (Sobre o peso silábico do japonês). *Kokugogaku*, 178: 7-17

Kuno, Susumu (1973) *The Structure of the Japanese Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Lieberman, Mark, and Prince, Alan (1977) "On Stress and Linguistic Rhythm". *Linguistic Inquiry*, 8: 249-336.

Lloret, Maria-Rosa (1991) "Moras or Skeletal Units? A Question of Parametric Variation". *Catalan Working Papers in Linguistics*, 149-165.

Major, Roy C. (1985) "Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese". *Language* 61 (2): :259-282

Massini-Cagliari, Gladis (1995). *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado.

Matsumori, Akiko (1989) "An autosegmental study of Japanese pitch-accent systems". *Gengo Kenkyu* 95, 120-143.

McCawley, James D. (1968) *The phonological component of a grammar of Japanese*. The Hague:Mouton.

\_\_\_\_\_ (1978) "What is a tone language?". In Victoria Fromkin (ed.) *Tone: a linguistic survey*. New York:Academic Press. 113-132

- Miller, Roy A. (1967) *The Japanese Language*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company.
- Miyamoto, Tadao (1989) *Modeling Tone and Intonation in Japanese*. Tese de Doutorado. University of Victoria
- Mochizuki-Sudo, Michiko, Kiritani, Shigeru (1991) "Production and Perception of stress-related durational patterns in Japanese learners of English". *Journal of Phonetics* 19:231-248
- Moraís, José; Kolinsky, Régine; and Nakamura, Miyoko (1996) "The psychological reality of speech units in Japanese", in Otake Takashi and Cutler, Anne (ed.) *Phonological Structure and Language Processing - Cross-Linguistic Studies*. New York: Mouton de Gruyter.
- Nakamura, Miyoko; Spagnoletti, Carmela; Kolinsky, Régine, and Moraís, José (1997). "Phonemic Awareness in alphabetically literate Japanese adults: The influence of the first acquired writing system". *Current Psychology of Cognition*. (no prelo).
- Nespor, Marina and Vogel, Irene (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht/Riverton: Foris
- Ootaka, Hiromi (1987) "Nihongo no Onsetsu Kozo to Rizumu" (A estrutura silábica e o ritmo do japonês). *Gengo* 16(6): 82-92
- Ootaka, Hiromi (1992) "Niti-Eigo no On-in Kozo to On-gaku"(A estrutura fonológica e a música do Japonês e no Inglês). *Gengo* 21(9): 76-81
- Otake, Takashi; Hatano, Giyoo; Cutler, Anne; and Mehler, Jacques (1993). "Mora or Syllable? Speech Segmentation in Japanese". *Journal of Memory and Language* 32: 258-278.
- Poser, William J. (1985[1983]) *The phonetics and phonology of tone and intonation in Japanese*. Tese de Doutorado. MIT.
- Poser, William J. (1990) "Evidence for foot structure in Japanese". *Language* 66: 78-105.
- Port, Robert F. , Dalby, Jonathan; and O'Dell, Michael (1987) "Evidence for mora timing in Japanese", *Journal of Acoustic Society of America* 81(5):1574-1585
- Sakurai, S. (1985). "Kyootsuugo no Hatsuon de tyuuisubeki kotogara" (O que deve ser observado na pronúncia da língua padrão). Nihon Hoosoo Kyookai (org.) *Nihongo Hatsuon Akusento Jiten* (Dicionário de Acento do Japonês). Tokyo: Nihon Hoosoo Shuppan Kyookai. (pp. 128-134)

- Sato, Hirokazu (1992) "Prosody no Seisei - Onsei kara mita Prosody"(A geração da Prosódia: a Prosódia vista pela Fonética). *Gengo* 21(9): 58-65
- Sato, Yumiko (1993) "The Durations of Syllable-Final Nasals and the Mora Hypothesis in Japanese". *Phonetica* 50: 44-67
- Selkirk, Elizabeth (1984) *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: MIT Press
- Soares, Marília F. (1992). *O suprasegmental em Tikuna e a Teoria Fonológica* (2 vol.). Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_ (1994) "Do Tratamento Fonológico do Ritmo". *Letras de Hoje*, v.29:4 p.7-23, Porto Alegre.
- Spagnoletti, Carmela; Morais, José; Alegria, José and Dominicy Marc (1989) "Metaphonological Abilities of Japanese Children". *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal* 2: 221-244.
- Sugito, Miyoko (1989) "Onsetsu Ka Haku Ka: Cho-on, Hatsu-on, Soku-on" (Sílaba ou Haku?: Moras Longas, Moras Nasais e Moras Consonantais), in Sugito, M. (org.) *Nihongo no Onsei-On-in (I)*, vol. 2 da série Nihongo to Nihongo Kyoiku, Tokyo: Meiji Shoin
- Sugito, Miyoko (1992) "Prosody to wa nanika" (O que é a Prosódia?). *Gengo* 21(9): 16-21
- Suzuki, Hiroshi (1992) "Gengo gijutsu toshite no Prosody" (A Prosódia como uma técnica de linguagem) *Gengo* 21(9): 38-45
- Tabata, Toshiyuki (1986) "Nihongo no Onsetsu Kozo to Mora" (A estrutura da sílaba do japonês e a mora). In *Ooyou gengogaku Kooza 2*, Gaikokugo to Nihongo. Tokyo: Meiji Shoin.
- \_\_\_\_\_ (1989) "Nihongo no Onsetsu Kozo ni tsuite - Shuyobu to Shushokubu" (Syllable Structure in Japanese: Head-Modifier Dependencies) *Gengo Kenkyu* 95: 144-175.
- Tarone, Elaine E. (1987). "Some Influences on the Syllable Structure of Interlanguage Phonology". In Ioup, Georgette and Weinberger, Steven H. (eds.) *Interlanguage Phonology - The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers.

- Teranishi, R. (1980) "Two-moras-cluster as a rhythm unit in spoken Japanese sentence or verse" *Journal of the Acoustical Society of America*, 67; Supplement 1:40.
- Tokieda, Motoki (1968) *Kokugogaku Genron* (Princípios da Língua Japonesa). Tokyo: Iwanami.
- Troubetzkoy, N.S. (1976) *Principes de Phonologie*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Uwano, Zendo (1989) "Nihongo no Akusento"(O acento do japonês) in Sugito, M. (org.) *Nihongo no Onsei, On-in (I)*, vol.2 da série Nihongo to Nihongo Kyoiku, Tokyo: Meiji Shoin
- Vance, T.J. (1987) *An Introduction to Japanese Phonology*. New York: State University of New York Press.
- van der Hulst, Harry (1984) *Syllable Structure and Stress in Dutch*. Dordrecht: Foris.
- Vatikiotis-Bateson, Eric and Kelso, J.A. Scott (1993) "Rhythm type and articulatory dynamics in English, French and Japanese". *Journal of Phonetics* 21: 231-265
- Yoshida, Hiroshi (1981) "The Mora Constraint in Japanese Phonology". *Linguistic Analysis*, 7(3).
- Yoshida, Shohei (1990) "A government-based analysis of the 'mora' in Japanese". *Phonology* 7: 331-351.
- Wenk, Brian J. and Wioland, François (1982) "Is French really syllable-timed?". *Journal of Phonetics* 10: 193-216
- Wetzels, W. Leo (1995) *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Zubizarreta, M. L. (1980) "The Formal Interaction of Harmony and Accent: the Tone Pattern of Japanese", in H. van der Hulst and N. Smith (eds.), *The Structure of Phonological Representations*, Dordrecht: Foris
- Zwicky, Arnold M. (1984) "Clitics and Particles", in Zwicky, A. and Wallace, Rex (eds.) *Papers on Morphology*. Working Papers in Linguistics, 29. The Ohio State University.
- \_\_\_\_\_ (1985) "Clitics and Particles". *Language* 61: 283-305

Nihongo Hatsuon Akusento Jiten (Dicionário de Acento do Japonês), organizado por NHK  
(Nihon Hoosoo Kyookai). Tokyo: Nihon Hoosoo Shuppan Kyookai. 1985.